

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

IGOR ALVES DANTAS DE OLIVEIRA

CARL ROGERS NA EDUCAÇÃO DE ENSINO MÉDIO

SÃO PAULO

2015

IGOR ALVES DANTAS DE OLIVEIRA

CARL ROGERS NA EDUCAÇÃO DE ENSINO MÉDIO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título do mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ingrid Hötte Ambrogi

SÃO PAULO

2015

O48c Oliveira, Igor Alves Dantas de.
Carl Rogers na educação de ensino médio / Igor Alves Dantas de Oliveira. – 2015.
102 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

Referências bibliográficas: f. 98-102.

1. Carl Rogers. 2. Psicologia da aprendizagem. 3. Ensino médio. I. Título.

CDD 370.15

IGOR ALVES DANTAS DE OLIVEIRA

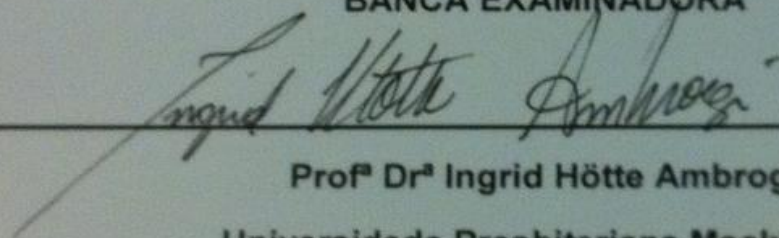
CARL ROGERS NA EDUCAÇÃO DE ENSINO MÉDIO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título do mestre em Educação, Arte e História da Cultura.

Orientadora: Profª Dr.ª Ingrid Hötte Ambrogi

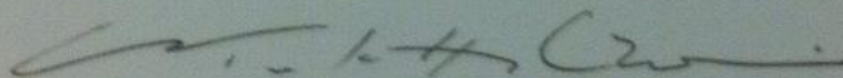
Aprovada em 7 de 8 de 2015.

BANCA EXAMINADORA



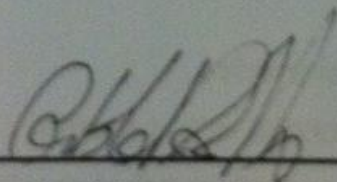
Profª Drª Ingrid Hötte Ambrogi

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Profª Drª Maria da Graça Nicolleti Mizukami

Universidade Presbiteriana Mackenzie



Profª Drª Carlota J.M. Cardozo dos Reis Boto

Universidade de São Paulo

*Where is the life we have lost in living?
Where is the wisdom we have lost in knowledge?
Where is the knowledge we have lost in information?*

T.S. Eliot

Vovó, quando eu era pequeno você me falava para estudar. Fiz isso e nunca mais parei. Hoje sou um professor. Obrigado.

Dedico este trabalho a você.

Agradecimentos

É incrível e bela a forma como a vida humana toma seus próprios rumos e nós tenhamos tão pouco poder de escolha sobre ela. A vida simplesmente segue, ignorando nossos planos, desprezando nossa ânsia por controle, ironizando os contratempos que se apresentam pelo caminho. A vida escolhe por nós, se encarregando das coincidências e destinos, cabendo-nos talvez decidir o que comer no almoço ou que filme assistir em um sábado de chuva. As escolhas realmente importantes, não somos nós que tomamos – por mais que a vida nos iluda a pensar assim. É ela que ao fim do dia te apresenta às novas rugas desta experiência humana e cumpre o delicado papel de colocar e tirar de nós pessoas que nos são especiais. Por isso sou grato, pois quis a vida, até o presente momento, que eu conhecesse pessoas maravilhosas, que em corpo ou em espírito, permitem que a minha caminhada por este mundo se torne muito mais linda e agradável.

Agradeço ao meu pai, pela figura sempre presente em minha formação intelectual, que sempre depositou confiança na minha capacidade acadêmica, principalmente nesta fase do mestrado.

Agradeço à minha mãe, pela sensibilidade nos meus momentos mais introspectivos, e pelas muitas vezes que refletimos juntos, ela como psicóloga, eu como educador, sobre as neuroses que o atual sistema de ensino tem provocado nas crianças e jovens.

Agradeço aos meus avós, Plínio e Gracia, Luíz e Emília, pela sabedoria dos antigos e pelo carinho especial que apenas os avós são capazes de oferecer. Agradeço também aos meus tios e tias, primos e primas, por enobrecerem a vida em família.

Agradeço aos meus amigos, e estes sabem que é sobre eles que me refiro, pela alegria que me trazem. Que os momentos de sorrisos se multipliquem a cada ano e que brindemos por muito tempo a oportunidade do encontro. Agradeço em especial à Carol, pelo amor e carinho. Obrigado por estar do meu lado em todos os momentos

Agradeço aos professores do programa de Educação, Arte e História da Cultura, da Universidade Mackenzie, porque com eles pude realizar incontáveis viagens interiores, promovendo meu desenvolvimento como pessoa e como educador. Em especial, agradeço à professora Ingrid Hötte Ambrogi, que confiou no meu trabalho, que se dispôs a me orientar e que me deu a segurança necessária para acreditar que resgatar Carl Rogers é um movimento importante.

Agradeço a CAPES pelo auxílio-taxa que financiou em parte a realização desta pesquisa.

Agradeço aos professores do Núcleo Interdisciplinar de Professores da FAAP, que com suas múltiplas formações e pensamentos, me obrigam diariamente a pensar em coisas novas e conhecer teorias e assuntos dos quais nunca havia ouvido falar. Em especial agradeço ao professor Luiz Alberto Machado, vice-diretor da Faculdade de Economia da FAAP, pelo incentivo em seguir meus estudos de mestrado na área da Educação, Arte e Cultura.

Agradeço aos professores e alunos do colégio em que realizei esta pesquisa, pelo espaço oferecido pelo colégio, pela confiança neste trabalho, pela crença e pela vontade de melhorar a educação brasileira. Em especial, agradeço à Mantenedora do Colégio, Camila, que será sempre uma referência para mim nos assuntos sobre educação, pelo apoio para a realização desta pesquisa.

Agradeço, em especial, a duas pessoas que com muito profissionalismo têm me apoiado, Rita e Dalka. É impossível dimensionar a importância de vocês nestes últimos anos para meu desenvolvimento pessoal.

Agradeço finalmente a Deus, porque Ele, como o grande mestre da vida, permitiu que estes encontros fossem possíveis e orientou meu caminho para que seguisse por esta difícil, mas nobre missão que é a de ser um educador.

Resumo

O presente trabalho de pesquisa tem como proposta, discutir a aplicabilidade da abordagem humanista de Carl Rogers na educação de ensino médio. O ponto de partida foi uma entrevista realizada com alunos de ensino médio de uma escola particular na cidade de São Paulo. A metodologia empregada foi a etnopesquisa, uma vez que o pesquisador e seu objeto estão imbricados; primeiramente foram descritas, as informações sobre a escola em que foi realizada a pesquisa, bem como as características da turma entrevistada. Posteriormente, foi apresentado um estudo sobre a abordagem humanista de Carl Rogers, mostrando sua abordagem como um contraponto ao Behaviorismo de B.F. Skinner, que também ganhava força na década de 1970. A experiência descrita nessa pesquisa buscou vivenciar um modelo que gerou alteridade ao atual modelo de educação do ensino médio seguido pela escola, de focar a aprendizagem nas provas de vestibular, que não promove a aprendizagem significativa, isto é, uma aprendizagem que provoque mudanças de pensamento e comportamentos nos alunos. A análise da entrevista mostrou que os alunos, apesar de não conhecerem a teoria de Carl Rogers e sua abordagem, estão em busca de uma educação bastante próxima à sugerida pelo autor. A partir da abordagem de Rogers, e das experiências durante as aulas de Sociologia e Filosofia, foi constatado que é possível ter uma escola mais reflexiva, centrada no aluno, em que este passe por um processo de autodescoberta para que então possa significar sua aprendizagem, tendo o professor como um facilitador deste processo.

Palavras-Chave: Carl Rogers; Psicologia da Aprendizagem; Ensino Médio.

Abstract

The present research proposes, from an interview conducted with high school students in a regular school, and a literature search on the humanistic approach of Carl Rogers, to discuss the applicability of the author's theories in high school education. It is introduced, first, the information about the school in which the survey was conducted, as well as the characteristics of the interviewed group. Also, it is presented the "*etnopesquisa*", methodology chosen for this work. Hereafter, I perform a study of the humanistic approach of Carl Rogers for Psychology and Education, showing his approach as a counterpoint to B.F. Skinner behaviorism, which also gained strength in the 1970s. Thus, pointing out that the current education model followed by the school, to focus the schooling on examinations for entering college, is not promoting meaningful learning, that is, learning that motivates changes in thinking and behavior in students. The interview analysis shows that students, despite not knowing Carl Rogers and his approach, are looking for an education fairly close to that suggested by the author. From the Rogers approach, it is suggested a more reflective school, centered on the student, where he or she will pass through a self-discovery process and therefor, a meaningful learning experience, having the teacher as a facilitator of this process.

Keywords: Carl Rogers; Learning Psychology; High School.

Sumário

Introdução.....	1
Capítulo 1. A verdade por trás das carteiras escolares.....	6
1.1 A Escola.....	6
1.2 A proposta pedagógica e a visão da escola.....	7
1.3 A turma do 3º ano do Ensino Médio de 2013.....	9
1.4 As aulas de Sociologia e Filosofia.....	12
1.5 Metodologia da Pesquisa.....	14
1.6 A entrevista com os alunos do 3º ano do Ensino Médio.....	16
1.7 Considerações Iniciais sobre a entrevista.....	19
Capítulo 2. Carl Rogers: Um visionário na educação.....	22
2.1 Terapia Centrada no Cliente e Educação Centrada no Aluno.....	25
2.2 O Professor-Facilitador.....	27
2.3 Relação Professor-Aluno: Controle e Liberdade.....	30
2.4 A Ditadura do Conteúdo e a Aprendizagem Significativa.....	39
2.5 Aplicabilidade da abordagem humanista de Carl Rogers na educação....	51
2.6 A Escola no Mundo Contemporâneo.....	56
Capítulo 3. Velhas respostas para novas perguntas.....	63
3.1 Tornar-se Pessoa.....	64
3.2 O Professor Facilitador e a Relação Professor-Aluno.....	69
3.3 Controle e Liberdade.....	74
3.4 Aprendizagem Significativa e a busca pelo sucesso.....	80
3.5 Argumentos contrários à Abordagem Humanista Rogeriana.....	89
Considerações Finais.....	94
Referências Bibliográficas.....	98
Apêndice	

Introdução

Este trabalho versa sobre a proposta pedagógica derivada da abordagem humanista de Carl Rogers em uma sala do 3º ano do ensino médio atual. Este tema surgiu a partir de uma inquietação pessoal quando comecei a dar aulas para o ensino médio de uma escola particular de São Paulo. Convivendo com os alunos e recordando a minha época de estudante, percebi que este período da vida dos alunos é muito angustiante. Por um lado esta é a fase da vida em que passamos a nos interessar por uma infinidade de assuntos, vivemos de ideologias e nos revoltamos com qualquer coisa que nos incomode. Por outro, é a fase em que mergulhamos em um marasmo escolar porque, salve algumas poucas escolas com propostas bem singulares, somos bombardeados com conteúdos que aparentemente não serão de grande utilidade em nossas vidas futuras.

O ensino médio é um período agitado para os adolescentes. No Brasil permanece firme a ideia de que para ser um profissional competitivo no mercado de trabalho é necessário portar um diploma superior, de tal modo que os cursos técnicos, por mais importantes que sejam e garantam um profissional adequado para atuar, são desprestigiados por boa parte da população. Isso explica a intensa busca de todas as classes sociais por escolas de nível superior.

Para a classe média com a qual trabalho, o ensino médio é uma obrigação. Os alunos são cobrados por seus pais a ingressarem em uma universidade para que assim, tornando-se mais competitivos, possam garantir empregabilidade. Entretanto, venho observando que estamos produzindo jovens neuróticos em ingressar no ensino superior muito embora, na maioria das vezes, eles não saibam nem mesmo em que curso desejam ingressar. Parece-me que a importância está em passar no vestibular e entrar na faculdade, mesmo que a incerteza do curso continue habitando a mente do jovem.

Enquanto observava este comportamento, estudei a abordagem humanista de Carl Rogers, tanto para a psicoterapia, quanto para a educação. Com isso, percebi que, apesar de ser um autor de algumas décadas atrás,

suas ideias talvez pudessem resultar em grandes avanços no pensar pedagógico do ensino médio atual. Rogers possivelmente repudiaria o sistema escolar destes jovens do ensino médio que se volta para o estudo de conteúdos cobrados nos exames de vestibular, sem garantir o aprendizado significativo dos mesmos. Os alunos com que trabalho estão desmotivados e apáticos na sala de aula não por estas características fazerem parte do universo adolescente, mas sim, porque o que se ensina na escola já não faz o menor sentido para estes jovens. Os anos de ensino médio “correspondem a um período muito delicado na vida do indivíduo. É um período de transição em que ainda não é um adulto e já não é uma criança” (EVANS, 1979, p. 66) e naturalmente possuem curiosidades muito diversas sobre o que está acontecendo em suas vidas, que vão além da sala de aula.

Com isso, procuro nesta dissertação discutir as questões atuais do ensino médio, utilizando como base minha experiência como professor de uma escola de Ensino Médio utilizando como base teórica o psicólogo Carl Rogers. Acredito que este autor, por vezes esquecido nas escolas, possa contribuir para repensar o ensino médio atual, seja para procurar significar a aprendizagem, adequar a relação professor-aluno, ou mesmo para democratizar o ensino, de tal forma que os alunos possam ser mais ativos em uma educação auto dirigida.

Procurarei contemplar outras visões, como as de Alexander Neill, Giorgio Agamben, Rubem Alves entre outros. De Agamben, utilizarei seu debate sobre o que é o contemporâneo, de forma a aprofundar a discussão sobre a complexidade da educação na contemporaneidade. De Neill, procuro resgatar alguns ideais da escola Summerhill, fundada por ele em 1892. De Alves, utilizarei alguns pensamentos sobre a escola e o aprender, relacionando-o com Rogers.

Este trabalho acadêmico possui algumas características peculiares. Verá, por exemplo, que optei por inverter a ordem comumente utilizada nas pesquisas acadêmicas. Ao invés de deixar para apresentar e analisar o objeto em um mesmo capítulo inicia com o objeto, para que seja observado, já no primeiro capítulo.

A própria maneira de realizar a pesquisa seguiu uma ordem distinta. Todo o trabalho se principia em uma entrevista que realizei com meus alunos do 3º ano de ensino médio no ano de 2013, sobre a percepção que eles tinham sobre a própria educação, utilizando para tal, dois materiais de apoio, um poema de Mario Quintana, intitulado “O Colegial”, e os trechos iniciais do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”.

Os resultados que obtive foram tão interessantes que decidi analisa-los mais a fundo. Após a gravação da entrevista, me debrucei a transcrevê-la e assim pude comparar seu conteúdo com algumas teorias que estudei ao longo das disciplinas de educação do mestrado, em específico a abordagem Humanista, que, como já citado, tem como um de seus principais representantes, o psicólogo Carl Rogers.

Considero interessante compartilhar a entrevista no início do trabalho para que ele também possa construir suas próprias impressões sobre o conteúdo transcrito, sem ainda estar influenciado pela análise que busco apresentar posteriormente. Em conjunto com a entrevista, apresento também questões relevantes sobre a escola destes alunos, as aulas de Sociologia e Filosofia nas quais fui professor deles, a missão e os valores da escola, entre outros temas.

Em momento algum apresento o nome da referida escola, uma vez que não considero esta uma informação importante, deixando claro, porém, algumas características da mesma que possam ser de interesse para compreender melhor o conteúdo das falas e as diretrizes deste trabalho. Da mesma forma, oculto o nome dos alunos que participaram da entrevista, optando por substituí-los pela letra A (Aluno) e os números de 1 a 19 (referente a cada um dos alunos participantes). Também me coloco na entrevista como P (Pesquisador).

Tendo apresentado o objeto de pesquisa no primeiro capítulo, procuro sinalizar algumas questões comentadas pelos alunos na entrevista para dissertar sobre alguns dos conceitos da psicologia humanista de Carl Rogers e suas aplicações na educação.

No segundo capítulo tratarei de conceituar a abordagem humanista de Carl Rogers para a educação, explicando e comentando algumas ideias do autor sobre a Educação Centrada no Aluno, a Relação Professor-Aluno, e a Aprendizagem Significativa, termos utilizados por Rogers. Fazendo isso espero direcionar a análise do trabalho para a comparação entre o que é idealizado por Rogers e o que foi debatido com os meus alunos na entrevista realizada com eles. Feito isso procuro contextualizar a escola nos tempos atuais e debater a aplicabilidade de algumas ideias de Carl Rogers no ensino médio da escola estudada, a partir das respostas que obtive de meus alunos.

No terceiro capítulo, portanto, revisitarei a entrevista realizada para analisá-la utilizando os conceitos de Rogers que apresentei no segundo capítulo, abrindo um debate sobre a escola no tempo contemporâneo. Acredito ser um momento oportuno para refletir sobre o ensino médio ligado aos tempos Cronos e Kairós, comparando as duas possibilidades de ensino a partir da dedicação a cada um desses tempos.

Por se tratar de uma pesquisa em educação e por eu, como professor, fazer parte do ambiente cotidiano de meus entrevistados, optei por realizar uma pesquisa qualitativa, procurando garantir a cientificidade que um trabalho acadêmico exige.

Como procuro me aprofundar nos conceitos de Carl Rogers, este trabalho é também fruto de uma pesquisa bibliográfica sobre o autor. Utilizei uma série de livros de Rogers, bem como de outros autores da área de educação que tratam sobre ele, como Maria da Graça Mizukami, Maria Lúcia de Arruda Aranha e Moacir Gadotti.

Meu objetivo com esta pesquisa é testar a validade dos preceitos de Carl Rogers numa escola provada de São Paulo. Penso que o ensino médio é um momento muito especial na vida estudantil das pessoas; ele pode ser muito bem utilizado para formamos um cidadão participativo e ético em sua sociedade, mas para isso devemos rever o que estamos fazendo com estes três preciosos anos, transformados, muitas vezes, em uma fase insuportável para os adolescentes.

Tratadas estas considerações prévias, começarei a expor meu objeto de pesquisa no capítulo que segue.

Capítulo 1. A verdade por trás das carteiras escolares

A experiência mostrou-me que as pessoas têm, fundamentalmente, uma orientação positiva. Acabei por me convencer de que quanto mais um indivíduo é compreendido e aceito, maior tendência tem para abandonar as falsas defesas que empregou para enfrentar a vida, e para progredir num caminho construtivo.

Carl Rogers

Neste primeiro capítulo apresento o objeto de estudo, detalhando e descrevendo a escola em que a pesquisa foi realizada, sua missão e seus valores, a turma do 3º ano do ensino médio, as aulas de Sociologia e Filosofia, além da metodologia da pesquisa e dos materiais utilizados para a realização da entrevista transcrita no final deste. O objetivo de entrevistar os alunos foi permitir que eles tivessem voz dentro do processo de aprendizagem, para que dissessem aquilo que pensavam e acreditavam sobre o sistema educacional em que estavam inseridos.

1.1. A escola

Esta pesquisa foi realizada em uma escola particular de ensino infantil, fundamental I, fundamental II e ensino médio para crianças e adolescentes de classe média-alta. A escola foi fundada em 1904 por uma professora de matemática que passou a dar aulas no porão de sua casa no bairro de Santa Cecília. Na época ela montou um curso preparatório para meninas para que estas estivessem capacitadas a passar no concorrido concurso da tradicional Escola Normal Caetano de Campos. A história da escola se confunde com a história da cidade de São Paulo. Em 1973, a escola mudou para a zona sul de São Paulo, onde permanece até hoje, no bairro da Chácara Santo Antônio.

Atualmente com oitenta e dois alunos no ensino médio, sendo uma turma de cada ano, composta por meninos e meninas, o colégio está passando por mudanças administrativas e pedagógicas. O corpo docente está sendo modificado, bem como a coordenação pedagógica. Ademais, os professores e

a comunidade escolar estão sendo convidados a pensarem a educação e a propor ideias pedagógicas para melhorar o ensino.

Por questões éticas optei por ocultar o nome da escola.

1.2 A proposta pedagógica e a visão da escola

Segundo o site da instituição, a escola possui uma proposta pedagógica Humanista, que respeita o desenvolvimento do ser humano. Parte do princípio de que a realidade do mundo em que vivemos reflete um cenário de incertezas, com a substituição de homens por máquinas no mercado de trabalho, de velocidade de informação, e que, portanto, o indivíduo que adentrará nesta realidade deve estar bem preparado para assumir seu lugar no mundo.

A visão da escola, descrita no site da instituição, é a de se reinventar. Não há uma preocupação da instituição em explicar esta ideia, de tal forma que questiono até que ponto uma escola deva ficar se reinventando. Por outro lado, entendo esta afirmação da forma como explica Gikovate:

A instituição é respeitada quando ela mesma, além de rigorosa, portadora de valores explícitos, honesta, pode também rever seus paradigmas e estar em permanente processo de renovação, o que não é nada irrelevante para o próprio processo educacional; indica que aquela comunidade está sempre buscando se aprimorar, agir com mais precisão e eficiência, pensar cada vez com mais rigor e próximo do que seja a verdade” (GIKOVATE, 2001, p. 42).

Seria importante que a escola em questão explica-se o que procura dizer ao afirmar que sua visão é a de reinventar-se, uma vez que, da forma como está colocada, transmite uma imagem de que a escola nunca está no caminho certo e por isso precisa ficar se reinventando. No site, a escola busca exercer os atuais papéis de forma diferente, além de desempenhar novos papéis, que por sua vez não são descritos.

Como missão, ainda segundo o site, a escola busca proporcionar um ambiente humano, físico e tecnológico para que o aluno desenvolva suas potencialidades de forma que possa contribuir para sua realização pessoal e

profissional, transformando-se em cidadão capaz de transformar a comunidade em que vive. Em nenhum momento, porém, discute-se no site da instituição o que se entende por realização pessoal e profissional.

A escola se coloca junto com a família para a formação do aluno e se compromete em formar um indivíduo com pensamento crítico, realizado e comprometido com a sociedade, oferecendo às crianças e aos jovens possibilidades de desenvolver as diferentes habilidades. Afirma ainda que não é possível educa-los sem entendê-los com suas inúmeras ansiedades e indagações.

Apesar do discurso humanista apresentado em todo site da instituição, observo alguns eventos no dia-a-dia da escola que parecem não convergir para aquilo que ela propõe. Não parece haver coerência entre os princípios apresentados pela escola e as ações realizadas em seu cotidiano. Em nenhum momento, no site do colégio, são citados pensadores da pedagogia que sirvam de embasamento teórico para o discurso humanista. Ademais, nem todos os profissionais da escola parecem ter o conhecimento do que significa ser uma escola humanista ou sabem quais são os pensadores que fundamentam esta abordagem.

É bastante comum observar nos dias de hoje escolas particulares que, por estarem inseridas no mercado, vendem-se como escolas humanistas para os pais dos adolescentes, intencionando ganhar novos alunos. Estas abordagens pedagógicas parecem agradar os pais que, muitas vezes, não sabem de fato o que elas propõem, apesar de muitos sentirem-se, como critica Alexander Neill, “peritos na educação” (NEILL, 1970, p. 65). Ademais, muitos pais também não tem clareza do que esperam da educação para seus filhos. Cria-se assim uma grande confusão pedagógica. Neste aspecto, a ideia de abordagem humanista parece ser mais um enfeite do que uma proposta pedagógica clara e coesa que poderia inspirar a coerência das ações neste momento vivido pela escola. Entretanto, é importante ressaltar, como já foi exposto, que a instituição pesquisada está passando por uma transformação com alterações no corpo de direção, coordenação e docência.

No ensino médio, esta realidade é ainda mais sentida, uma vez que os alunos se encaminham para prestar os exames de vestibular. Neste segmento é comum ver aulas que se aproximam de uma abordagem behaviorista, linha antagônica à abordagem humanista.

Discute-se muito o que os adultos desejam para a educação dos filhos e isto não é errado. Concordo com Gikovate (2009, p. 22) quando afirma que “educar implica, pois, transferir, para cada novo membro, os usos, os costumes e as normas acumuladas pelo grupo até aquele momento”. Entretanto, também acredito que o centro da aprendizagem deve estar no aluno; é ele o beneficiário. Por que então não paramos para ouvi-lo? Assumimos a postura de quem crê que sabe o que é melhor para o jovem estudante, acreditando ainda que eles não são capazes de pensar a educação. Talvez, dar espaço para que o estudante tenha voz e possa apontar aquilo que considere interessante para o sistema de ensino que está vivenciando, seja uma alternativa importante para que os educadores possam refletir e avaliar a possibilidade de transformar a educação, a partir do que ouviu de seus alunos, de maneira que ela fique mais significativa e coerente para os próprios estudantes. Por isso esta pesquisa partiu da proposta de escutar os alunos e refletir sobre o que eles pensam de sua educação.

1.3 A turma do 3º ano do ensino médio de 2013

Quando decidi pesquisar o Ensino Médio, tinha o intuito de debater as experiências cotidianas da educação com os meus alunos, dividindo o que os afligem como alunos e o que me afligem como professor. Para tanto, procurei focar em uma única turma e optei pelo 3º ano por alguns motivos. O primeiro deles foi a vontade de poder aprofundar o debate e, desta maneira, seria necessário uma turma com maior maturidade. Depois, porque por se tratar do último ano letivo daqueles alunos no colégio, eles já haviam vivenciado toda a experiência escolar, ou seja, certamente estavam preparados para comentar sobre suas impressões do ensino que tiveram. Por fim, considerei conveniente levantar o debate sobre educação com eles por estarem envolvidos diretamente com o período do vestibular. Sendo assim, poderia notar quais as

preocupações deles neste período, suas crises oriundas da pressão de terem de ser aprovados no ensino superior e a nostalgia natural de quem sabe que está passando por um momento de transição.

Assim, a turma convidada para participar da entrevista foi a sala de 3º ano do ensino médio do ano de 2013. A sala era composta por 29 alunos, meninos e meninas. Todos estudavam na escola há pelo menos dois anos, sendo que a maioria já tinha uma vivência na escola de pelo menos cinco anos.

A turma era bastante comunicativa e próxima dos professores, fato que contribuiu para a entrevista. Comecei a trabalhar com eles em 2012, quando estavam no 2º ano do ensino médio. Ao longo dos dois anos em que estiveram comigo, os alunos estudaram as teorias clássicas de Sociologia a partir dos pensadores Augusto Comte, Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, além de teóricos brasileiros como Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Gilberto Freyre e Fernando Henrique Cardoso. Também tiveram acesso aos conceitos de Contato Social, Grupos Sociais, Classes Sociais, Processos Sociais, Liderança, Simbologia, entre outros.

Em Filosofia, estudamos Felicidade, Consciência, Estética e Tempo. Nesta disciplina aproveitei para debater a forma como interpretamos a vida nos tempos atuais, como consumimos o desnecessário, como nos deixamos levar pelo inconsciente e o que consideramos belo e feio. O grande tema do ano, entretanto, foi o Tempo. Incentivado por minhas descobertas sobre Cronos e Kairós, apresentei a eles estas reflexões e realizei uma aula em conjunto com a professora de Literatura. Trabalhamos em sala o poeta Mario Quintana e suas poesias sobre o tempo. A aula foi muito importante para que os alunos aceitassem colaborar comigo em minha pesquisa.

Sinto que houve um profundo amadurecimento de meus alunos do 2º para o 3º ano, resultado de um trabalho conjunto dos professores da escola. No que diz respeito às minhas disciplinas, fiquei extremamente satisfeito com o resultado, uma vez que percebi uma grande diferença na forma de pensar dos alunos. Passados dois anos de estudos, meus alunos se transformaram em pessoas mais reflexivas, críticas e sensíveis. Alunos que antes não conseguiam se colocar no lugar do outro para interpretar o mundo começaram

a fazê-lo. Alunos que antes viviam em estado de competição passaram a ser mais colaborativos. Muitos que antes viam no dinheiro a maior fonte de felicidade existente tomaram consciência de que outras fontes são tão ou mais importantes. Mas o principal é que muitos alunos tomaram consciência de si, isto é, encontraram-se com sua essência e passaram a ser autônomos de seu próprio pensamento, assumindo a responsabilidade pelas suas escolhas e suas respectivas consequências.

Cerca de dois meses após a formatura deles, em que tive o prazer de ser paraninfo da turma, um de meus alunos que estava propenso a estudar Engenharia Civil por sugestão dos familiares entrou em contato comigo. Ele estava muito animado porque acabara de ser aprovado no curso de Música e estudaria para ser pianista. Ele sempre tocou piano e sempre foi fascinado pela música clássica. Agradeceu as aulas que teve comigo e a possibilidade que dei a ele, ao longo de minhas aulas, de pensar sobre sua própria essência e seus interesses pessoais, aquilo que lhe era significativo. Ele certamente teria estudado Engenharia Civil, iria se formar e conquistaria um bom emprego com um bom salário; teria deixado para trás o sonho da Música, que, no caso dele, era a representação de sua essência. Ele será um grande músico, tem talento para tal e está motivado porque estudará aquilo que gosta.

Outra aluna, uma dançarina nata, já tinha certeza de que estudaria Artes Cênicas, porque seu sonho era se transformar em uma atriz de musicais. Assim que se formou não quis saber do vestibular. Foi para Nova York fazer um curso de três meses exatamente nesta área. Ela está com apenas 17 anos e quando voltar irá entrar na faculdade de Artes Cênicas e se formará ainda jovem. Na escola, ela não compreendia porque tinha que estudar tanta matemática, física e química e reclamava por não ter aulas de Música, Artes e Educação Física no 3º ano do Ensino Médio. Às vezes me pergunto quantos talentos desperdiçamos porque colocamos na cabeça de nossos alunos que algumas matérias da escola são mais importantes do que outras, ou que ser bem sucedido significa ter dinheiro e que o trabalho não deve se misturar com aquilo que gostamos de fazer.

Hierarquizamos conhecimentos e ignoramos inteligências deixando o ensino médio engessado pelo vestibular. Os professores conscientes desta situação fazem milagres em sala de aula para tentar despertar o interesse nos alunos, mas sem uma mudança no modo de pensar a educação, ela continuará educando jovens para a padronização.

A maioria dos alunos da turma entrevistada que se formaram em 2013 foram aprovados em vestibulares de instituições reconhecidas ou foram fazer cursinho por desejarem estudar em alguma universidade pública.

1.4 As aulas de Sociologia e Filosofia

Durante o ano de 2013, além das aulas de Sociologia, também fui o professor de Filosofia para o terceiro ano do ensino médio. Desta forma, encontrava-me com os alunos duas vezes por semana em aulas de 50 minutos em dias diferentes, uma vez para Sociologia e outra para Filosofia.

Sempre procurei em minhas aulas permitir que meus alunos refletissem não apenas sobre a matéria que estávamos estudando no bimestre, mas também sobre os mais diversos assuntos que pudessem interessá-los. Percebi logo em minhas primeiras experiências na sala de aula, que não adiantaria eu me colocar como um professor tradicional que concentra o conteúdo em si para transmitir aos alunos. Optei por um modelo alternativo, que antes de conhecer Rogers não conseguia denominar, que tinha por base uma relação com meus alunos menos hierarquizada, além de bem-humorada. Ademais, procurava levar para a sala de aula temas do dia-a-dia que não necessariamente tinham ligação com a matéria das aulas de Sociologia ou de Filosofia. Um bom exemplo disto ocorreu com a morte do músico Alexandre Magno Abrão, o Chorão, da banda Charlie Brown Jr., em março de 2013. Sabia da importância deste cantor para meus alunos e para esta geração de adolescentes. Resolvi, portanto, prestar uma homenagem a ele em sala e montei uma aula apenas para debatermos sobre suas músicas, a ideologia por detrás das letras e o seu modo de viver a vida. Fiquei extremamente satisfeito com o resultado. Mesmo não tendo trabalhado o conteúdo programado para o dia, a aula foi excelente

para discutir questões como liderança e simbologia, temas vistos no ano anterior. Mais que isso, ela serviu para me aproximar ainda mais dos meus alunos, fato importante para todas as aulas posteriores. Senti que uma relação mais próxima e afetiva facilita o aprendizado, mesmo dos alunos que não possuíam interesse na matéria, além de permitir que eles conversassem de forma mais aberta sobre as angústias que vivem no último ano da escola. Para tanto, não precisei ser nada além do que sou. Conquistei o respeito de meus alunos demonstrando total respeito por eles, por suas opiniões, por seus gostos e suas individualidades, entendendo que cada um possui uma maneira muito própria de ver o mundo, apesar de haver tanto controle no sistema educativo que parece querer padroniza-los.

Tive a oportunidade de conversar com eles sobre as carreiras que iriam escolher e os motivos que os levavam a essa escolha. Muitos apontaram que seguiriam para determinada área por indicação dos pais. Compreendo a preocupação dos pais em relação à carreira dos filhos, ainda mais em um mundo tão competitivo como o que habitamos. Naturalmente, saúde financeira é fundamental para garantir estabilidade em um mundo instável. Por outro lado, os pais devem entender que seus filhos não são e não devem ser uma extensão de seus sonhos ou a chance de reverter expectativas frustradas. Os pais que procuram decidir (o que é diferente de orientar) a carreira que seus filhos devem tomar não permitem que seus filhos libertem-se para a própria vida e inevitavelmente podem causar um grande sofrimento aos mesmos. “Se seus filhos buscam outra estrada para a felicidade, o senhor, pai, poderá suspirar, mas deveria (...) dizer: ‘Eu fiz o que queria fazer. Eles têm o mesmo privilégio’”. (NEILL, 1972, p. 75).

Alguns alunos, depois dos muitos debates que tivemos, dentro ou fora da sala de aula, conseguiram descobrir algumas coisas de que gostavam e seguiram para aquilo que realmente gostariam de estudar no curso superior. De modo geral nas escolas, não estimulamos nossos jovens para pensarem sobre si, isto é, não permitimos que elas sejam aquilo que são, porque não damos espaço para esta reflexão. Forçamos o adolescente a entrar no curso superior, sem que ele tenha feito uma reflexão sobre sua própria existência para descobrir o que ele quer ser. Assim, parece que o importante é

simplesmente passar no vestibular, mesmo que não se saiba exatamente aquilo que se quer estudar no ensino superior.

Com o tempo, percebi que os alunos passaram a gostar cada vez mais das aulas de Sociologia e Filosofia. Passaram inclusive a questionar o fato de só terem uma aula de cada uma dessas matérias por semana, ao passo que tinham cinco aulas de matemática. O incômodo deles me serviu de motivação para me esforçar cada vez mais. Senti que poderia aproveitar a indignação da turma para motivá-los a participar da aula e aproveitá-la ao máximo possível. Eles se transformaram. Eram agora questionadores do sistema, revoltados com a ditadura do conteúdo e com a necessidade do vestibular. Notei que quando tomaram ciência desta realidade, passaram a valorizar ainda mais o debate filosófico e se interessaram pelos conteúdos das aulas não pela obrigação de passar de ano ou tirar boas notas, mas porque perceberam que cada uma das matérias da escola era uma oportunidade de entender o mundo de uma forma diferente. Sempre falei para eles que aprender é gostoso porque engrandece nosso espírito humano. Como ponteia Alves (2012a, p. 68), “educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade”. Estamos neste mundo para aprender.

1.5 Metodologia da Pesquisa

Minhas primeiras reflexões sobre o método científico que utilizaria para esta pesquisa surgiram com uma frase que li em um livro de Rubem Alves: “Um artigo científico é isso: o relato do caminho que se seguiu para se ir de um ponto de onde se partiu até o ponto aonde se chegou. Isso se chama método” (ALVES, 2011, p. 17).

Esta frase encontra-se no livro *Variações Sobre o Prazer*, que está longe de ser uma obra de metodologia científica. Entretanto, ela é uma definição bastante clara do que significa o rigor científico. Trata-se de expor com clareza os passos seguidos desde a intenção da pesquisa até os resultados colhidos por ela. Esta frase me inspirou a detalhar e descrever cada passo do caminho que percorri, mas ainda assim surgiram dúvidas.

Quando optei por estudar a abordagem humanista de Carl Rogers na educação, partindo de uma entrevista realizada com meus alunos de 3º ano de ensino médio, percebi que não poderia fazê-lo a partir dos métodos tradicionais da pesquisa acadêmica. Seria necessário buscar um método de pesquisa qualitativa que me permitisse participar do dia-a-dia da sala de aula. Como professor, seria muito difícil, provavelmente impossível, me afastar por completo do meu objeto de pesquisa que eram os meus alunos. Seria necessário encontrar uma maneira de interpretar o outro, compreender sua fala levando em conta sua vivência que incluía também suas experiências comigo em sala de aula. Diante desta realidade, decidi realizar a pesquisa tomando o cuidado de descrever cada passo que foi dado ao longo dos períodos de entrevista e reflexão.

Para a elaboração teórica desta pesquisa, me debrucei em muitas obras de Carl Rogers e percebi que havia ali uma maneira bastante própria de relatar as experiências e resultados obtidos em suas pesquisas. Foi possível notar que Rogers não está preocupado em se afastar da realidade pesquisada, ao contrário, ele é um pesquisador participante, que expõe suas impressões e utiliza linguagem em primeira pessoa para descrever suas observações. Sendo assim, a forma adotada para a descrição deste trabalho sofre grande influência e adota uma linha similar de pesquisa e descrição à utilizada por Carl Rogers em seus livros.

No decorrer das próximas páginas, trabalharei a realidade dos alunos da escola pesquisada e apontarei críticas relatadas por eles com as quais concordo. Será constante a presença de insatisfações referentes ao currículo da escola e ao sistema de vestibular, entretanto, é necessário que se diga que nesta pesquisa não se trata de ser a favor ou contra o currículo, mas sim, pensar a forma como o professor trabalha esses conteúdos.

No presente texto houve a preocupação de descrever aquilo que foi observado ao longo do ano em que estive com os alunos do 3º ano, tendo como foco principal a entrevista concedida por eles. Ela será utilizada para análise após uma apresentação dos conceitos da abordagem humanista de Carl Rogers na educação. O que busquei fazer foi compreender o que foi dito

pelos alunos para então combinar o conteúdo da entrevista com as ideias de Rogers, apresentando uma convergência de pensamento deste com a daqueles.

1.6 A Entrevista com os alunos do 3º ano do Ensino Médio

A entrevista foi realizada de forma coletiva na sala de aula do 3º ano do Ensino Médio na escola em que os alunos estudavam, após o horário letivo. Dela participaram 19 alunos de uma turma de 29, sendo 8 meninos e 11 meninas, todos com 17 anos de idade, que aceitaram o convite feito à todos e foram autorizados pelos responsáveis, uma vez que são menores. Todos os entrevistados foram meus alunos por dois anos e ao longo deste período sempre houve uma relação amistosa e respeitosa entre eles e eu.

Os alunos que participaram da entrevista possuem um senso crítico desenvolvido, apesar da imaturidade habitual da idade para o debate aprofundado de um tema complexo como é a educação. Formam um grupo que não teve conflitos com a escola e sempre foram elogiados pelos professores pelos modos educados, pelas atividades em grupo, pelas conquistas individuais, e pela determinação e esforço para defender um ponto de vista ou garantir seus direitos no colégio. Não por acaso, 6 dos alunos que participaram da entrevista já haviam trabalhado ou estavam trabalhando no grêmio estudantil da escola.

É importante ressaltar que os alunos não tiveram nenhum contato com as obras, ideias ou conceitos de Carl Rogers, e tampouco conheciam sua biografia, sua profissão e a relação que poderia ser traçada entre sua abordagem humanista e a educação daqueles jovens. O único momento em que conversei com eles sobre Rogers foi após o término da entrevista, quando já haviam exposto suas ideias, na tentativa de evitar influenciá-los nas respostas.

No momento da entrevista não havia outro professor em sala e eles tiveram total liberdade para se expressar da forma como quisessem sobre os questionamentos levantados.

Foram utilizados dois materiais de apoio antes da entrevista: Os trechos iniciais do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, do diretor Peter Weir, e a poesia “O Colegial”, presente no livro Baú de Espantos, do poeta gaúcho Mario Quintana.

O primeiro material foi escolhido com o intuito de chamar a atenção dos alunos para dois modelos diferentes de ensino. O primeiro modelo é representado pelo grupo de professores tradicionais da escola retratada no filme. As aulas destes professores seguem um modelo praticamente tradicional em que a base do ensino está no controle, na hierarquia e na repetição, como na aula de latim em que os alunos são orientados a repetir as palavras uma série de vezes. Estas aulas também são organizadas de forma a manter os alunos em silêncio. A relação dos professores com seus alunos é distante e hierarquizada, os professores são autoritários e o conteúdo é elemento central do processo ensino-aprendizagem. O segundo modelo apresentado é o Humanista. Este modelo é representado pelo professor John Keating (Robin Williams), um ex-aluno da escola que a conhece profundamente e que, portanto, opta por lecionar de uma forma divergente dos demais professores. A pedagogia do professor Keating apresenta características humanistas ao mostrar a relação de proximidade do professor com seus alunos, além de buscar novas formas de lecionar que procurem significar a aprendizagem.

O segundo material, por sua vez, fora escolhido com o intuito de sensibilizar os alunos para que estes, ao interpretarem o poema, pensassem sobre a sua própria realidade do Ensino Médio. Esperava que com este poema os alunos analisassem o modelo de ensino em que estavam inseridos. O poema utilizado é apresentado a seguir.

O Colegial

Mario Quintana - Baú de Espantos

O vento passa lá fora
E eu, no quadro negro imóvel
- ó muro de fuzilamento!

Morro sem dizer palavra.
O professor parece triste,
Talvez por outros motivos.
Manda sentar-me
E eu carrego
Ó almazinha assustada,
Um zero, como uma auréola...
Rezai, rezai pelas alminhas
Dos meninos fuzilados!
Por que é que nos ensinam
Tanta coisa?
Eu queria saber contar
Só com os dedos da mão!
O resto é complicação,
Um nunca mais acabar.
Eu queria mesmo era poder estudar
Teu corpo todo com a mão
Até sabê-lo de cor
Como um ceguinho
E o vento passa lá fora
Com a sua memória em branco.
O que ele viu, nem recorda...
E eu nada vi: só adivinho!

Após a sensibilização dos alunos com estes dois materiais de apoio, organizei a sala em círculo e começamos a conversar sobre o filme, o poema e a educação do ensino médio. As perguntas foram formuladas por mim antes da entrevista e procurei conduzi-las de acordo com os temas que os alunos iam abordando. Deixei que eles utilizassem quanto tempo quisessem para cada resposta, tendo a preocupação em manter a organização deles ao longo da entrevista. A gravação da mesma foi feita com um *tablet* e notei que muitos ficaram intimidados, inicialmente, em dar as opiniões sobre as perguntas que eu fazia. Durante a entrevista percebi que alguns alunos estavam dispersos e

não pareciam tão interessados em debater, mesmo havendo sido um convite que eles poderiam tranquilamente ter se negado a aceitar. Ainda assim, percebi que a maioria dos alunos contribuiu com suas ideias e foram se soltando à medida que nos aprofundávamos mais.

No terceiro capítulo analisarei a entrevista destacando alguns dos apontamentos de meus alunos. A entrevista durou cerca de duas horas e pode ser vista na íntegra no apêndice deste trabalho.

1.7 Considerações iniciais sobre a entrevista

Tomarei o cuidado para me aprofundar nas análises sobre a entrevista realizada com meus alunos apenas no terceiro capítulo, em que me dedicarei exclusivamente a essa tarefa. Entretanto, é válido tecer alguns comentários iniciais sobre algumas observações que fiz sobre o relato de meus alunos.

Tentarei fazer alguns apontamentos sobre como a fala dos alunos coincide com alguns conceitos de Rogers, que apresentarei no segundo capítulo. Também farei uma reflexão sobre alguns temas que me chamaram atenção ao longo da entrevista. Com isso passamos a construir juntos uma linha de raciocínio e um caminho pela educação humanista que pode ser bastante benéfica para construirmos um novo futuro em nosso sistema de ensino.

Um primeiro ponto que gostaria de apresentar é o debate construído pelos próprios alunos ao longo da entrevista sobre a função da escola. É possível perceber que eles se baseiam em suas experiências de vida e as impressões que possuem sobre como será a vida após estarem formados no ensino médio. Observa-se assim um claro debate entre uma escola que deve prepara-los para serem aprovados no vestibular de uma boa universidade, uma vez que “o mundo hoje é muito competitivo e quem não aguenta pressão tá fora” (A1) e uma outra escola que deva estar mais voltada para auxiliar o aluno em seu desenvolvimento pessoal, capacitando-o a participar da vida social, posto que “por mais que o mundo seja competitivo, a gente tem que se voltar

para a formação do cidadão” (A12). Entre os apontamentos também se observa que alguns entendem que “o problema não é ensinar a competir, pode ensinar a competir, mas não pode deixar de lado outras coisas. O problema da educação é a desumanização das pessoas” (A17). A questão da competição é, portanto, uma preocupação grande destes alunos que enxergam que a escola, de alguma maneira, deve discutir essa temática.

Mas o fato de alguns alunos estarem preocupados com o mundo competitivo que enfrentarão no futuro, e logo, sentirem a necessidade de serem mais competitivos, inclusive no vestibular, não exclui o fato de muitos estarem insatisfeitos com o que estudam na escola. A5, por exemplo, estava descontente ao dizer que “a gente tem que estudar o que a gente gosta”. Rogers certamente concordaria com ela e tentaria reconfortá-la, sabendo que a escola, tal como a escola pesquisada, não permite que o aluno se dedique a uma educação autodirigida. Da mesma maneira, A10 reclama que porque “a gente aprende tanta coisa, a gente tem tanta matéria, tantos livros, tantas coisas para aprender e, de verdade mesmo, a gente não tem conhecimento de metade do que a gente aprende”. Esta reclamação tão comum entre os alunos se dá pela falta de liberdade para aprender também o que se gosta e, principalmente, pela falta de significado dos conteúdos que são passados aos alunos. Rogers escreveu certa vez que “a ditadura do conteúdo sufoca a liberdade de aprender”, e é exatamente isso que observo em muitos destes alunos.

Outra questão interessante apresenta-se no fato de alguns alunos sentirem necessidade de se auto conhecerem. Não seria a escola um local adequado para fazê-lo? A11 comenta que “a gente aprende tanto sobre tanta coisa que a gente acaba não aprendendo sobre nós mesmos”. A educação deve permitir a auto descoberta, o contato com o eu interior, a realização da pessoa como pessoa. “Ser uma pessoa, eu diria que é encontrar a sua própria identidade”. A escola que possuímos, entretanto, dificulta este contato do aluno com sua própria essência, uma vez que se preocupa muito mais com o conteúdo a ser transmitido durante as aulas.

A questão da relação do professor com os alunos também foi debatida entre os estudantes que se posicionaram contra uma relação hierarquizada do primeiro sobre os segundos. Para os alunos, uma boa relação com o professor interfere na aprendizagem. “Não me sinto concentrada e nem interessada numa matéria onde eu não goste do professor”, relatou A7. Portanto, “a relação professor-aluno tem que ser uma relação amistosa” (A2) e “é importante o professor ser do jeito que ele é” (A9). Apesar de concordar com A9, é importante ressaltar que o professor deve ser do jeito que é, mas sabendo que existe um limite para isso, de tal forma que ele não pode ser qualquer coisa. Estando em um ambiente de ensino, é necessário que o professor tenha uma postura que esteja de acordo com o papel que exerce, portanto, o bom senso é fundamental para a prática pedagógica.

Todos estes relatos parecem coincidir com as propostas de Rogers para a relação professor-aluno. A noção de uma relação não hierarquizada e o convite ao professor ser aquilo que é ao invés de se esconder por trás da imagem de ‘professor’.

Nestes primeiros apontamentos já é possível perceber que se podem discutir muitas questões sobre a educação e a abordagem humanista de Rogers. Estes e outros debates serão retomados no terceiro capítulo. Para ele ficar mais claro ao é importante, primeiramente, explicitar a abordagem de Rogers, assunto que tratarei em seguida no segundo capítulo.

Capítulo 2. Carl Rogers: Um visionário na educação

Se acredito na capacidade individual de cada um desenvolver sua potencialidade individual, proporcionar-lhe-ei todas as oportunidades e lhe permitirei a escolha de vias próprias e sua direção pessoal na aprendizagem.

Carl Rogers

No presente capítulo apresentarei alguns dos pensamentos de Carl Rogers sobre educação, como a aprendizagem significativa, a relação professor-aluno, o professor facilitador e a educação centrada no aluno. Com isso, procuro debater as questões que considero relevantes do ensino médio atual, baseando-me, também, em minhas próprias experiências no magistério.

Carl Ransom Rogers nasceu em 1902, em Oak Park, Illinois. Formado em Psicologia pela Universidade de Columbia, mas também com formação em História, Rogers atuou por muitos anos como psicoterapeuta e lecionou nas Universidades de Rochester e de Chicago. Ele nasceu em uma família conservadora, com valores oriundos do protestantismo. Seus pais, ambos com formação superior, foram importantes para o desenvolvimento intelectual de Rogers. Muito interessado nos estudos religiosos, ele se matriculou em um seminário de Nova York, onde passou a ter contato com alguns psicólogos. Interessado na área mudou-se para o curso de Psicologia, na Universidade de Columbia e passou a estudar profundamente a filosofia de John Dewey, onde depois “recebeu seu doutorado do *Teachers College* da Universidade de Columbia em 1931” (VANDENBOS, 2010, p. 821). Durante toda sua vida, dedicou-se aos trabalhos clínico e acadêmico tendo, ao fim da vida, realizado uma série de encontros com líderes de diversos países para discutir os caminhos da paz para o mundo, o que lhe rendeu, em 1987, uma indicação para o Prêmio Nobel da Paz, concedido, naquele ano, a Óscar Arias por seus esforços para resolver as crises da América Central.

A abordagem humanista de Carl Rogers para a educação se opôs e serviu de contraponto à abordagem behaviorista de Skinner, que também fez

muito sucesso nos Estados Unidos, principalmente na década de 1970. A abordagem comportamentalista de Skinner entende que “o que o homem faz é resultado de condições específicas e, uma vez descobertas, podemos prever e até certamente determinar suas ações” (MILHOLLAN; FORISHA, 1978, p. 67). Piaget explica que esta corrente comportamentalista da psicologia contemporânea está baseada no condicionamento e possui como características: “criar e reforçar, por meio de exercícios e dos resultados da ação, um certo número de associações motoras ou verbais consideradas constitutivas dos conhecimentos ulteriores” (PIAGET, 2011, p. 13).

Skinner desenvolveu, a partir de suas pesquisas sobre o comportamento humano, a “máquina de ensinar”, que tinha como objetivo promover a aprendizagem nos alunos a partir de um condicionamento operante utilizando-se de reforços positivos. “Quando um comportamento tem o tipo de consequência chamada reforço, há maior probabilidade de ele ocorrer novamente” (SKINNER, 2006 p. 43). Os alunos, diante da máquina, realizavam atividades e, ao mesmo tempo, poderiam conferir se suas respostas estavam corretas. A resposta imediata e sua verificação garantiria ao aluno o aprendizado a partir do entendimento de seus acertos e erros. As máquinas de ensinar de Skinner foram consideradas uma verdadeira revolução na educação estadunidense. Por outro lado

Embora suas contribuições à psicologia lhe tenham trazido o respeito de cientistas em todo mundo, também lhe trouxeram a inimizade dos humanistas e psicanalistas. Ele é visto por alguns, como o arquétipo do cientista frio para quem o homem é simplesmente uma máquina que pode ser treinada a fazer sua vontade (MILHOLLAN; FORISHA, 1978, p. 46).

Em contraposição à abordagem behaviorista de Skinner está Carl Rogers com sua psicologia humanista. “A terapia centrada no cliente ofereceu uma importante alternativa às psicoterapias freudianas e behavioristas então dominantes” (VANDENBOS, 2010, p. 821). “Como aquela era uma época em que o estudo da psicologia girava em torno do comportamento de ratos de laboratório, (...) deixar pacientes (...) determinarem a direção do processo era um grande desafio para a profissão, e muitos condenaram suas idéias”

(BUTLER-BOWDON, 2012, p. 407). Por isso, tenho considerado cada vez mais Carl Rogers como um visionário do seu tempo. Suas ideias para a psicologia e, principalmente, para a educação me parecem ser fundamentais para melhorar o ensino dos tempos atuais e significar a aprendizagem para uma geração de jovens que está desestimulada para aprender no ambiente escolar. Estamos inseridos em uma sociedade dominada pelas quantidades de informação e de escolhas. No mundo altamente veloz, temos pressa para tudo, inclusive para aprender. Ironicamente, parece que a quantidade de escolhas nos está servindo como um desestimulante, uma vez que nunca estamos satisfeitos com aquilo que temos. Não por acaso, observa-se tantos casos de pessoas ansiosas, inclusive nas escolas.

Imaginemos um jovem de classe média que esteja cursando o primeiro ano do Ensino Médio em uma escola particular. É bastante provável que ele seja cobrado pelos pais, professores e colegas de turma a escolher o curso que pretende fazer na faculdade. Estamos falando, no caso, de um adolescente de 14 ou 15 anos, que tem acesso a toda tecnologia moderna, celulares e *tablets* com *internet*, conectados 24 horas por dia. Este jovem convive diariamente com a velocidade, seja pela comunicação instantânea com seus amigos em redes sociais ou pelas muitas pesquisas sobre diversos temas que faz ao longo do dia. Quando chega à escola, é obrigado, na maioria das vezes, a acompanhar um calendário semanal de aulas, fechado, inflexível e repetitivo. Em momento algum este jovem terá um momento de reflexão para pensar sobre sua rotina, sobre seus interesses, ou seja, sobre si. Tudo lhe parece chato e insignificante, a lentidão o incomoda, o desinteresse se instala porque neste mundo tudo lhe parece mais do mesmo. Curiosamente, me parece que o revolucionário é, na verdade, o simples. Dificultamos demais a educação, pensamos em transformar a sala de aula com novas tecnologias e esquecemo-nos do básico, como a relação professor-aluno; o encantamento do aprendiz e do educador, a paixão de um pelo outro e de ambos pelo que estudam; o prazer da descoberta. O que parece faltar na educação é um pouco do sentimento humano, é o aprender a se apaixonar por aprender. Para isso, entretanto, é preciso que o adolescente aprenda a investigar-se, e nisso o

tempo é fundamental. A pressa é inimiga e a pressão só piora a sensação de angústia.

O adolescente não recebe o apoio necessário para sobreviver neste sistema que os prepara para o vestibular e é por este motivo que tantos deles sofrem com a obrigação da escolha, especialmente no contexto das escolas particulares, em que muitos pais cobram dos filhos o retorno daquilo que neles foi investido. Apenas como exemplo, no ano de 2012, havia mais de 240 cursos de graduação diferentes cadastrados no Ministério da Educação. Diante da imensidão de possibilidades, como não se afligir com a obrigação da escolha? Formamos jovens para passar no vestibular e não para serem tomadores de decisão ou autônomos para seus próprios rumos.

Vejamos como as ideias de Rogers poderiam auxiliar para uma nova era da educação brasileira. Apresentarei na sequência alguns conceitos da abordagem humanista rogeriana.

2.1 Terapia centrada no cliente e educação centrada no aluno

O nome de Carl Rogers é bastante reconhecido na psicologia, tendo sido um dos psicólogos mais influentes de seu tempo. Sua “psicologia humanística gozou de grande popularidade nos anos de 1960 e 1970” (GOODWIN, 2010, p. 463). Da mesma forma que na psicologia, Carl Rogers foi também um pensador de muito prestígio para a pedagogia da década de 1970, embora já não seja tão comum ouvir falar sobre ele nos tempos atuais.

Ele desenvolveu uma série de conceitos para o atendimento terapêutico e os levou para o campo da educação. Um exemplo é a Terapia centrada no Cliente. “Ele prefere o termo ‘cliente’ ao invés de paciente porque o primeiro enfatiza uma participação ativa, voluntária e responsável do indivíduo nas relações terapêuticas” (NYE apud MORAES, 1985, p. 76). Rogers acredita que o cliente que o procura para sessões de terapia possui todos os recursos necessários interiorizados para resolver suas crises, e cabe ao terapeuta dar

aceitação autêntica e a clarificação das vivências emocionais expressas pelo cliente.

Em vez de tentar 'consertar' clientes, Rogers achou que era muito mais importante escutar completamente o que elas diziam, mesmo se parecesse errado, delicado, estanho, estúpido ou mau. Essa postura permitia que as pessoas aceitassem todos os seus pensamentos e, depois de várias sessões, curassem a si próprias. Rogers resumiu sua filosofia como 'simplesmente ser eu mesmo e deixar a outra pessoa ser ela mesma' (B, 2012, p. 405).

Rogers acredita, assim, que “o papel ideal do terapeuta (...) é o de submergir plenamente no mundo subjetivo do cliente” (ROGERS; KINGET, 1967, p. 45, tradução nossa). Aplicando este conceito na educação, Rogers deu origem à educação centrada no aluno.

O Ensino Centrado no Estudante nasceu embrionariamente durante os anos universitários de Carl Roger em Nova York (1924 – 1928), onde propusera uma nova forma de ensino, que tomava o aluno como centro do processo educativo, mediante um estilo de aula tão diferente quanto atrativo e estimulante, e que consistia em suprimir a aula expositiva e em aprender sozinho ou em grupos de trabalho sem a autoridade do mestre, cada qual se ocupando dos seus próprios interesses (PUENTE, 1978, p. 7).

Nesta abordagem, Rogers entende que o papel do professor não é o de ensinar, mas o de facilitar a aprendizagem (GADOTTI, 1999, p. 181). “O educador deve, não propriamente dirigir, mas criar condições que o aluno seja capaz de se guiar por conta própria” (ARANHA, 2006, p. 246).

Como o próprio Rogers (1978b, p. 16) explica, “o indivíduo tem dentro de si amplos recursos (...) para alterar seu autoconceito, suas atitudes e seu comportamento autodirigido que (...) só podem emergir se lhe for fornecido um determinado clima de atitudes psicológicas facilitadoras” (ROGERS, 1978b, p. 16). Com isso, ele entende que em todos os organismos existe um fluxo natural de movimento para realização construtiva. O homem possuiria dentro de si uma tendência para o desenvolvimento completo, entendida como tendência de realização. Ela estaria presente em todos os seres vivos e é nela que se

fundamenta a abordagem de educação centrada na pessoa (ROGERS, 1978b, p. 17).

Ocorre que para o indivíduo revelar estes recursos internalizados, capazes de resolver suas crises ou influenciá-lo para busca de novos conhecimentos, é necessário que este indivíduo debruce-se sobre ele mesmo, de tal modo que entre em contato com o seu interior. Fazer este exercício é algo complexo que pode exigir o apoio de um facilitador: na psicoterapia, o psicólogo, na educação, o professor.

2.2 O Professor-Facilitador

Meu pai, Carl Rogers, sempre foi o solo onde minhas raízes filosóficas se nutriram. Ele valorizava a inteireza de cada indivíduo, não só em suas palavras mas em sua maneira de viver.

Natalie Rogers

O ser humano, para Rogers, é curioso e guarda dentro de si a vontade de aprender. Esta, por sua vez, pode desaparecer com um sistema de ensino monótono e uma escola que não tenha significado para o aluno. O professor autoritário, controlador, também pode afogar o interesse do aluno em aprender. Logo, o bom professor facilitador promove uma atmosfera de compreensão e aceitação, fazendo com que o aprendiz tenha uma participação ativa, voluntária e responsável. O mesmo ocorre quanto o terapeuta consegue prover a mesma atmosfera ao seu cliente na terapia humanista. Rogers sugere, portanto, em sua abordagem humanista, que o terapeuta na psicoterapia, ou o educador na escola, deve assumir o papel de facilitador. Logo, como explica Aranha (2006), na educação, “o professor não comanda o processo de aprendizagem, mas é antes um “facilitador” da atividade do aluno”.

Segundo Rogers (1978a, p. 165-166), o facilitador de aprendizagem possui 10 características apresentadas por ele em “Liberdade para Aprender” desta forma:

- 1) O facilitador tem muito a ver com o estabelecimento da disposição inicial ou o clima do grupo da experiência em aula.
- 2) O facilitador ajuda a trazer à tona e a elucidar tanto os propósitos individuais, na classe, quanto os mais gerais do grupo.
- 3) Conta com o desejo do aluno de realizar os propósitos que têm sentido, para cada um, como força de motivação subjacente à aprendizagem significativa.
- 4) Empenha-se em organizar e tornar facilmente disponíveis recursos, para a aprendizagem, da mais ampla ordem possível.
- 5) Considera-se a si mesmo como recurso flexível a ser utilizado pelo grupo.
- 6) Correspondendo às expressões do grupo, na aula, aceita, a um tempo, o conteúdo intelectual e as atitudes emotivas, e se esforça para dar a cada aspecto, o grau de realce que lhe é emprestado pelo grupo ou pelo indivíduo.
- 7) Quando se estabelece o clima de receptividade, em aula, o facilitador está apto a se tornar, progressivamente, um aprendiz participante, um membro do grupo, exprimindo suas opiniões como as de um entre outros indivíduos.
- 8) Toma a iniciativa de compartilhar com o grupo, tanto seus sentimentos quanto suas ideias, de modo a não exigir nem impor, mas simplesmente a representar uma participação pessoal que os alunos podem acolher ou recusar.
- 9) Através da experiência, em aula, permanece atento às expressões de sentimentos profundos ou fortes.
- 10) No exercício das suas funções de facilitador de aprendizagem, o líder procura reconhecer e aceitar suas próprias limitações.

Nota-se que, apesar da importância do papel do facilitador na abordagem humanista, todas as atenções deste voltam-se para seus alunos. Neste sentido, esta abordagem coloca o aluno no centro, considerando-o, antes, uma pessoa. A abordagem humanista na educação valoriza muito as experiências pessoais dos alunos, pois estas são fundamentais para a formação do conhecimento.

O facilitador, por não considerar que os conhecimentos que possui são necessariamente os relevantes a serem transmitidos aos seus alunos, liberta-os para que realizem uma aprendizagem autodirigida. Logo, o importante não é o que se aprende, mas sim, aprender. O bom facilitador na educação é aquele que ensina o aluno a aprender. O aluno por sua vez, aprende a aprender.

Como dito, “os seres humanos são curiosos sobre seu mundo (...). Têm uma tendência natural para aprender, descobrir, aumentar o conhecimento e a experiência” (MOREIRA, 1985, p. 77). Quando eles, em condição de alunos, se encontram com um professor-facilitador, que seja “compreensivo e interessado, os alunos aprendem mais os ‘fundamentos’ e, além disso, apresentam maior criatividade e capacidade de solucionar problemas” (ROGERS, 1985, p. 11). O interesse dos alunos em descobrir sobre o seu mundo existe “até que, e a menos que, tal curiosidade seja entorpecida por nosso sistema educacional” (ROGERS, 1978a, p. 159).

Na prática, naturalmente, toda criança aprende, porque está na natureza delas assim proceder, embora, sob imposição, muito do aprendizado não passe de tarefa desagradável que impede a criança de aprender o que para ela tem maior atração, ou é mais útil (NEILL, 1978a, p. 161).

Como se vê, a pedagogia humanista está totalmente centrada no aluno e fundamenta-se “em torno do natural desejo de aprender do aluno” (ROGERS, 1978a, p. 160), uma vez que considera que este está em um constante processo de descoberta. Isto faz com que o professor tenha um papel diferente na educação, se comparado com outras abordagens pedagógicas.

O professor em si não transmite conteúdo, dá assistência, sendo facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências dos alunos. A atividade é considerada um processo natural que se realiza através da interação com o meio. (...) O professor não ensina: apenas cria condições para que os alunos aprendam (MIZUKAMI, 1986, p. 38).

A postura do professor-facilitador pode gerar dúvidas e críticas. Uma delas seria a que o professor-facilitador não teria uma atuação clara, uma vez que apenas esperaria os alunos demonstrarem interesse em algum assunto a ser estudado ou mesmo que não teria controle sobre sua turma, deixando-a

sempre livre para fazer o que bem entendesse, não garantindo, portanto, a aprendizagem. Entretanto, Rosenberg (1972, p. 16) explica que o “papel do professor não deve ser entendido como sendo passivo; cabe-lhe criar e transmitir condições em que o aluno se sinta incondicionalmente respeitado e aceito”. Fazendo isso, o professor está tomando para si a responsabilidade de ser um facilitador para a aprendizagem de seu aluno. Ao mesmo tempo, o aluno se sente seguro para aprender com liberdade e responsabilidade.

Dessa maneira, o professor concentra-se na criação de um clima propício e na apresentação de recursos. Pode também ajudar a colocar os alunos em contato com os problemas significativo. Mas não dá tarefas. Não determina leituras. Não faz conferência e nem dá explicações (a menos que lhes peçam). Não avalia e nem critica, a menos que o aluno queira seu julgamento sobre um trabalho. Não faz exames. Não dá notas. Talvez isto deixe claro que esse professor não está apenas “louvando” um tipo diferente de aprendizagem. Está de fato, operacionalmente, dando a seus alunos a oportunidade para aprender a ter liberdade com responsabilidade (ROGERS; STEVENS, 1991, p. 70).

Mas para que isso aconteça, a escola deve ter claro seu objetivo e ser coesa em suas ações pedagógicas e, se a abordagem humanista for sua escolha, deve entender que antes de receber um aluno, recebe uma pessoa inteira, com sonhos, angústias e curiosidades particulares, caso contrário, esta abordagem será completamente inútil. Como explica Queluz Garcia no vídeo de Carl Rogers da Coleção Grandes Educadores, “um aluno é uma pessoa em construção e não somente alguém construindo conhecimentos acadêmicos”.

2.3 Relação Professor-Aluno: Controle e Liberdade

Aprendi nas minhas relações com as pessoas que não ajuda a longo prazo agir como se eu fosse alguma coisa que não sou. A aprendizagem pode ser facilitada se o professor for congruente; se ele for a pessoa que realmente é, e se tiver consciência plena de suas atitudes.

Carl Rogers

Diante de tantas preocupações e receios que professores e administradores escolares têm em dar maior liberdade aos alunos de aprenderem e tornarem-se responsáveis pela própria aprendizagem, como a de perderem o controle sobre estes, Rogers (1985, p. 10), diferentemente, confia nos jovens e afirma que “num ambiente genuinamente humano, ao qual o professor pode dar início, um jovem pode ser respeitado, pode efetuar escolhas responsáveis, pode experimentar a emoção da aprendizagem” e assim poderá se transformar em um cidadão eficiente e interessado, confiante no futuro e competente em conhecimentos e habilidades (ROGERS, 1985, p. 10).

Naturalmente Rogers critica a abordagem tradicional de ensino. Ele rejeita a ideia de que “o adulto (...) é considerado como homem acabado, ‘pronto’ e o aluno um ‘adulto em miniatura’, que precisa ser atualizado” (MIZUKAMI, 1986, p. 2). Para os tradicionalistas, o ensino está centrado na figura do professor, ao passo que o aluno deve somente executar as orientações estabelecidas pelas autoridades exteriores (MIZUKAMI, 1986, p. 2).

Da mesma forma, Rogers também tece uma crítica rígida contra o behaviorismo de Skinner aplicado na educação, devido ao controle que este exerce sobre as pessoas. “A possibilidade de se controlar o comportamento humano por meio do conhecimento alcançado pelas ciências do comportamento (...) e é considerada como uma grande ameaça real” (ROGERS; COULSON, 1973, p. 56). Após uma explicação sobre alguns experimentos científicos de Skinner, Rogers explica:

Penso que de tudo isso ressalta, claramente, que o homem é uma máquina – uma máquina complexa, é certo, mas que se vai tornando, crescentemente, sujeita ao controle científico. Quer o comportamento venha a ser manejado através do condicionamento operante (...) ou, ainda, controlado por eletrodos no cérebro, parece, nitidamente, evidenciar-se que a ciência está fazendo do homem um objeto e que os propósitos de tal ciência não são apenas a compreensão e a predição, mas também o controle. (...) O homem é uma máquina, é destituído de liberdade (...); é simplesmente controlado por forças, planejadas ou não, exteriores a ele (ROGERS, 1978a, p. 250).

Diante desta situação, como deve ser a relação entre professor e alunos para que a aprendizagem se concretize sem a problemática do controle e se dê em liberdade na abordagem humanista rogeriana?

A ideia de liberdade para Rogers é essencialmente interior. É uma liberdade existencial, subjetiva, que nada tem a ver com a ideia de liberdade exterior. “Quando o ser humano fica interiormente livre para escolher o que quer que valorize profundamente, tende a valorizar os objetos, experiências e objetivos que permitam sua sobrevivência (...) e seu desenvolvimento, bem como (...) de outras pessoas” (ROGERS; STEVENS, 1991, p. 29-30).

Para explicar este pensamento, Rogers utiliza-se de outro psicólogo, o austríaco Viktor Frankl, fundador da Logoterapia: “Tudo pode ser tomado de um homem, menos uma coisa: a última das liberdades – a de escolher a sua própria atitude, sob qualquer das circunstâncias dadas, a de escolher o seu próprio caminho” (FRANKL apud ROGERS, 1978a, p. 253).

Frankl foi prisioneiro em um campo de concentração nazista durante boa parte da 2ª Guerra Mundial. Preso, analisou a condição da liberdade humana e escreveu que “a liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permiti-lhe, até o último suspiro, configurar sua vida de modo que tenha sentido” (FRANKL, 2008 p. 90). “Cada vez mais o ser humano moderno é acometido de uma sensação de falta de sentido, que geralmente vem acompanhada de uma sensação de ‘vazio interior’ (...), ‘vazio existencial’” (FRANKL, 2007, p. 100).

Observa-se, deste modo, que a noção de liberdade apresentada por Frankl, e tomada como exemplo por Rogers, denota uma liberdade interior que levaria o indivíduo à construção ou preenchimento de um sentido existencial. Ora, que outro significado mais digno poder-se-ia dar à educação que não à possibilidade da construção, por parte dos alunos, de um sentido existencial para suas vidas?

Nós, humanos, temos uma compulsão: entender o mundo e como fazemos parte dele como indivíduos e, coletivamente, como uma espécie. Essa busca, ativa desde os primórdios da civilização, mostra que não somos tão diferentes de nossos ancestrais: mudam os

métodos e as perguntas, mas não a necessidade de saber cada vez mais, de buscar por um sentido para a existência (GLEISER, 2014, p. 287).

Esta busca por significado, embora compartilhada por toda espécie humana, é uma experiência individual. “Somos criaturas em perpétua busca. Precisamos entender por que o mundo é do jeito que é e por que agimos como agimos. Olhamos em torno e para dentro de nós mesmos, e tentamos identificar uma causa por trás do que ocorre” (GLEISER, 2012, p. 295). Cada pessoa busca um esclarecimento para suas questões existenciais de modo singular, vivenciando e interpretando suas próprias experiências vitais. Assim, Rogers (1977) conclui:

Penso que é possível agora ver claramente por que razão não existe filosofia, crença ou princípios que eu possa encorajar ou persuadir os outros a terem ou a alcançarem. Não posso fazer mãos de tentar viver segundo a minha própria interpretação da presente significação da minha experiência, e tentar dar aos outros a permissão e a liberdade de desenvolverem a sua própria liberdade interior para que possam atingir uma interpretação significativa da sua própria experiência (ROGERS, 1977, p. 39).

Daí a crítica de Rogers frente a uma educação controladora que impossibilita o indivíduo de caminhar por si nas trilhas da aprendizagem. Nota-se que não estamos falando de amarras exteriores, mas, pior, do aprisionamento do interior do aluno que o impede de entrar em contato com sua própria essência; que não permite que ele descubra seus próprios interesses; que ao invés de instigar-lhe a curiosidade, afoga-o com conteúdos que comumente lhe causam monotonia e desinteresse.

Nesta concepção de liberdade e com a proposta de estudo auto dirigido, o grupo ganha um papel importante para Rogers, uma vez que ele se transforma em uma comunidade de aprendizagem. O que é descoberto e aprendido por um dos membros do grupo de forma individual, é compartilhado com os demais alunos. Sendo assim, cria-se um ambiente em que cada pessoa estuda e aprende aquilo que considera importante para sua vida e, em um segundo momento, os conhecimentos aprendidos individualmente são

compartilhados com os membros do grupo, criando-se assim uma malha de conhecimentos.

Assim, num grupo destes, o indivíduo acaba por se conhecer a si próprio e a cada um dos outros mais completamente do que o que lhe é possível nas relações habituais (...). Toma conhecimento profundo dos outros membros e do seu eu interior, o eu que, de outro modo, tende a esconder-se por detrás da fachada. A partir daqui, relaciona-se melhor com outros, não só no grupo mas também mais tarde, nas diferentes situações da vida de todos os dias (ROGERS, 2009a, p. 11)

O professor é, portanto, não apenas um facilitador, mas um libertador e um líder de grupos de encontro. Na visão de Rogers, a relação professor-aluno deveria ser banhada de confiança e afeto, e destituída de qualquer noção de hierarquia e controle. “Confiança na pessoa humana, eis a atitude básica de Rogers em psicoterapia ou em educação. Trata-se de uma confiança na capacidade que a pessoa tem de dirigir o seu próprio crescimento (...), em autodesenvolver-se” (PUENTE, 1978, p. 68).

Logo, avaliações e reforços positivos tão utilizadas na abordagem behaviorista de Skinner, deixam de ter sentido para Rogers, que prefere enxergar a confiança e o afeto que o professor demonstra aos seus alunos. Freire (1996) concorda com Rogers: “Preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (...). A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”. Mas também sinaliza: “O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético de meu dever de professor no exercício de minha autoridade” (FREIRE, 1996, p. 141).

Outro nome importante da abordagem humanista na educação é Alexander Neill, fundador da famosa escola de Summerhill no Reino Unido. Atualmente “Summerhill é um internato de rapazes e raparigas em pavilhões de madeira, situado num grande parque arborizado, mas recebe também alunos externos, a partir dos cinco anos de idade” (MONTEIRO, 2006, p. 112). Neill entende que “as crianças não necessitam tanto de ensino quanto de amor e de compreensão. Necessitam de aprovação e liberdade para serem naturalmente boas”. (NEILL, 1980, p. 112). Da mesma forma podemos entender a importância do afeto e da aprovação para o jovem do ensino médio.

O professor deve se apresentar como uma pessoa real aos seus alunos, contrariamente ao que se costuma observar quando o professor se apresenta exercendo controle por considerar que isto faz parte do papel de professor. Naturalmente, o professor não é somente mais um dentro da turma em que está atuando. “É importante lembrar que (...) o professor (...) se preparou (e ainda continua nesse processo) para isso, que escolheu livremente essa profissão (...) e que tem a autoridade para exercer seu trabalho” (KARNAL, 2012, p.109). Entretanto, se a autoridade se transforma em autoritarismo na sala de aula passa a haver uma hierarquia entre professor e alunos, ou seja, existe uma relação de poder entre eles. Esta relação pode ser prejudicial no processo de ensino porque parece sugerir que um dos lados possui os conhecimentos necessários para preencher o outro lado que nada teria para compartilhar, apenas absorver. Esquece-se que estes indivíduos, antes de se tratarem de professor e alunos, são pessoas que possuem experiências, angústias, sonhos, desejos e emoções próprias, que não deveriam ser ignoradas no processo educacional.

Considerando desse ponto de vista, sugere-se que o professor pode ser uma pessoa real, nos contatos com seus alunos. Será entusiasta ou entediado, interessado nos alunos ou irritado, será receptivo e simpático. Se aceita tais sentimentos como seus, não precisa impô-los aos alunos. Pode gostar ou não do trabalho do estudante, sem que isso implique ser, objetivamente, bom ou mau professor, ou que o estudante seja bom ou mau. Simplesmente diz o que pensa do trabalho, sentimento que existe em seu interior (GADOTTI, 1999, p. 182).

Rogers entende que o professor deve possuir três qualidades facilitadoras de aprendizagem: Autenticidade, Apreço e Compreensão Empática (ROGERS, 1986, p. 128).

A autenticidade ocorre quando o facilitador é uma pessoa real, sendo aquilo que é, apresentando-se aos estudantes como pessoa e despojando-se da máscara ou da fachada de professor. Atuando de forma autêntica, o facilitador pode viver seus sentimentos e comunica-los aos alunos. Esta qualidade permite que ele se encontre diretamente e pessoalmente com o estudante, uma vez que a relação se dá de pessoa para pessoa. O trabalho do facilitador é mais eficiente quando o aluno vê que o professor é, primeiramente, uma pessoa como ele próprio, e que não nega a si mesmo. Desta maneira, o

professor pode expressar seus sentimentos da forma como eles se constroem em seu interior. Ele pode se entusiasmar ou se entediar com a turma, se interessar ou se zangar com alguma atitude, ser sensível e simpático aos estudantes ou não gostar de algo produzido por eles. Exteriorizando seus reais sentimentos, o professor “constitui, para os seus estudantes, uma pessoa, não a corporificação anônima de uma exigência curricular ou um tubo estéril através do qual o conhecimento é passado de uma geração para outra” (ROGERS, 1986, p. 128).

Apesar disto, é bastante comum observar o professor optando por vestir uma máscara ou assumindo o papel de professor, despindo-se desta fachada apenas quando saem da escola.

Outra qualidade facilitadora positiva ao educador é o apreço, aceitação ou confiança. Rogers a descreve como um carinho não possessivo pelo estudante.

Penso nela como apreciar o estudante, apreciar os seus sentimentos, as suas opiniões, a sua pessoa. É um carinho pelo estudante, mas um carinho que não é possessivo. É uma aceitação deste outro indivíduo como sendo uma pessoa separada, que tem valor por si mesma. É uma confiança básica – a crença de que essa outra pessoa é, de algum modo, fundamentalmente digna de confiança. (...) Um professor desse tipo pode aceitar a apatia ocasional do estudante, seus desejos erráticos de explorar estradas secundárias do conhecimento, assim como os seus esforços disciplinados na consecução de objetivos mais importantes. (...) O que estamos descrevendo é o apreço por um estudante como ser humano imperfeito, com muitos sentimentos e muitas potencialidades (ROGERS, 1986, p. 130).

Observa-se que a importância atribuída por Rogers ao apreço ao aluno é grande. Apreciar o outro, aceitar e confiar nele são características interpessoais que possibilitam a aproximação entre as pessoas. Um aluno que percebe que seu professor está interessado nas suas ideias, que aceita aquilo que é exposto, respeitando as múltiplas opiniões, e que confia na capacidade dos alunos de se desenvolverem, aprenderá com muito mais liberdade. O aluno não temerá o professor, uma vez que não terá a preocupação de ser julgado por este. Ele confiará no professor, uma vez que percebe que o professor também confia nele.

Uma vez mais nos deparamos com a ausência de controle. O professor não está interessado em controlar seus alunos, tampouco se coloca numa posição hierarquicamente elevada. Ao contrário, o professor favorece a aprendizagem ao se colocar no mesmo patamar de seus alunos, mostrando que da mesma forma que eles, também está aprendendo diariamente.

A terceira das qualidades facilitadoras é a compreensão empática. Ela ocorre sempre quando o professor consegue compreender internamente o que se passa com o estudante, ou seja, quando entende como se apresenta o processo de educação e aprendizagem ao estudante. Rogers explica que “este tipo de compreensão é nitidamente diferente da compreensão avaliativa costumeira, que segue o padrão ‘eu sei o que está errado com você’” (ROGER, 1986, p. 131). Quando, ao contrário, existe uma empatia, o estudante não se sente julgado ou analisado, e pode se desenvolver com maior tranquilidade.

Quando o(a) professor(a) demonstra que compreende o significado, para o aluno, das experiências em sala de aula, a aprendizagem melhora. (...). Assim como na psicoterapia o cliente descobre que a empatia provê um clima de aprendizagem a respeito de si mesmo, o estudante também percebe em sala de aula que se encontra num clima propício à aprendizagem das matérias escolares quando diante de um professor que o compreende (ROGERS; ROSENBERG, 2012, p. 83).

Esta atitude de se colocar no lugar do outro, buscando entender o que se passa com ele, causa um efeito altamente libertador ao estudante. Sabemos, porém, que da mesma forma que a autenticidade e o apreço, a compreensão empática é quase inexistente em muitas das salas de aula, porque existe uma preocupação maior com o conteúdo a ser ensinado do que com a pessoa que está aprendendo. Aprender “não tem que ser trabalho desagradável, mas (...) nosso sistema educacional parece dar-lhe esse aspecto (...) condicionando os professores a lidarem apenas com o conteúdo intelectual, sacrificando os sentimentos” (LYON JR., 1977, p. 64).

Neste semestre, pude vivenciar uma situação que me convidou a atuar com estas características facilitadoras apresentadas por Rogers. Duas de minhas alunas do primeiro ano do ensino médio me procuraram para conversar. Elas se queixavam porque estavam aflitas. A primeira disse que se

sentia ansiosa, não conseguia entender bem o motivo, mas estava preocupada porque todos os colegas estavam falando sobre o vestibular, os professores conversavam com eles sobre o assunto em aula e em casa ela também estava sendo cobrada pelos pais para estudar, tendo como objetivo a aprovação em alguma faculdade. Naturalmente, por ser uma aluna de primeiro ano, ela ainda não estava decidida sobre o que estudaria na faculdade e estava angustiada com isso. Relatou-me que de vez em quando ela sentia um medo inexplicável e que já havia até mesmo deixado de sair com os amigos algumas vezes porque de uma hora para outra perdia a vontade de fazê-lo. Não tenho formação em psicologia, mas estes sintomas parecem-me frutos de um sério desconforto emocional. Desde a infância as pessoas estão sofrendo uma pressão demasiada, convivendo com o estresse e ansiedade.

A outra aluna disse estar com sintomas parecidos. Ela tem o sonho de estudar moda, e gostaria de fazê-lo na cidade de Milão, na Itália. Contou que ninguém acredita no sonho dela e que isso a está frustrando. Também disse que não está com pressa de entrar na faculdade, mas que está enfrentando muita pressão para tal. Relatou também que, ansiosa, chorava sempre antes de cada prova na escola e isso a estava incomodando muito. Por fim perguntou: “Igor, é possível estar ansiosa com algo que só vai acontecer daqui a dois anos?”. Evidentemente ela falava do vestibular.

Procurei acalmá-las, conversamos sobre o ritmo que levamos nossas vidas nos tempos atuais, as tantas possibilidades que temos diante de nossos olhos, as muitas escolhas que devemos fazer e assim elas aceitaram o desafio de procurar levar um dia por vez, vivenciando ao máximo o momento presente, planejando com consciência o futuro, mas sem deixar que os planos frustrem caso não se concretizem no momento que desejam. O resultado foi bom tanto para elas quanto para mim. No fim da conversa uma delas me agradeceu e disse: “Você é o único professor com quem podemos conversar sobre isso, sobre isto que a gente sente. Todos os outros só falam do vestibular”. A conversa com minhas alunas me aproximou delas. Observei nas aulas seguintes que elas estavam mais atentas às aulas e participavam mais. Isto só ocorreu porque me apresentei como pessoa inteira e elas puderam abrir para

mim suas emoções, apresentando-se também como pessoas inteiras e não somente alunas.

Vale ressaltar que apresentar-se como pessoa inteira significa ser aquilo que se é, deixando transparecer suas visões de mundo. Por este motivo, muitos professores se apresentam como pessoas inteiras, mas cada um possui uma visão diferente sobre o papel do professor e o papel da escola. Assim, cada um se apresenta de forma inteira de uma maneira diferente.

Portanto, concordo com Rogers em sua afirmação de que “se cada professor se estabelecesse a tarefa de esforçar-se por reagir (...) de modo não avaliativo, aceitante, empático, aos sentimentos demonstrados ou verbalizados de um estudante, (...) descobririam o potencial deste tipo de compreensão” (ROGERS, 1986, p. 132).

2.4 A Ditadura do Conteúdo e a Aprendizagem Significativa

“A ditadura do conteúdo sufoca a liberdade de aprender.”

Carl Rogers

Estamos acostumados a encontrar em muitas as escolas um cronograma fechado de atividades. Geralmente, observamos que a grade horária dos alunos é formada por um número específico de aulas de diferentes matérias. É normal que nele contenha mais aulas de matemática do que de história, por exemplo, da mesma forma como, frequentemente, nos anos de ensino médio, o estudo das artes, da música e da educação física sejam deixados para segundo plano, diante da necessidade de se preparar para o vestibular, que é hoje mais valorizado pela sociedade.

Se por um lado o currículo já é entregue montado e definido aos alunos pelas escolas, por outro, o que será estudado em cada uma das matérias também o é. Na escola a que estamos acostumados, cabe ao professor, em conjunto com a coordenação da escola definir os conteúdos que serão

passados aos alunos em cada mês, montando-se assim um planejamento bem estruturado de atividades.

A tentativa da escola, com isso, é garantir que o planejamento seja rigorosamente seguido por professores e alunos para que, ao final de um ciclo, todos os estudantes concluam o curso, tendo aprendido o necessário para avançarem para o ciclo seguinte.

Parece-me haver uma preocupação maior com o conteúdo a ser ensinado do que com o aluno que está aprendendo. Como já vimos, os seres humanos “são curiosos a respeito do mundo em que vivem, até que, e a menos que, tal curiosidade seja entorpecida por nosso sistema educacional” (ROGERS,1978a, p. 159).

O que levanto neste ponto do trabalho é a possibilidade de flexibilizar o currículo escolar, permitindo maior participação do aluno nas decisões daquilo que ele deseja aprender, levando em conta que alguns conteúdos são necessários quer ele queira ou não. Da maneira como apresentamos o currículo aos alunos hoje, passamos a ideia de que eles não têm conhecimento sobre qualquer assunto e que, portanto, devem aprender conosco, professores, aquilo que consideramos importante para seu enriquecimento intelectual. De maneira geral, a mensagem que passamos é a de que detemos o conhecimento e os alunos não; por isso estamos no controle. Não nego que os professores possuem um papel fundamental para contribuir no amadurecimento das ideias dos alunos e possuem muito conhecimento para compartilhar, entretanto, não devemos esquecer que os alunos são pessoas completas e complexas que já carregam consigo interesses particulares, curiosidades próprias e vontade de aprender determinados assuntos que lhe são relevantes. A partir do momento em que não damos espaço para que estes assuntos sejam buscados por eles dentro da escola, então todos do sistema de ensino, desde o professor até o diretor pedagógico, são responsáveis por desestimular a aprendizagem do aluno. Criamos assim a ditadura do conteúdo.

Um aluno desestimulado, desinteressado e entediado não aprende. Não adianta coloca-lo de castigo, reprimi-lo e atarefa-lo ainda mais, tudo isso

apenas servirá para que ele fique ainda mais desestimulado. Sufocamos assim a liberdade de aprender.

Não por acaso, uma das citações mais conhecidas de Rogers (1978) é justamente “a ditadura do conteúdo sufoca a liberdade de aprender”.

Considero que boa parte do conteúdo presente nas disciplinas do atual currículo escolar obrigatório é, inclusive, interessante e necessário. Porém, a forma como ele é abordado causa o desinteresse no aluno. Os professores devem ter uma atenção especial na forma de tratar os conteúdos, lembrando que ele está em contato com um grupo de pessoas que precisa se apaixonar pelo assunto que ele está apresentando ou discutindo. Apaixonar-se pelo conteúdo ou pela forma como ele está sendo tratado é uma das maneiras de favorecer a aprendizagem significativa. Como aponta Moreira (1999, p. 41), “atitudes e sentimentos positivos em relação à experiência educativa têm suas raízes na aprendizagem significativa e, por sua vez, a facilitam”.

O professor que deseje acentuar o pensamento em seu ensino precisa estar ciente das diferenças entre processo e produto na educação. Em resumo, o processo é a experiência (...) que um estudante vive ao aprender. O produto é o resultado final ou a ‘resposta’ (...). De modo geral, os educadores têm muita preocupação com o produto da aprendizagem, e não têm interesse suficiente pelo processo (RATHS *et al.*, 1977, p. 320).

Atualmente é comum vermos alunos entediados nas salas de aula. Aparelhos eletrônicos como celulares, *notebooks* e *tablets* invadiram as escolas e as universidades e nem sempre são utilizados das melhores maneiras possíveis. O professor passa a ter que competir com a tecnologia, esforça-se para conquistar a atenção dos alunos, tenta de tudo para fazê-los entender que o que tem a passar é importante para suas formações, mas parece que o mundo virtual é muito mais interessante. A escola então proíbe o uso destes aparelhos na sala (a não ser que seja solicitado pelo professor) e ainda assim os alunos continuam resistentes ao professor. Falta, neste caso, um estímulo. Falta significar a aprendizagem.

“Quase todo estudante descobre que extensas porções do seu currículo são, a seu ver sem o menor significado. Assim a educação se transforma na

frustrada tentativa de aprender matérias sem qualquer significação pessoal” (ROGERS, 1978a, p. 20). Por isso, “Rogers propõe como objetivo da educação uma aprendizagem significativa (...) em que o interesse e os motivos de aprender sejam do aluno” (PUENTE in: PENTEADO, 1980, p. 104).

Aprendizagem Significativa, para Rogers, é aquela que envolve não apenas a mente, mas sim a pessoa inteira. É uma aprendizagem repleta de sentido, é experiencial e autoiniciada, que combina as características lógicas do hemisfério esquerdo do cérebro, com as características lúdicas e criativas do hemisfério direito do cérebro.

A aprendizagem significativa combina o lógico e o intuitivo, o intelecto e os sentimentos, o conceito e a experiência, a ideia e o significado. Quando aprendemos dessa maneira, somos integrais, utilizando todas as nossas capacidades masculinas e femininas (ZIMRING, 2010, p. 38).

Rogers (1978a, p. 160) explica que “a aprendizagem significativa verifica-se quando o estudante percebe que a matéria a estudar se relaciona com os seus próprios objetivos”. Desta forma, o professor deve estar atento, uma vez que “aquilo sobre o que se fala tem de estar ligado à vida. O conhecimento que não faz sentido é prontamente esquecido” (ALVES, 2012b, p. 130). Com isso, devemos refletir por um momento se aquilo que oferecemos aos estudantes é equivalente aos seus objetivos particulares, ou se aquilo que ensinamos é importante para suas vidas. “Com frequência nos negamos a reconhecer que muito do material apresentado aos estudantes em salas de aula tem, para eles, a (...) qualidade desconcertante e destituída de significado” (ROGERS, 1978a, p. 20).

É bastante comum ouvir no Ensino Médio o professor procurando significar a aprendizagem dos estudantes dizendo que determinado conteúdo é importante porque será tema do vestibular. Ora, isto apenas será relevante ao estudante se ele estiver interessado em fazer vestibular, se já estiver decidido sobre qual curso ou universidade irá cursar, se considerar o vestibular algo importante para sua vida, ou se estiver temeroso em relação a como seus pais reagirão caso ele não seja aprovado em determinada faculdade. Caso contrário, os vestibulares serão meras “avaliações que nada avaliam, porque

(...), logo a maioria do supostamente aprendido é esquecido (...). Passado um ano, pouca coisa restará” (ALVES, 2012b, p. 130).

O professor deve procurar significar a aprendizagem de outras formas, tentando mostrar como o conteúdo que ele tem a oferecer está relacionado à atividade física que o aluno faz, à música que ele ouve, ao filme que ele vê, a alguma situação do seu dia-a-dia, ou mesmo causando-lhe espanto e curiosidade sobre algo. Isto nada tem a ver com a qualidade do docente, mas sim com a questão de que o Ensino Médio está inteiro pautado no vestibular, na visão da maioria das escolas. Para tanto, o professor possui um número fechado de aulas e um outro número (geralmente maior) de conteúdos a serem passados aos alunos, também fechado. Logo, a prioridade do conteúdo não favorece que o professor expresse-se criativamente, conduzindo a aula de uma maneira mais significativa ao seu aluno. O interesse volta-se para terminar o conteúdo e cumprir o planejamento. Deixa-se pra trás tudo o que poderia ser feito se não nos preocupássemos tanto com vestibular, deixa-se pra trás os projetos, as ideias criativas, as possibilidades de se aprender ludicamente, realizando mais aulas externas ou se divertindo com alguma brincadeira na sala de aula.

Recordo aqui das figuras de Cronos e Kairós. Cronos (ou Saturno para os romanos) era o Titã do tempo, pai de Zeus, Poseidon e Hades, que por medo de ser destronado por um de seus filhos, devorava-os assim que nasciam. Daí a ideia de que o tempo é o devorador dos homens. Cronos foi retratado por Rubens, em 1636, no quadro “Saturno devorando seus filhos”, e também por Goya, em 1823, no quadro “Saturno devorando um filho”, obras apresentadas na página seguinte.

Figura 1: 'Saturno devorando seus filhos', Peter Paul Rubens (1636)



Fonte: Saturn devouring one of his children [on line]. Disponível em: <<http://brunelleschi.imss.fi.it/galileopalazzostrozzi/object/PeterPaulRubensSaturnDevouringOneOfHisChildren.html>>. Acesso em: 12 de abr. 2014.

Figura 2: 'Saturno devorando um filho', Francisco de Goya (1823)



Fonte: Saturno devorando a um hijo [on line]. Disponível em: <<http://www.fundaciongoyaenaragon.es/goya/obra/catalogo/?ficha=660>>. Acesso em 12 de abr. 2014.

Conta a mitologia que Zeus conseguiu escapar de ser devorado graças à sua mãe, Reia, que ao invés de oferecer o filho a Cronos, enganou-lhe com uma pedra. Zeus cresceu e vingou-se de seu pai solicitando que fosse feita uma poção mágica para que ele regurgitasse os irmãos. Zeus transformou-se, assim, na nova divindade suprema da mitologia grega após ter aprisionado Cronos no Tártaro.

Cronos pode ser entendido como o tempo coletivo, o tempo “devorador de homens”, externo ao indivíduo. Cronos é o tempo no qual estamos todos inseridos, em que ocorrem os eventos do dia-a-dia, é o tempo que pode ser planejado e medido, ou seja, é o tempo do relógio. Não por acaso o poeta Mario Quintana escreveu certa vez: “O mais feroz dos animais domésticos é o relógio de parede: conheço um que já devorou três gerações da minha família”. É Cronos quem dá origem ao termo “tempo cronológico”.

O medo que os gregos antigos tinham de Cronos era combatido com outra figura que simbolizava o tempo: Kairós. Na mitologia grega, Kairós era filho de Zeus. Ágil e veloz, Kairós passava seus tempos correndo e caso alguém quisesse detê-lo, só poderia fazê-lo segurando sua franja, isto é, encarando-o de frente. Kairós pode ser interpretado como o tempo individual, o tempo interior, o tempo da percepção. Ele seria responsável pelas diferenças de percepção do tempo quando, em determinadas situações, uma pessoa pode sentir que o tempo está passando devagar e outra que o tempo está passando rápido. Kairós é o tempo da reflexão, que não se preocupa com Cronos. As atividades artísticas e reflexivas costumam estar associadas ao tempo Kairós que muitas vezes é chamado de tempo oportuno ou o tempo de Deus.

Assim como Cronos, Kairós também está representado nas artes. O escultor grego Lísipo, esculpiu uma imagem de Kairós que foi reproduzida pelos romanos em baixo relevo. Encontra-se no museu de Torino. Kairós também é visto em um afresco de Francesco Salviati. As obras são apresentadas na página seguinte.

Figura 3: Kairós em baixo relevo.



Fonte: Kairós [on line]. Disponível em: <<http://www.cronosgea.es/?p=324>>. Acesso em 12 de abr. 2014.

Figura 4: Kairós, representado no afresco de Francesco Salviati



Fonte: L'Ange de la Justice [on line]. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Francesco_Salviati_-_L'Ange_de_la_Justice.jpg>. Acesso em 12 de abr. 2014.

Cronos e Kairós travam um duelo constante na mente humana. Por um lado, vivemos em uma sociedade que está organizada cronologicamente e, portanto, devemos cumprir horários e seguir a rotina planejada, vivendo na ditadura do “tempo é dinheiro”. Por outro, reclamamos da brevidade da vida,

questionamos os motivos das coisas e comumente nos frustramos com a falta de significado. Por este motivo, gosto de interpretar Kairós como a oportunidade de refletirmos sobre o sentido da nossa existência.

O contato com estes conceitos me fez refletir muito sobre a possibilidade de utilizá-los para pensar a educação do ensino médio, uma vez que, “o conhecimento é, por excelência, uma obra temporal” (BACHELARD, 2010, p. 21).

Será que temos hoje uma educação Cronos ou uma educação Kairós? A preocupação das escolas estaria em formar um aluno capaz de refletir sobre sua condição humana para que se transforme em agente ativo de mudança social ou estamos diante de um ensino médio que busca preencher o aluno com conteúdos para aprova-lo para o ensino superior mediante uma prova de vestibular, levando em consideração que ele possui três anos para visitar todo o conteúdo necessário.

Acredito que temos, no Brasil, um número significativo de escolas de Ensino Médias demasiadamente preocupadas com o tempo Cronos, mas que seria muito mais significativo e interessante se seguisse o tempo Kairós. O professor-facilitador, inclusive, pode ser um indutor do tempo kairológico ao promover a curiosidade em seus alunos, gerando assim aprendizagem significativa. Aliás, não devemos justificar que não há tempo para se realizar atividades que promovam a aprendizagem significativa, ou que ela ocorre de forma lenta. Como Rogers (1978a) explica:

Quando uma pessoa tem algum objetivo a alcançar e vê que dispõe de um material relevante à obtenção do que quer, a aprendizagem se faz com grande rapidez. Lembremo-nos, apenas, o breve espaço de tempo necessário a um adolescente para aprender a dirigir um carro. É evidente que o tempo de aprendizagem de vários assuntos se reduziria a uma fração do que ordinariamente é empregado, se o aprendiz percebe que a matéria se relaciona com os seus objetivos pessoais. Provavelmente, bastaria um terço ou um quinto do tempo atualmente despendido (ROGERS, 1978a, p. 160).

Mas como podemos garantir a aprendizagem significativa a todos os alunos, se cada um deles é uma pessoa com interesses próprios e diferentes? Esta questão nos faz repensar todo o sistema atual de ensino, os assuntos que

consideramos relevantes ensinar, se o que ensinamos é aprendido e tantas outras questões. O fato é que há muitos conteúdos que mesmo para o professor não parece ser algo relevante, mas que a ele é imposto que seja ensinado. Consideramos importantes algumas questões de datas históricas, locais geográficos, fórmulas avançadas de física, nomes complicados da biologia, mas não existe o mesmo espaço ou não se dedica o mesmo tempo para debater com os estudantes sobre a condição humana, saúde financeira, sistema político, arte contemporânea e tantas outras coisas que farão parte da sua vida ou que o circundam diariamente.

Situação ainda pior ocorre quando um aluno cansado de tentar entender determinado assunto na aula pergunta ao professor “para que vou usar isto na minha vida?” e o professor, também sem saber ao certo a resposta opta por dizer somente “Esta matéria vai cair no vestibular!”. Matamos a curiosidade dos alunos quando respondemos assim. Na verdade, fazemos com que eles fiquem ainda mais desinteressados naquilo que estamos tentando ensinar, e se o conteúdo não tem significado, ele é rapidamente esquecido. Após alguns anos na escola, “quase todos os estudantes descobrem que grandes partes do seu currículo não têm sentido para eles. Desse modo a educação se torna uma fútil tentativa de aprender material que não possui significado pessoal” (ROGERS, 1985, p. 29).

Acredito profundamente que o ensino tradicional constitui uma função quase completamente fútil, desperdiçada, superestimada, no mundo mutante de hoje. Seu maior sucesso é dar às crianças incapazes de aprender a matéria um senso de fracasso. Também tem êxito em persuadir os estudantes a desistirem, quando se dão conta de que a matéria ensinada é quase completamente irrelevante para as suas vidas. Ninguém devia tentar aprender algo do qual não vê a relevância. Criança alguma jamais deveria experimentar o senso de fracasso que é imposto por nosso sistema de notas, pela crítica e pelo ridículo da parte de professores e outras pessoas, pela rejeição que se dá quando ela se mostra lenta em aprender (ROGERS, 1985, p. 145).

Por outro lado, “a aprendizagem é facilitada quando o aluno participa responsabilmente do seu processo” (ROGERS, 1978a, p. 163). Isto quer dizer que permitir que o estudante escolha o que quer aprender pode gerar um grande aprendizado para ele, desde que o professor-facilitador saiba como

ajudar a conduzir este aprendizado. Sentir-se responsável e comandando sua própria aprendizagem é uma forma de criar interesse e autonomia no aluno. Da mesma forma, o professor pode se posicionar perguntando o que os alunos desejam aprender, mostrando que eles são importantes neste percurso da educação. O professor-facilitador pergunta aos seus estudantes: “O que querem aprender? (...) Sobre o que é que têm curiosidade? Quais os assuntos que os preocupam? Quais os problemas que gostariam de resolver” (ROGERS *apud* ZIMRING, 2010, p. 64).

Note que para seguirmos a proposta apresentada, alguns professores deveriam reformular por completo a forma como lecionam. Nesta abordagem, o aluno deixa de ser um agente passivo e passa a construir os caminhos de sua aprendizagem e o professor é quem facilita o encontro do aluno com o objeto que estuda. Não é o professor que impõe o que será aprendido coletivamente pela turma, mas sim os alunos que, individualmente, escolhem aquilo que desejam aprender, lançando assim uma grande oportunidade para que posteriormente eles compartilhem suas descobertas.

Insisto na ideia de que Rogers continua atual, apesar de ter sido esquecido por alguns. Se hoje tanto reclamamos do sistema de ensino que aprisiona os estudantes e não faz com que eles aprendam, possuímos há tempos a proposta rogeriana. O que nos falta, talvez, é coragem para colocá-la em prática, uma vez que ela geraria grandes transformações no ambiente escolar e mexeria, certamente, com questões solidificadas da educação do ensino médio, como a necessidade do vestibular.

Não me importam os vestibulares como processo seletivo para a entrada nas universidades. Importa-me o que eles fazem com todo o processo escolar que os antecede. Em primeiro lugar, eles são inúteis. Os supostos saberes exigidos para os malditos exames estão condenados ao esquecimento. Eu não passaria nos vestibulares, nossos reitores não passariam nos vestibulares, os professores de cursinhos não passariam nos vestibulares (...). Tanto sofrimento para nada – porque tudo é esquecido. Além de inúteis são perniciosos, porque criam hábitos mentais tortos. Para cada pergunta há uma resposta correta. Mas na vida não é assim. Nem na ciência (...). Sem os vestibulares, as escolas estariam livres para realmente educar (ALVES, 2008, p. 118).

Estamos dificultando o processo educativo. Educação é o processo que envolve duas ou mais pessoas, que de maneira recíproca compartilham conhecimentos, ideias e experiências. Antes de qualquer outra coisa, ela deveria servir para ajudar as pessoas a se conhecerem, depois para saberem lidar com outras pessoas, e por fim para aprenderem, sob óticas diferentes, a forma como o mundo em que habitam funciona. Isto é feito em parte pela maioria das escolas atuais, mas falta-nos alcançar a aprendizagem significativa, uma vez que esta é transformadora na vida humana.

A aprendizagem significativa vai além da acumulação de conhecimentos. Ela é capaz de modificar a personalidade e o comportamento da pessoa. Logo, ela envolve toda a pessoa do aprendiz, tanto seus sentimentos quanto sua inteligência. Não podemos ignorar as emoções no processo de aprendizagem, porque elas fazem parte da pessoa que aprende. Nenhuma educação é estritamente racional (ROGERS, 1978a, p. 164). Neill concorda com Rogers e é crítico da maioria das “universidades e escolas porque desenvolvem o intelecto ao mesmo tempo que se descuidam das emoções” (NEILL, 1975, p. 225).

Por fim, vale ressaltar que a aprendizagem é mais significativa quando ela se dá por meio de atos, isto é, quando o estudante é colocado em confronto experiencial com problemas práticos de qualquer natureza e precisa resolvê-los. Entretanto, como já citamos, o ensino médio está mais pautado em situações em que o aluno é agente passivo da aprendizagem. Apesar de existentes, são poucas as situações em que colocamos os alunos para lidarem com problemas práticos.

Agora que visualizamos as ideias da abordagem humanista rogeriana para a educação, é importante apresentar algumas críticas feitas contra ela.

2.5 Aplicabilidade da abordagem humanista de Carl Rogers

“Tenho perfeita consciência de que esta implicação, como outras que irei mencionar, vão no sentido contrário às atuais correntes da nossa cultura.” Carl Rogers

Convido aqui a refletir sobre a aplicabilidade da abordagem humanista de Rogers na educação do ensino médio. De imediato tendemos a pensar que aplicar estes conceitos apresentados nos subcapítulos anteriores é impossível, ao menos, no atual modelo que possuímos no Brasil.

Como seria possível introduzir ideias como a de um professor facilitador, ou dar liberdade para que os alunos sejam mais participativos da escolha do que estudar, ou acreditar que o conteúdo não precise ser o orientador dos caminhos a percorrer?

Estas questões me invadem a todos os momentos. Por muitas vezes imaginei que adotar esta abordagem seria utopia. Mas ocorre que, se acreditamos que a educação é realmente transformadora, se creditamos a ela a possibilidade de mudar as gerações futuras para que não repitam erros semelhantes aos nossos, então a utopia pode se tornar uma necessidade.

Não conseguimos enxergar a aplicabilidade direta e plena de Rogers no atual ensino médio, uma vez que este se mostra, na maioria dos casos, autoritário, competitivo e ameaçador aos estudantes. Desta forma, sugerir a adoção completa da abordagem de Rogers representaria uma mudança radical na escola. Mas isto não quer dizer, porém, que não possamos propor a aplicabilidade de alguns de seus conceitos para imaginar um ensino médio mais significativo para os estudantes, no sentido de que eles tenham mais interesse em estudar e que aquilo que estudam seja algo verdadeiramente importante para suas vidas.

Por que estou-lhes dizendo toda esta experiência pessoal? Porque acredito que, do que tenho estado dizendo, o leitor e seus estudantes podem inventar um modo de desenvolver, em sua aula, um ambiente de aprendizagem livre e criativa (...). Estou apenas sugerindo que, se os estudantes e a instrutora discutirem o assunto abertamente, maneiras poderão ser encontradas em que todos possam ser seres humanos integrais na sala de aula (ROGERS, 1985, p. 39).

Coloco esta fala de Rogers porque somente é possível alcançarmos este novo ambiente de aprendizagem se, ao invés de centralizarmos as decisões pedagógicas entre professores e coordenadores, permitirmos que os estudantes também pensem sua própria educação e apresentem aquilo que desejam aprender. Não há outra maneira para tal se não deixarmos que eles façam uma viagem interior, descubram suas curiosidades, vivenciem um princípio de autodescoberta e passem a ser responsáveis pelos direcionamentos que darão às suas vidas, bem como as consequências que resultem de suas escolhas. Como afirma Natalie Rogers, filha de Carl Rogers, “a mudança decorre da educação: a informação, a autodescoberta e o partilhar” (ROGERS, 1990, p.102).

A abordagem de Rogers requer, portanto, que rompamos com alguns pressupostos solidificados. Por exemplo, a ideia de que “não se pode confiar que o estudante busque sua própria aprendizagem científica e profissional” (ROGERS, 1978a, p. 171). Ao contrário,

(...) a primeira implicação no domínio da educação poderia ser a de permitir ao aluno, seja em que nível do ensino for, estabelecer um real contato com os problemas importantes da sua existência, de modo a distinguir os problemas e as questões que pretende resolver (ROGERS, 2009b, p. 330).

Um segundo pressuposto diz respeito à questão das avaliações e do vestibular. Acredita-se, geralmente, que “a capacidade para passar nos exames é o melhor critério de seleção do aluno e de julgamento da vocação profissional” (ROGERS, 1978a, p. 173). Não desconsidero a importância das avaliações, mas questiono se devemos utilizá-las para caracterizar a capacidade do aluno em determinadas habilidades. As provas mensais ou bimestrais são bastante úteis para manter um ritmo de estudo, mas da mesma forma são responsáveis por engessar a escola e limitar o conteúdo de acordo com o planejamento do professor. Obviamente, esta questão depende da abordagem adotada pela escola.

A liberdade que Rogers sugere dentro da sala de aula faz com que algumas críticas sejam levantadas, como, por exemplo, a ideia de que o professor perderia o controle da turma. Ora, para Rogers isto não seria um problema, uma vez que o controle é algo que ele procura evitar. É compreensível, entretanto, esta preocupação. No atual modelo, o professor não pode ser contestado. Ao contrário, deve ser detentor do conhecimento e ter todas as respostas. “A maioria dos professores coloca-se sobre um pedestal. Pensa que perde dignidade se não é capaz de responder a todas as perguntas que uma criança lhe faz” (NEILL, 1978b, p. 150). O professor tem medo de ser descoberto caso não saiba alguma das perguntas levantadas por um de seus alunos. Mas por que deveria ele temer esta situação? Assim como qualquer um de seus alunos, o professor é uma pessoa que também está em constante evolução. Ele aprende diariamente e é isto que o faz semelhante a qualquer um dos outros seres humanos que compartilham com o ele o espaço da sala de aula. Ocorre que, ao vestir a máscara de professor, sua insegurança é combatida, por vezes, com o comportamento autoritário.

Um professor que adota o que denomino “autoridade de status” permanecendo atrás da tribuna com seus títulos e fazendo preleções “lá do alto” para um conjunto de estudantes, encontrará insuperáveis dificuldades para dizer o que é pertinente para seus alunos. Por outro lado, o professor que é capaz de adotar o que denomino “autoridade natural”, autoridade conquistada ao repartir com seus estudantes os recursos de que dispõe (...) descobrirá que ser importante resulta do fato de ser natural e real. A autoridade natural é conquistada ao repartir uma experiência relevante de aprendizagem – uma experiência na qual estudantes e professor tornam-se companheiros, um dependendo do outro (LYON JR., 1977, p. 90).

Quando um professor que persegue a “autoridade de status” sente que a está perdendo, tende a utilizar recursos como provas, chamadas orais e relatórios, não como instrumentos de avaliação, mas como instrumentos de punição e controle. Ao invés disso, em um sistema de avaliações, a preocupação do professor deveria ser a de acompanhar a apropriação do conhecimento por parte de seus alunos. Isto nos leva a um terceiro pressuposto da escola atual com a qual Rogers não concorda: “avaliação é educação; educação é avaliação” (ROGERS, 1978a, p. 174). “Muitos professores imaginam que para defender os padrões acadêmicos, devem dar

uma forte porcentagem de notas baixas (...). Esta idéia parece estar enraizada na maioria dos sistemas universitários e escolares” (LYON JR., 1977, p. 69), mas são poucos os professores que percebem que as notas baixas de seus alunos são resultadas, também, pelo seu próprio trabalho como docente.

No lugar de um sistema de avaliações em que o professor mede a quantitativamente o domínio do aluno sobre determinado conteúdo, talvez fosse interessante incentivar o estudante a realizar uma auto avaliação. “Somente o estudante mesmo poderá saber até que ponto atingiu os objetivos propostos e até que ponto se esforçou para alcançá-los” (JUSTO, 1978, p. 121). Ela permite ao aluno observar o seu próprio desenvolvimento, mas esbarramos com o fato de não confiarmos no aluno. Logo imaginamos que ele não levará a auto avaliação a sério e se atribuirá uma nota maior do que a que o professor acredita que ele realmente merece. Logo, esta ideia só poderia ser introduzida no sistema de ensino se os alunos adquirissem maior maturidade para tal. No entanto, não há outra forma disso ocorrer a não ser colocando em prática e ajustando ao longo do percurso.

Um dos ditos antigos da escola sugere que “educação é processo”. Concordo muito com esta frase. Não podemos esperar que uma medida adotada hoje pela escola apresente resultados no mesmo dia. Todas as ideias no sistema de ensino precisam de tempo para se desenvolverem e se aprimorarem. Adotar a abordagem Humanista implica em romper com um padrão ao qual estamos acostumados há muito tempo.

Gostaria de chamar a atenção para o fato de que, apresentando estas questões da educação, estou, na verdade, refletindo sobre questões muito mais profundas, que dizem respeito sobre a vida e a condição humana. Discuto aqui a forma como desejamos que nossos descendentes cresçam e construam o futuro da humanidade. Continuaremos reproduzindo certos vícios pelo fato de temermos uma quebra do *status quo* na sala de aula?

Outro ponto de crítica contra o modelo de Rogers não diz respeito ao controle, mas aos investimentos que deveriam ser feitos na área da educação. Imaginemos uma turma que seguirá exatamente aquilo que a abordagem rogeriana sugere. Neste caso teríamos um grupo de estudantes com um

professor-facilitador buscando ajudar cada um a responder seus próprios questionamentos e curiosidades. Quantos alunos poderia o facilitador conseguir ajudar? Certamente não seria uma turma grande, superior a 15 ou 20 alunos. Da mesma forma, o professor deveria ter uma formação para ser um facilitador. Rogers responde a esta crítica explicando:

Alguns educadores acreditam que uma aprendizagem individualizada desse tipo é completamente impraticável, porque envolveria um aumento enorme do número de professores. Nada pode achar-se mais longe da verdade. Primeiro, porque, quando as crianças estão ávidas por aprender, elas seguem as suas próprias orientações e empenham-se sozinhas numa grande quantidade de estudo independente. Há também uma grande economia no tempo dos professores, porque problemas de disciplina e controle caem acentuadamente. Finalmente, a liberdade de interação que surge do clima que tão sucintamente descrevi torna possível utilizar um grande recurso até hoje não explorado: a capacidade que a criança tem de ensinar outra em sua aprendizagem (ROGERS, 1985, p. 144-145).

Apesar da resposta de Rogers, penso que no atual momento é completamente inviável imaginar que a educação brasileira se pautasse integralmente na abordagem rogeriana. Poder-se-ia, entretanto, criar escolas experimentais que utilizassem esta abordagem. Não é necessário que todas as escolas sejam assim, mas que, ao menos, existam opções para aqueles que considerem esta uma formação razoável e interessante. Nada impediria, também, que mesmo escolas que se utilizam de modelos tradicionais, procurassem adotar alguns preceitos rogerianos.

Por fim, outra crítica bastante comum feita contra Rogers é a de que os alunos, estando na liberdade que Rogers sugere, não se interessariam pelos afazeres escolares e logo, não aprenderiam. Para evitar esta situação, procuramos padronizar o comportamento dos alunos, os alinhamos em fileiras organizadas, exigimos que copiem os conteúdos que são colocados na lousa, passamos deveres de casas e agendamos provas e trabalhos. Com todas essas atividades esperamos que os alunos aprendam aquilo que devem aprender. Caso contrário podemos puni-los com notas baixas, uma tentativa de motivá-los a estudar mais, mandamos saírem da sala quando não se comportam da maneira desejada, acreditando que isso mudará o comportamento futuro, escrevemos advertências e suspensões e, em último caso, quando estamos saturados, expulsamos do colégio.

Será mesmo que os alunos são culpados de tudo? Será mesmo que nós, professores, estamos tão certos do que estamos fazendo? Por mais que eu seja obrigado a concordar que o comportamento de determinados alunos é extremamente irritante ao professor que procura fazer um trabalho interessante com os estudantes, o fato é que algumas questões da educação precisam ser repensadas, pois é justamente nelas que reside a falta de interesse dos estudantes da educação e na escola atual.

O que procuro dizer é que a escola atual já não atende as necessidades dos nossos estudantes. Surpreende, porém, que talvez alguma dessas respostas e oportunidades esteja já colocada há anos pelo psicólogo que inspirou a realização desta dissertação.

2.6 A Escola no Mundo Contemporâneo

Considero relevante nesta pesquisa discutir o papel da escola no mundo contemporâneo. Tomarei o cuidado para manter o foco na questão do ensino médio. Mas primeiramente, devemos entender sobre qual contemporâneo esta pesquisa trata, posto que este é um conceito multifacetado.

A contemporaneidade (...) é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Nesta primeira definição é possível notar que o homem contemporâneo não está completamente preso ao seu tempo. Diferente daquele que está encantando com o tempo em que vive, aderindo a todos os aspectos de sua época, sendo assim incapaz de tomar certa distância de sua realidade, o verdadeiro contemporâneo, aquele que pertence verdadeiramente ao seu tempo, é justamente aquele que não coincide perfeitamente com ele, sendo capaz de perceber e aprender o seu tempo. Entretanto, ser contemporâneo não significa viver em outro tempo, como aquele que gostaria de ter nascido

em tempos passados. Por mais que possa sentir-se desgostoso com o tempo em que vive, o contemporâneo não é um nostálgico, uma vez que sabe é impossível fugir do tempo que lhe foi entregue para viver (AGAMBEN, 2009, p. 58-59).

Em uma segunda definição, Agamben (2009, p. 62), explica que “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros”.

Assim, o contemporâneo é aquele que enfrenta as luzes de seu tempo, porque a ele, estas não o interessam. O que lhe aflige e o instiga é o escuro. Ele percebe o escuro do seu tempo e sabe que, mais do que as luzes, ele também o pertence. “Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho das trevas que provém do seu tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 64).

São raros os verdadeiros contemporâneos. Poucos estão dispostos a combater as luzes de seu tempo para enfrentarem o escuro que se apresenta.

Um destes raros pensadores é o polonês Zygmunt Bauman. Em suas obras, o sociólogo procura refletir sobre a modernidade líquida, termo cunhado por ele para se referir aos tempos atuais, contemporâneos. Estes tempos aos quais nos referimos “são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluídos, eles não mantêm a forma por muito tempo” (BAUMAN, 2001, p. 15).

Em uma de suas análises sobre o contemporâneo, Bauman (2013, p. 22), explica que “o que os cidadãos do mundo líquido-moderno logo descobrem é que nada nesse mundo se destina a durar, que dirá para sempre”. Rogers concorda com Bauman ao afirmar que “neste novo paradigma, matéria, tempo e espaço desaparecem como conceitos absolutos ou como conceitos significantes. Existem apenas oscilações. A solidez do nosso mundo desapareceu” (ROGERS *et al.*, 1983, p. 11, grifo nosso).

Objetos hoje recomendados como úteis e indispensáveis tendem a virar ‘coisa do passado’ muitos antes de terem tempo de se estabelecer e se transformar em necessidade ou hábito. Nada é visto como estando aqui para sempre, nada parece insubstituível. Tudo nasce com a marca da morte iminente e emerge da linha de produção

com o 'prazo de validade' impresso ou presumido (BAUMAN, 2013, p. 22).

Estamos bastante acostumados com este relato de Bauman. Vivemos em uma sociedade de consumo em que nada deve ser feito para durar, criando-se assim a cultura do descarte e do efêmero. Celulares e computadores são prova de que as obsolescências programada e perceptiva devem manter o ciclo do consumo girando para que as empresas consigam sobreviver em um mercado cada vez mais competitivo e sedutor para o consumidor. Bauman (2013, p. 23), aponta que “a modernidade líquida é uma civilização do excesso, da redundância, do dejetivo e do seu descarte”.

Ocorre, entretanto, que esta cultura do descarte do mundo líquido, descrito por Bauman, afeta outras instâncias da vida social, chegando, inclusive na escola. O conhecimento que antes permanecia sólido e servia de base para a sociedade se apoiar, parece estar cada vez mais fragilizado. Professores sabem da importância daquilo que têm a ensinar, entretanto, poucos são os alunos que compreendem a necessidade daquilo que deve ser aprendido, porque o modo de levar a vida liquidificou-se.

Se hoje habitamos um mundo em que consumimos produtos que logo serão descartados e substituídos por um novo, se neste mesmo mundo, grande parcela das músicas e filmes são produzidos com a única preocupação de entreter seus consumidores, sabendo que na próxima temporada já estarão esquecidos nas mentes dos mesmos, então como garantir que os ensinamentos que a escola tem a passar, diferentemente dos produtos, músicas e filmes da cultura de descarte, são atemporais e sólidos?

Bauman (2013) atenta que “os valores do mundo de consumo exigem que as pessoas esqueçam hoje o que aprenderam ontem e aprendam hoje o que devem esquecer amanhã”. Logo, como evitar (e se é que devemos fazê-lo) que as delícias do mundo contemporâneo invadam o ambiente escolar e desmorerem o conhecimento?

Evidentemente, não é possível responder a esta pergunta sem adentrarmos em uma questão delicada que diz respeito à visão que cada um

de nós possui sobre o papel da escola, ou seja, uma questão ideológica. Afinal, o pensar a educação “é uma forma promissora de contribuir com o processo de democratização da sociedade (...), o que significa debater questões complexas, em uma arena cheia de conflitos e tensões. É um diálogo difícil, porém necessário” (KRAWCZYK, 2014, p. 13).

Nesta pesquisa defendo a ideia de que a escola deve funcionar como um poder de resistência à cultura do descartê. Devemos aceitar a condição do mundo líquido, utilizando o termo de Bauman, sabendo que o consumo e o efêmero seguirão presentes em nossas vidas, mas com o cuidado de evitar que o conhecimento se transforme também em algo efêmero. Da maneira como hoje boa parte das escolas particulares de ensino médio trabalham seus conteúdos de aula, não estamos sendo resistência. Ao contrário, estamos contribuindo para a formação de um jovem que considerará o conhecimento como algo passageiro, que pode ser esquecido, assim como o aparelho celular, a música e o filme do ano passado.

“(...) precisamos crer que a educação seja, apesar de todas as dificuldades que venhamos a enfrentar, um caminho de intervenção no mundo. Que nossos alunos serão beneficiados pela escola, adquirindo um olhar mais crítico acerca de sua própria realidade, e passem a compreender que o mundo que aí está, pleno de injustiças e exclusões, pode sim ser modificado (VASONCELOS, 2012, p. 54).

Com isso, uma vez mais entra em debate o papel do vestibular e sua relevância na vida de nossos alunos de ensino médio. Imaginemos um aluno de ensino médio de uma escola regular. Ora, a não ser que o conteúdo que ele deva assimilar seja relevante para seus interesses particulares, ou que o professor tenha conseguido torna-lo um conteúdo significativo para ele, então dificilmente este mesmo aluno não considerará que aquilo que lhe está sendo ensinado não servirá tão e somente para sua aprovação no ensino superior por meio do exame de vestibular. Ocorre que estes exames, por mais conteudistas que sejam (utilizando-se geralmente de testes com respostas objetivas e diretas) não duram mais de 3 ou 4 dias de avaliação, de tal forma que o aluno estará se preparando ao longo de 3 anos para ser aprovado em uma prova de

3 ou 4 dias que cobra respostas objetivas, diretas e selecionáveis, fazendo com que, portanto, todo o conteúdo adquirido ao longo dos anos de ensino médio possa, ao ingressar no ensino superior, ser paulatinamente deixado para trás.

Este modelo fez com que Alves (2012, p. 85) alertasse para seu temor de que talvez “estejamos formando milhares de bonecos que movem as bocas e falam com a voz de ventríloquos. Especialistas em dizer o que os outros disseram, incapazes de dizer sua própria palavra”.

Obviamente existem exceções e vemos escolas, professores e alunos bastantes diferentes desta realidade. Escolas que promovem uma educação voltada para a formação do indivíduo; professores que buscam significar a aprendizagem para o além-vestibular; alunos que, com o apoio de seus pais, possuem outras preocupações além do ingresso no ensino superior e que assim aprendem em um ritmo diferente, mas estes casos não são maioria.

Sacristán (1999, p. 196) aponta que “aquele pragmatismo de ‘educar para a vida’, de forte conteúdo de formação que melhora a condição humana, irá tornar-se em preparação prática para intervir no mundo”. E continua: “Outras preocupações políticas e éticas sobre o que convém ensinar nas escolas ficarão obscurecidas”. (SACRISTÁN, 1999, p. 197).

Mas enquanto a escola não se preocupar em conquistar os alunos para aquilo que tem a ensinar e rever o que deve ser ensinado, seguiremos no mesmo fluxo de depositar altas doses de conteúdos sem significado para aqueles que aprendem e já se preparam para esquecer. O professor deposita e o aluno devolve, como metaforizou Paulo Freire com a educação bancária ao afirmar que “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 2005, p. 66).

Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente (...), cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos de conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra (...) se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada ou alienante. Saí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (FREIRE, 2005, p. 65-66).

Por este motivo que, no mundo do descarté, devemos ensinar algo que se perpetue no tempo e que o aluno perceba que é algo que não deve ser descartado. Este é o momento propício para que a escola apresente aos seus alunos uma valiosa habilidade: a de aprender a aprender. Nestes tempos de muitas transformações e em grande velocidade, “a aprendizagem socialmente mais útil, no mundo moderno, é a do próprio processo de aprendizagem, uma contínua abertura à experiência e à incorporação, dentro de si mesmo, do processo de mudança” (ROGERS, 1978a, p. 164). É esta aprendizagem que fará com que o estudante tenha a percepção de que aprender e se aprimorar é fundamental para promover mudanças na sua vida e na sociedade em que vive. “O único homem educado é o homem que aprendeu a aprender; o homem que aprendeu a adaptar-se e mudar, que percebe que nenhum conhecimento é seguro” (MILHOLLAN; FORISHA, 1978, p. 176) a não ser a constante busca por conhecimento. De modo semelhante Alves (2009, p. 9) afirma: “Os educadores deveriam ter isso como moto: mais importante que saber é saber onde encontrar. Se eles soubessem disso, o ensino e os vestibulares seriam totalmente diferentes”.

Neste sentido, refaço a proposta de pensarmos em Carl Rogers como um dos intelectuais importantes para a educação do momento em que vivemos. Ensinar e incentivar os alunos a buscarem as respostas de suas inquietações particulares, tendo um professor-facilitador acompanhando o processo, é uma forma de contribuir para o desenvolvimento de uma pessoa que aprende a aprender.

Esta habilidade será, certamente, de extrema importância por toda sua vida, ainda mais em um mundo que coexiste com o efêmero e o substituível, já que garantirá que a pessoa possa seguir aprendendo no seu ritmo aquilo que precise ou que se interesse, e, mais importante, permitindo que ela, entrando em contato consigo mesma, aceitando o seu próprio ‘eu’, siga o caminho de tornar-se pessoa. Por este motivo os educadores precisam “compreender que ajudar as pessoas a se tornarem pessoa é muito mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticas, políglotas, ou coisa que o valha” (ROGERS, 1976, p. 205).

No próximo capítulo refletirei sobre esta escola inserida no contemporâneo e apresentarei as opiniões de meus alunos a partir da entrevista que realizei com eles. Curiosamente, observei que muito do que já foi dito por Carl Rogers foi repetido pelos meus alunos, mesmo sem que estes tivessem conhecimento daquele.

Capítulo 3. Velhas respostas para novas perguntas

Os educadores precisam compreender que ajudar as pessoas a se tornarem pessoas é muito mais importante do que ajudá-las a tornarem-se matemáticas, políglotas ou coisa que o valha.

Carl Rogers

Neste capítulo revistarei os conceitos de Rogers com o intuito de compará-los com as falas dos estudantes do 3º ano do ensino médio ao longo da entrevista realizada. Com isso procuro mostrar que os alunos, apesar de desconhecerem Carl Rogers e sua abordagem humanista para a educação, possuem ideias muito semelhantes para sua própria educação com as explicadas por Rogers.

Sugiro, portanto, que permitamos que os alunos, sendo sujeitos ativos da própria educação, tenham a liberdade para debater e escolher juntamente com o corpo diretivo das escolas, as metodologias e abordagens pedagógicas utilizadas para seu aprendizado.

Para facilitar a análise optei por dividir os assuntos tratados pelos estudantes em alguns tópicos-chave. Em cada um deles recapitularei os conceitos de Rogers e compararei com as falas dos estudantes. A seguir seguem os tópicos-chave que serão tratados:

- 1 – Tornar-se Pessoa
- 2 – O Professor-Facilitador e a Relação Professor-Aluno
- 3 – Controle e Liberdade
- 4 – Aprendizagem Significativa e a busca pelo sucesso
- 5 – Argumentos contrários à Abordagem Humanista Rogeriana

3.1 Tornar-se Pessoa

A1: “(...) as pessoas estão falando para só fazer o básico, só o que gosta. Mas como saber o que se gosta?”

É com esta pergunta de A1 que gostaria de começar a analisar e relacionar os conceitos de Carl Rogers de sua abordagem humanista para a educação com a realidade dos alunos do ensino médio da escola em que realizei minha entrevista.

O questionamento de A1 diante de toda a turma durante a entrevista demonstra uma preocupação em relação aos seus questionamentos particulares como indivíduo. De fato, como uma pessoa que possui 16 ou 17 anos pode descobrir do que gosta dentro de nosso sistema educacional se não lhe permitimos pensar sobre este assunto durante as aulas?

Evidentemente não procuro padronizar todos os estudantes afirmando que nenhum deles está em busca de respostas existenciais, ao contrário, acredito que estamos todos, como seres humanos, em uma constante tentativa de nos entendermos melhor como pessoas ao entrar em contato com nosso universo interior. Entretanto, penso que a escola deveria se esforçar um pouco mais para colaborar com esta busca de respostas. “Para a maioria das pessoas, os anos da juventude caracterizam-se por um despertar gradativo, um estado no qual o indivíduo se torna, aos poucos, consciente do mundo e dele mesmo” (VON FRANZ in JUNG, 2008, p. 17). Para tanto, confiar que o indivíduo é capaz de alcançar suas respostas se tiver o apoio apropriado, implica em acreditar na Educação Centrada no Aluno.

Quando um aluno de ensino médio aponta que “não sabe do que gosta”, devemos ter o cuidado de entender que isto pode ser uma questão da fase da vida, de um processo natural de transição da vida infantil para a vida adulta em que o mundo se abre diante de seus olhos e ele se dá conta da infinidade de alternativas e escolhas que tem pela frente. Ademais, os nossos tempos são marcados pela velocidade e pela multiplicidade de opções. Logo, a pressão para a escolha rápida e precisa está a todo o momento habitando a mente dos

jovens. Esta pressão dificulta ainda mais a busca do jovem por respostas. Como saber do que se gosta se existem tantas coisas para se gostar neste mundo em que tudo é feito para ser atrativo e interessante?

A escola não precisa responder esta questão, até porque esta questão deve ser respondida individualmente. Por outro lado, me parece ser papel da escola discutir este assunto e incentivar os alunos em suas buscas. Uma boa alternativa para isso é libertar os estudantes para que eles desenvolvam projetos próprios sobre temas que lhes sejam de interesse, sem que o professor indique o que eles deverão fazer ou que temas deverão tratar. Neste sentido, aparecerão naturalmente temas das diferentes áreas: História, Física, Literatura, Biologia e todas as outras disciplinas do currículo da escola, da mesma forma como também aparecerão outros temas que não necessariamente estejam representados em disciplinas. Da mesma forma que os temas, aparecerão também diferentes formas de trata-los e apresentá-los. Ao fazer isso a escola está incentivando a autodescoberta, está permitindo que o estudante entre em contato consigo mesmo e descubra e apresente para o grupo os seus interesses particulares, formando-se como pessoa e criando uma identidade própria frente a sala. Como consequência o aluno se torna mais seguro e confiante com suas escolhas e sente que os seus interesses são válidos e respeitados pelos demais.

Em sua fala, A11 nos mostra que a escola está distante de incentivar os estudantes em suas buscas:

A11: Eu acho que a gente aprende tanto sobre tanta coisa que a gente acaba não aprendendo sobre nós mesmos. A gente está no 3º colegial e muita gente não sabe nem o que quer fazer, até porque não sabe o que gosta, não teve tempo para aprender sobre si, sobre o que faz a gente se sentir bem.

A fala de A11 converge com as impressões de Rogers sobre o processo de tornar-se pessoa: “Parece-me que no fundo cada pessoa está perguntando: ‘Quem eu sou, realmente? Como posso entrar em contato com este eu real, subjacente a todo o meu comportamento superficial? Como posso me tornar eu mesmo?’” (ROGERS, 2009, p. 122).

O processo de tornar-se pessoa para Rogers implica em o indivíduo se despojar das 'máscaras' que utiliza – de forma consciente ou inconsciente – para que possa ser ele mesmo. Utilizamos as máscaras porque vivemos em função do que os outros esperam que sejamos. Desta forma, somente em um ambiente de liberdade e aceitação que a pessoa pode despojar-se das máscaras e, aos poucos, entrar em contato consigo mesmo, tornando-se a pessoa que de fato é. Liberdade é, portanto, preceito básico na abordagem rogeriana. “A pessoa a utiliza para se tornar cada vez mais ela mesma. Começa a derrubar (...) as máscaras (...) com os quais encarou a vida. Parece estar tentando descobrir algo mais básico, algo mais verdadeiramente ela mesma”. (ROGERS, 2009, p. 123).

Parece que gradualmente, dolorosamente, o indivíduo explora o que está por trás das máscaras que apresenta ao mundo, e mesmo atrás das máscaras com as quais vem se enganando... Dessa forma, cada vez mais ele se torna ele mesmo – não uma fachada de conformidade aos outros, não uma negação cínica de todos os sentimentos, nem uma frente de racionalidade intelectual, mas um processo vivo, que respira, sente e oscila – em suma, ele se torna uma pessoa (ROGERS apud BUTLER-BOWDON, 2012, p. 404).

Note como A6 e A10 definem o que significa ser pessoa:

A6: Eu acho que ser pessoa é ser nós mesmos. Não ser diferente, não ser alguém que a gente não é, não ser algo que alguém quer que a gente seja. Isso é ser pessoa.

A10: Eu acho que se eu tivesse que definir em uma frase o que é ser uma pessoa, eu diria que é encontrar a sua identidade.

De forma muito semelhante ao que Rogers explica, A6 e A10 possuem uma visão de que para tornar-se pessoa é necessário ser aquilo que se é, evitando se transformar em algo que outras pessoas desejam, desvendando, portanto, uma identidade própria.

Ao tomar ciência das máscaras que veste, a pessoa percebe o quanto de sua vida está moldada pela opinião de outras pessoas ou por aquilo que esperam que ela seja.

Nesta tentativa de descobrir seu próprio eu, o cliente (...) aprende quanto do seu comportamento, até mesmo dos sentimentos que vivencia, não é real, não sendo algo que flui das reações genuínas de seu organismo, mas sim constitui uma fachada, uma frente, atrás da qual está se escondendo. Descobre o quanto sua vida é guiada por aquilo que pensa que ele deveria ser, e não por aquilo que é. Frequentemente descobre que ele só existe em resposta às exigências dos outros, que parece não ter nenhum eu próprio, e que está somente tentando pensar, e sentir e se comportar de acordo com a maneira que os outros acreditam que deva pensar, e sentir e se comportar (ROGERS, 2009, p. 124).

A partir desta citação de Rogers, sugiro que pensemos o ensino médio que possuímos. Em uma fase de vida tão propícia para a autodescoberta, estamos demasiadamente preocupados em educar nossos jovens a serem bem sucedidos nos exames de vestibular, e pouco interessados em permitir que se libertem para se tornarem pessoas. Na verdade, na ânsia de mantermos controle sobre a turma, limitamos pensamentos e orientamos de que forma esperamos que os alunos se comportem durante as aulas. Nesta situação o professor está vestido com sua máscara de professor, e os alunos com suas máscaras de aluno. Na sala de aula, são raros os casos em que as pessoas podem se apresentar como elas mesmas.

A9 aponta sua preocupação com esta questão, mostrando como a rotina da sala de aula atrapalha seu processo de tornar-se pessoa: “A gente passa tanto tempo não se preocupando com a gente e se preocupando tanto com a rotina, tanto com as coisas que a gente tem que fazer, que a gente é obrigado a fazer, que a gente esquece da gente, a gente esquece de quem a gente é e de pensar sobre o que nós gostamos, o que nós somos, o que faz a gente ser a gente”.

Descobrir quem se é, pode ser uma experiência bastante dura. Estamos todos inseridos em uma sociedade que cada vez menos se volta para dentro, porque estamos seduzidos pelo fetichismo da imagem. Cuidamos mais do externo do que o interno e neste processo nos afastamos daquilo que realmente somos. Porém, quando uma pessoa consegue experimentar o contato com seu eu verdadeiro percebe que muito de seu comportamento é na verdade falso e não condiz com aquilo que ela é. “Remover uma máscara que se acreditava constituir parte de seu verdadeiro eu pode ser uma experiência

profundamente perturbadora, porém quando há liberdade para pensar, sentir e ser, o indivíduo se volta para tal meta (ROGERS, 2009, p. 125). A17 acredita que “o que forma a gente é o dia a dia e as relações que a gente tem, os conflitos, conflitos internos, como a gente sai disso, como a gente busca saídas”.

Logo, penso que deveríamos aproveitar o espaço da sala de aula e o momento propício da vida dos jovens para incentivá-los neste processo de tornarem-se pessoas. A10 entende que “o que a gente vive na escola é a pessoa que a gente vai ser”. Assim, que ambiente escolar e que experiências queremos proporcionar aos nossos estudantes de ensino médio?

Evidentemente, uma escola voltada para ajudar os alunos do processo de tornarem-se pessoas resultaria em uma crise na atual crença de que o ensino médio deve se voltar quase que exclusivamente para o conteúdo do vestibular. Entretanto, colaborar no processo de tornar-se pessoa não implica em abandonar o conteúdo – a escola só existe porque possui conteúdo acadêmico para ensinar – mas em desacelerar o ritmo, utilizando um tempo maior para a reflexão. A7 pondera esta ideia: “Se a escola está me ajudando a formar o meu futuro, então ela está me direcionando, talvez não pelo caminho certo, mas para uma primeira tentativa para o rumo da minha vida”.

Ao descobrir quem realmente é, ou ao menos se conseguir dar início a esta descoberta ainda no ensino médio, o jovem poderá escolher que curso fará no ensino superior de forma mais verdadeira, segura e sóbria. Para isso é fundamental confiar em sua capacidade.

Ao invés de tentar sustentar a sua experiência na forma de uma máscara, ou fazer com que seja uma forma ou estrutura que não é, ser ela mesma significa descobrir a unidade e harmonia que existe em seus próprios sentimentos e reações reais. Significa que o eu verdadeiro é algo que se descobre tranquilamente por meio da própria experiência, e não algo imposto sobre esta (ROGERS, 2009, p. 129).

Talvez por isso a fala de A10 no final da entrevista: “eu acho muito interessante você perguntar isso pra gente porque poucas são as vezes que a

gente tem que dar alguma opinião e eu acho interessante porque pra dar a nossa opinião a gente tem que ter pensando sobre isso”.

3.2 O Professor Facilitador e a Relação Professor-Aluno

Como vimos, o processo de tornar-se pessoa implica em tirar as máscaras e ser aquilo que se é. Este processo, na educação, não deve envolver apenas os alunos, deve envolver também os professores.

Rogers refere-se ao professor como um “facilitador da aprendizagem”. É válido diferenciar estes termos para Rogers, apesar de que nesta pesquisa os termos estejam sendo utilizados com o mesmo sentido de um educador que seja responsável por colaborar no processo de aprendizagem dos estudantes. Para Rogers, o termo “facilitador da aprendizagem” não é um mero sinônimo para o professor tradicional. Rogers define o professor tradicional a partir das seguintes questões:

O professor tradicional – o bom professor tradicional – pergunta-se questões deste tipo: “O que eu acho que seria bom para um estudante aprender, nesta idade e nível de competência específicos? Como posso preparar para ele um currículo adequado? Como posso inculcar-lhe motivação para aprender este currículo? Como posso instruí-lo de maneira tal que conquiste o conhecimento que deveria conquistar? Qual a melhor maneira de formular um exame que permita ver se esse conhecimento foi realmente aprendido? (ROGERS, 1986, p. 144).

Diferentemente, o facilitador da aprendizagem é definido por Rogers por estas outras questões:

O facilitador da aprendizagem, por outro lado, formula questões como as seguintes, não a si mesmo, mas aos estudantes: - O que querem aprender? Quais são as coisas que os deixam intrigados? Sobre o que é que tem curiosidade? Quais os assuntos que o preocupam? Quais os problemas que gostariam de resolver? – Quando ele ou ela já tem as respostas para estas perguntas, formula outras questões – Agora, como posso ajuda-los a encontrar os recursos – as pessoas, as experiências, as facilidades de aprendizagem, os livros, o conhecimento que eu detenho – que os ajudarão a aprender por maneiras que forneçam respostas às coisas que os preocupam, as coisas que estão ávidos por aprender? – E depois, mais tarde: - Como posso ajuda-los a avaliar o seu próprio progresso e fixar

objetivos de aprendizagem futuros, baseados nessa auto-avaliação? (ROGERS, 1986, p. 144).

Como vimos, Rogers entende que um facilitador da aprendizagem deve possuir três habilidades: “autenticidade, apreço e empatia” (ROGERS, 1986, p. 143).

Ser autêntico “significa que se encaminha para um encontro pessoal direto com o aprendiz, encontrando-se com ele na base de pessoa-a-pessoa. Significa que está sendo ele próprio, que não está se negando” (ROGERS, 1978a, p. 112).

Os alunos percebem quando o professor está usando uma máscara e dessa forma tendem a se afastar do mesmo. A9 entende que “é importante o professor ser do jeito que ele é”. Esta fala de A9 não deve ser interpretada com leviandade. Devemos interpretar esta afirmação como a tentativa de o professor se apresentar como a pessoa que é, demonstrando suas impressões e emoções para aquela turma diante das diferentes situações, levando em conta que estão todos em um ambiente profissional. “Eis o contrário de uma fachada estéril. Eis uma pessoa viva, com convicções, com sentimentos (...). Não se adaptou a um puro formalismo educacional” (ROGERS, 1978a, p. 113).

Tratarem-se na base de pessoa-pessoa implica no entendimento de que as pessoas possuem conhecimentos diferentes com profundidades diferentes e os estudantes precisam do facilitador para seu desenvolvimento. De forma bastante sóbria, A1 completa: “Acho que a relação professor-aluno é muito importante para o aprendizado pros dois lados, porque não é só uma pessoa que aprende, não é só uma pessoa que passa conhecimento”. Naturalmente, como as pessoas possuem conhecimentos diferentes, então mesmo o facilitador, que teoricamente possui mais conhecimentos que os estudantes, acaba, também, aprendendo e se desenvolvendo como pessoa dentro do processo educativo.

A segunda habilidade do facilitador de aprendizagem é o apreço. Rogers também denomina apreço como aceitação e confiança. “É a aceitação de um outro indivíduo, como pessoa separada, cujo valor próprio é um direito seu. É

uma (...) convicção de que essa outra pessoa é fundamentalmente merecedora de crédito (ROGERS, 1978a, p. 115).

Ser um educador humanista implica em trabalhar com cada aluno como se ele fosse um indivíduo único, e em interessar-se em algo mais do que no “condicionamento” impessoal ou no ciclo de “memorização-regurgitação” que normalmente caracteriza a sala de aula (...). Abrange coisas aparentemente simples, tais como aprender os nomes dos alunos, o motivo pelo qual cada um está freqüentando o curso, o que cada um espera obter da experiência, e o que cada um está disposto a contribuir para o grupo (...). Se este processo é seguido, significa que você não encara mais a experiência de aprendizagem simplesmente como “educação do intelecto” (LYON JR., 1977, p.199-200).

Desta forma, A2 afirma que a relação professor-aluno “não pode ser aquela relação seca de passar muito conteúdo na lousa, sem dizer uma palavra e tratar os alunos como se fossem números”. Notadamente, A2 procura mostrar que não gosta de ser tratado como um número, como mais uma pessoa qualquer que não teria nada a acrescentar para o grupo. As pessoas gostam de ser reconhecidas por suas individualidades e apreciá-las por isso é uma enorme contribuição para a aprendizagem da mesma. A6, igualmente, sugere que “a relação professor-aluno tem que ser de respeito e acho que tem muito professor que não ouve o aluno, deveria ouvir mais”. Quando A6 diz que os professores deveriam “ouvir mais” os alunos, entende-se justamente a necessidade da valorização do indivíduo. A6, como todos os demais alunos possuem coisas a serem ditas, possuem conhecimentos a serem falados, possuem impressões que devem ser respeitadas. Uma vez mais utilizado a fala de A10 sobre sua condição de aluno: “poucas são as vezes que a gente tem que dar alguma opinião”.

A última das habilidades facilitadoras da aprendizagem é a empatia. Diferentemente da compreensão avaliativa, em que o educador acredita saber o que há de errado com o aluno, a compreensão empática permite que o educador veja as reações e percepções sensíveis do aluno durante o processo de aprendizagem. “Quando há empatia sensível (...) a reação do aprendiz obedece a um padrão que se exprimiria assim: ‘até que enfim alguém compreende o que eu sou e o que eu pareço ser sem querer analisar-me ou julgar-me. Agora, posso (...) crescer e aprender” (ROGERS, 1978a, p. 117).

A educação humanista não é “isenta de valores”. Se ela deve ser, sob qualquer aspecto, uma experiência pessoal e humanizante, deve-se aceitar o fato de que tanto os alunos como os professores têm uma maneira de ver o mundo ou conjunto de valores, através dos quais cada um interpreta os fatos e cataloga as informações. Significa que você é franco com os alunos com relação aos seus valores, convicções e atitudes. Isto não quer dizer que você espera que eles imitem ou concordem com seus valores; significa, isto sim, questionar com frequência e “julgar” raramente (LYON JR., 1977, p. 200).

Nota-se que a compreensão empática, a autenticidade e o apreço caminham juntas para a plena realização de uma experiência humanista na educação. O educador que se proponha a adotar a abordagem humanista na sala de aula deve ter consciência de que possui valores próprios que talvez não sejam convergentes com os de seus alunos. Discutir valores é tarefa do educador, mas utilizando-se de objetividade, deve evitar julgar o valor e as convicções de seus alunos; ao contrário, procurar ter uma compreensão empática em relação à forma como os diferentes estudantes entendem o mundo é fundamental para uma aproximação entre professor e alunos, que, em última instância, promove um ambiente facilitador para a aprendizagem, graças à relação de cordialidade e confiança mútua que se instala no ambiente da sala de aula.

A2 acredita que: “A relação professor aluno tem que ser uma relação amistosa”. A7, por sua vez, parece explicar a frase de A2: “quando você tem uma proximidade com o professor, tem amizade, eu acho que flui melhor a relação, você se interessa mais. (...) se a relação for de amizade, você acaba respirando mais conhecimento e a pessoa que tá te dando aula até tem mais prazer de dar aula”.

A relação amistosa que A2 e A7 tanto falam me parece ser, na verdade, a compreensão empática apontada por Rogers. A relação de amizade pode ser interpretada como aquela relação em que o professor compreende os alunos e os aceita como são, procura entender seus valores e suas convicções, mas estando em prontidão para discuti-los, porque isto é o que promove o desenvolvimento das pessoas, tanto dos alunos quanto do professor. A8 acredita que “a escola é a base da nossa vida (...). A escola mostra valores. (...) ensinam a gente a conviver em grupo”. O aluno mostra, com esta fala, que

entende que o papel da escola deve ser o de discutir valores. A escola deve ser o espaço do debate, onde alunos e professores apresentam suas visões de mundo, de tal forma que, o respeito mútuo entre as diferentes visões melhora a convivência das pessoas na sociedade.

Para mim, facilitar a aprendizagem é o objetivo da educação, a maneira pela qual podemos aprender a viver como indivíduos que querem tornar-se pessoas... Sabemos... que a iniciação de tal aprendizagem não se baseia nas habilidades pedagógicas do líder, nem no conhecimento erudito que tem do assunto, nem em seu planejamento curricular, nem na utilização que faz dos recursos audiovisuais, nem no ensino programado que emprega, nem em suas preleções e exposições, nem em uma abundância de livros, embora, em certas ocasiões, cada um destes itens possa ser utilizado como um expediente importante. Não, a facilitação da aprendizagem significativa se baseia na qualidade das atitudes que existem no relacionamento pessoal entre o facilitador e aquele que aprende (ROGERS apud LYON JR., 1977, p. 87).

Uma relação enfraquecida entre professor e alunos pode ter consequências no processo de aprendizagem. A7 comenta: “não me sinto concentrada e nem interessada numa matéria onde eu não goste do professor. E eu tenho certeza de que ele vendo que os alunos não estão interessados, ele também se sente desconfortável para passar esse conhecimento”.

É bastante complicado para um professor entrar em uma sala de aula e ter de trabalhar sabendo que os alunos estão desgostosos com sua presença. Da mesma forma, a relação fragilizada pode provocar nos alunos um desinteresse pela disciplina que aquele professor leciona. Procurar estabelecer uma relação cordial em sala de aula eleva as chances de uma aprendizagem significativa. Há, porém, um ressalve: Nem professor e nem alunos são obrigados a gostarem uns dos outros. A sala de aula é um ambiente dentro da sociedade, em que existem múltiplas relações pessoais. Dentre elas, o não gostar está presente e pode se manifestar, uma vez que isto faz parte do processo de tornar-se pessoa. Entretanto, é preferível que se busque estabelecer uma relação cordial, ou, ao menos, de respeito entre os componentes da sala de aula.

3.3 Controle e Liberdade

Carl Rogers, como um dos nomes mais importantes do Humanismo na Psicologia e na Educação, esclarece:

Uma abordagem centrada-na-pessoa baseia-se na premissa de que o ser humano é basicamente um organismo digno de confiança, capaz de avaliar a situação externa e interna, compreendendo a si mesmo no seu contexto, fazendo escolhas construtivas quanto aos próximos passos na vida e agindo a partir dessas escolhas (ROGERS, 1978b, p. 23).

O humanismo rogeriano pressupõe, pois, a liberdade. Liberdade plena para que a pessoa, em seu processo individual de tornar-se pessoa seja autônoma de sua própria vida e de suas escolhas, isto é, possa perseguir por ela mesma os seus objetivos e interesses à medida que vá descobrindo mais sobre si mesma. O papel da escola, neste processo, seria o de permitir que os alunos se tornassem mais autônomos, ao mesmo tempo em que aprendem que são responsáveis por suas decisões e pelas consequências das mesmas. Para tanto, a escola deve possuir momentos maiores de reflexão, para que os alunos, ao investigarem-se, possam descobrir seus interesses reais e assim pesquisem aquilo que considerem importante para suas vidas, gerando assim aprendizagem significativa.

A9 avalia: “Quando você fez a pergunta sobre os momentos para reflexão (...) eu pensei: como que uma pessoa que está simplesmente presa e olhando só pra frente consegue ter momentos de reflexão própria? A vida inteira ela foi ensinada a decorar, a repetir o processo que ela decorou. (...) pra ela aquilo é sinônimo de sucesso, de que tudo vai dar certo para ela. Os momentos de reflexão ficam presos”.

Este pensamento exposto por A9 se deu após a leitura do poema “O Colegial” de Mário Quintana e da visualização dos trechos iniciais do filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, do diretor Peter Weir. Ambos apresentam uma realidade comum na educação: um alto nível de controle dos professores sobre os alunos e o ensino centrado no conteúdo e na figura do professor.

Os materiais serviram para outras reflexões, novamente de A9, desta vez sobre um dos trechos do filme: “Teve uma cena que eu achei muito válida que começava com uns pássaros voando e logo depois vinha uma imagem do colégio, interno, lá dentro, com uma confusão e eu pude perceber que os pássaros estavam livres, mas eles estavam organizados, mas não era uma organização imposta, era uma organização natural. E onde deveria ter organização, segundo as pessoas do colégio, precisava de alguém ordenando, pedindo o silêncio, pedindo a organização. Aí a gente consegue ver a diferença entre o natural e o forçado. Na natureza os pássaros estavam voando de uma forma totalmente organizada, porém livres, muito mais real. E onde deveria ter uma ordem, não tinha ordem, tinha uma baderna e precisava de alguém regulando a ordem”.

A falsa sensação de que os alunos da sala estão sob controle pode indicar, na verdade, uma total desatenção calada por parte dos estudantes. Na educação, o controle autoritário pode limitar a criatividade, impedindo que a pessoa seja aquilo que é, funcionando como um desmotivador de aprendizagem. Controle é diferente de organização. Uma sala organizada é importante, uma vez que contribui para que a aprendizagem seja facilitada. Controle, por outro lado, é intimidador e ameaçador à mente que é, por natureza, curiosa e investigativa. O controle é chamado de disciplina por Spock, que explica: “a disciplina autoritária é aquela que é imposta de fora para dentro (...). A criança ou adulto que tenha sido acostumado a isso obedece bem enquanto a autoridade está presente (...) mas logo se desmanda desde que encontre uma oportunidade” (SPOCK, 1974, p. 89).

Felizmente no Brasil alguns métodos de controle e disciplina adotados pelos antigos professores caíram em desuso. Muitos destes partiam do pressuposto de que, ao castigar o aluno, este passaria a calar-se e a obedecer ao mestre, por medo de sofrer novamente as consequências por mau comportamento. Seria, assim, um reforço para impor um comportamento desejado pelo professor. Skinner exemplifica: “Um professor ameaça seus alunos de castigos corporais ou de reprovação, até que resolvam prestar atenção à aula; se obedecerem, estarão afastando a ameaça do castigo”

(SKINNER,1977, p. 27). O professor pode, desta maneira, continuar lecionando para alunos silenciosos e aparentemente atenciosos.

Rogers repudia esta atitude. As escolas já não têm mais o hábito de utilizar ameaças e artigos corporais para silenciar os alunos e controla-los, apesar de muitas continuarem com o terror psicológico do vestibular (que tem sua dimensão também em casa com os pais) e controlar os estudantes por meio das avaliações e notas. Assim, se a turma não está se comportando de acordo com o desejo do professor, este pode elaborar uma avaliação mais difícil e distribuir notas baixas na esperança de que, no bimestre seguinte, os estudantes estejam mais atentos à sua matéria. Ora, uma atitude como esta não estará avaliando o trabalho do estudante, mas sim o estudante como pessoa. Mas, se isto for visto pelo estudante como um castigo vingativo por parte do professor, a situação apenas se agravará. A relação entre professor e alunos ficará desgastada e muito provavelmente os alunos não encontrarão na aula daquele professor um ambiente favorável para aprender. Numa situação como esta o professor acredita estar ensinando e os alunos fingem estarem aprendendo. Naturalmente, o castigo do professor pode gerar silêncio na sala, mas é pouco provável que isto resulte em uma aprendizagem significativa para o estudante. O aluno se calará não porque de repente começou a se interessar naquilo que o professor tem a dizer, mas por medo de ser novamente castigado ou mal avaliado.

Para Rogers, o ambiente de aprendizagem deve ser libertador e não controlador. A liberdade favorece não apenas o aprender como, também desenvolve o ser humano em se processo de tornar-se pessoa. A2 descreve seu crescimento durante os anos de escola: “eu era um cara introvertido, não gostava de sair com os amigos, não saia, não fazia nada e foi muito bom a escola para mim. Eu comecei a viver com essas pessoas e agora sou mais extrovertido. Hoje eu poso falar que antigamente eu não falaria em público, de forma alguma, eu ficaria quietinho. Hoje eu já consigo falar, sem aquele calafrio que bate quando a gente vai falar. Isso me faz muito melhor, é uma situação de liberdade”.

Sabemos, entretanto, que nem todos os estudantes são como A2 que observou a importância da educação para o seu próprio desenvolvimento. Comumente escuto colegas de trabalho reclamando da falta de respeito dos alunos, do comportamento desapropriado para o ambiente de escola e da desvalorização que dão àquilo que seus professores têm a ensinar.

Recentemente, em uma reunião de conselho de classe, um dos professores, irritado com a turma de 2º ano de ensino médio, proferiu um discurso inflamado sobre um de seus alunos. Resumidamente ele alertou que tal aluno era “mau caráter”, que “corrompia e contaminava” toda a classe com brincadeiras e provocações, e que fatalmente a sala jamais melhoraria se o “mau elemento” não fosse mandado embora da escola. Me questiono o que este aluno fez de tão pecaminoso para ser visto desta forma pelo professor. Outro caso ocorreu em um dia comum de aula. Uma professora recém contratada pelo colégio me procurou para conversar. Estava profundamente desgastada com a relação que tinha com alguns alunos do 3º ano do médio. Dizia que já não sabia mais o que fazer, porque os alunos estavam a tirando do sério. Três deles não paravam quietos, eram irônicos, ficavam rindo e não prestavam atenção nas aulas. Ela estava decidida a suspendê-los para que “aprendessem uma lição”.

Estes dois depoimentos são importantes para debatermos uma questão que considero fundamental: o mau comportamento dos alunos e a bagunça na sala de aula. Esta situação é bastante delicada e deve ser trabalhada de maneira criativa. Falo isso porque conheço os referidos alunos e por muitas vezes tive vontade de suspendê-los e expulsá-los da escola, porque eram casos perdidos. Lendo Rogers, reví minha maneira de agir. Primeiramente, é valioso ressaltar que os tempos de castigo físico terminaram. Hoje, as escolas abraçaram o ideal de que a agressão é prejudicial para a aprendizagem e a maior parcela da sociedade se posiciona contrariamente às punições físicas contra crianças e adolescentes. Ocorre que, o que antes era utilizado como ferramenta de manutenção de controle e que evitava situações como as relatadas pelos professores desgastados, hoje, já não existe mais. Ao contrário, o que existe é uma ideia de liberdade irresponsável. Nestes tempos em que temos a sensação de que “tudo pode”, as crianças e adolescentes,

todos alunos, confundem a liberdade com falta de respeito. Naturalmente falta em casa uma educação que deve ser dirigida pelos pais. Ensinar seus filhos a respeitar os mais velhos e a tratar bem as pessoas, colocando-se no lugar de um integrante de uma sociedade que deve saber conviver é umas das muitas funções dos progenitores, mas que muitas vezes, e por uma série de questões, acabam terceirizando para a escola, por também não saberem lidar com a situação.

Liberdade não significa fazer o que bem entender com a justificativa de que ninguém tem o direito de controlar ninguém. Esta é a ideia mais superficial e imatura de liberdade. Ser livre implica em autoconhecimento, uma vez que a liberdade é um movimento que ocorre de dentro para fora e não o inverso. Rogers explica:

(...) a liberdade de que falo é coisa essencialmente interior (...). É a descoberta do significado do que está no íntimo de cada um, significado que decorre da atenção sensível e aberta às complexidades do que se está experimentando. É o ônus de se tornar responsável pela espécie de ente que se escolhe ser. É o reconhecimento da pessoa de que ela é um processo de vir-a-ser, não um produto estático, acabado (...). Assim, falamos, antes de tudo, de algo que existe dentro do indivíduo, algo antes fenomenológico que externo, mas, ainda, assim, que pode ser captado (ROGERS, 1978a, p. 253-254).

E continua:

A liberdade, corretamente entendida, é a efetivação, pela pessoa, da sequência ordenada da sua vida. O homem livre movimenta-se voluntariamente, desembaraçadamente, responsabilmente, para representar papel significativo no mundo cujos acontecimentos determinados se verificam por meio dele e por meio da sua espontânea escolha e vontade (ROGERS, 1978a, p. 254).

Com isso é possível fazer algumas observações. A primeira delas nos mostra que existe uma falta de compreensão sobre o que significa a liberdade na sala de aula. Muitas pessoas confundem esta questão, acreditando que liberdade significa deixar os alunos livres para fazerem aquilo que quiserem e que, justamente isso, gera o descontrole e em última instância a falta de respeito. Mas a explicação de Rogers nos mostra o oposto disso. A liberdade,

como apontado, é uma atitude interna, que pode ser motivada ou desmotivada pelo ambiente externo. Não é a liberdade que gera a rebeldia, mas sim, o conflito de controle e liberdade. Assim, o ambiente de liberdade pode facilitar a aprendizagem e ele não gera, por si só, a falta de respeito dos alunos para com o professor. Ao contrário, o que pode gerar o desrespeito é a percepção de uma tentativa de se criar um ambiente controlador em uma sociedade que já não mais tolera ser controlada. Depois, é possível compreender que a liberdade está para Rogers, completamente vinculada à responsabilidade. Logo, o ser que se sente livre, sente-se também responsável por suas escolhas e atitudes. Não há como sentir-se livre sem investigar-se. Portanto, são as autorreflexão e autodescoberta que promoverão na pessoa as percepções de liberdade e responsabilidade.

Nesta sociedade em que “tudo pode”, cabe aos pais a difícil tarefa de mostrar que “nem tudo pode”, contando com os professores da escola para aprofundar este raciocínio. A falta de respeito na sala de aula não é um problema de “liberdade em excesso”, mas de um conflito, por parte de alguns alunos, de uma vontade de liberdade desvirtuada e uma sensação de estar sendo controlado, e por parte de alguns professores, de uma ideia de que tem direito ao controle e que existem momentos para a liberdade.

Diante desta situação, como evitar o conflito que parece não se esgotar? São muitos os motivos que geram a indisciplina, mas tolerância parece ser o melhor dos caminhos para superá-la. O professor deve tentar compreender o motivo de seus alunos estarem revoltosos ou bagunceiros em suas aulas, cobrando o respeito dos mesmos não por estar em uma posição hierarquicamente elevada, mas por ser uma pessoa, assim como todos os demais na sala de aula. Um ambiente menos controlador, mas leve e agradável, cordial e amistoso, pode gerar um ambiente altamente favorável para a aprendizagem, onde tanto professor quanto alunos sentem-se livres para se desenvolverem. O que tem me ajudado a enfrentar problemas com indisciplina nas salas de aula é a tentativa de transformar a falsa sensação de liberdade dos alunos em uma liberdade real, autodescoberta, dotada de responsabilidade, como na concepção de Rogers, mesmo que para isso eu tenha de deixar de lado o conteúdo das aulas por algum tempo.

3.4 Aprendizagem Significativa e a busca pelo sucesso

A4: Todo ano eu vejo algum professor falando: “Tal colégio fez tantos pontos na redação do Enem; tantos alunos passaram na USP”.

A4 nos mostra a preocupação dos professores da escola particular em que estuda. Esta preocupação que na verdade é transferida por coordenadores e diretores que tem em sua raiz os pais dos alunos. A preocupação dos professores de A4 ao evidenciar aos estudantes que os colégios concorrentes foram melhores avaliados no ENEM, ou que uma porcentagem de alunos ingressou na USP ou em qualquer outra universidade, corresponde a uma preocupação ainda maior de administradores de colégio em serem competitivos para se manterem no mercado de ensino. Em conversa que tive com a responsável do colégio por apresentar a escola aos novos pais de alunos, ela relatou que é cada vez maior a procura dos pais por escolas que estejam bem ranqueadas no Exame Nacional do Ensino Médio e que seus alunos tenham sido bem avaliados pelos principais vestibulares do Estado de São Paulo. O detalhe impressionante é que esta procura é realizada também por pais que possuem filhos ainda no ensino infantil. Assim, se a escola precisa sobreviver como empresa, então necessita atender aos interesses de seus consumidores, ou seja, dos pais dos alunos que querem seus filhos adentrando nas melhores universidades do país. Por mais legítima que seja esta preocupação dos pais, ela provoca um impacto tremendo nas escolas. Ora, se o objetivo dos pais é aprovar seus filhos nos vestibulares, então a escola particular, para sobreviver no mercado, deverá pautar seu ensino no conteúdo cobrado por estes vestibulares. A quantidade de conteúdo impede que o professor dedique tempo para qualquer outra atividade pedagógica que não a transmissão de conteúdo. Nesta velocidade frenética, a aprendizagem não se faz significativamente.

Quando, antes de realizar a entrevista com os alunos, pedi para que eles lessem o poema “O Colegial”, de Mario Quintana, algumas reflexões apareceram comparando a vida estudantil do estudante do poema com a vida estudantil dos meus alunos.

A4, por exemplo, refletiu sobre o poema dizendo: “O que a gente está passando agora o texto mostra: o fuzilamento. A gente está pressionado com a Fuvest, Enem, simulados, vestibulares. (...) Estamos sendo atacados de tudo quanto é lado, de tudo quanto é matéria”.

Nota-se a angústia que A4 sente ao comentar sobre a pressão das muitas avaliações que precisa enfrentar. Mais que isso, ele se refere a elas dizendo que ele próprio e seus colegas estão sendo “atacados”. A utilização deste termo é algo, ao menos, relevante de se analisar. Quando um aluno que está inserido em um processo de aprendizagem afirma que sua percepção é a de estar sendo atacado, então entendemos que ele se sente ameaçado. Uma situação de ataque exige uma defesa da outra parte, mas quais são os recursos defensivos que um adolescente possui para fazer frente ao ataque apontado por A4? A situação é preocupante porque, dentro deste sistema de ensino, ele não encontra outra saída se não enfrentar todos estes exames ou “muro de fuzilamento”, na esperança de sobreviver a eles. Que aprendizagem os alunos guardam quando têm a percepção de estarem sendo fuzilados? Rogers explica que “é difícil exagerar o dano causado (...) por esse pressuposto completamente falso de que eles só aprendem se forem ameaçados, constantemente, de um malogro catastrófico” (ROGERS, 1978a, p. 177), como fazemos, por exemplo, quando os pressionamos com vestibulares, criando assim uma ilusão de que aqueles que não são aprovados fracassaram em sua missão de aprender.

Mesmo Albert Einstein sofreu com as pressões das avaliações escolares. “Einstein, comentando um determinado período em que esteve no colégio preparando-se para um exame de graduação, disse que esta experiência tornou-o incapaz, durante anos, de qualquer atividade criativa” (REIMER, 1979, p. 45). Rogers apresenta seu relato: “essa coerção, teve sobre mim, um efeito tão desencorajador, que depois que fiz o exame final, a consideração de qualquer problema me repugnava, durante um ano inteiro” (EINSTEIN apud ROGERS, 1978a, p. 176).

Durante a entrevista A10 refletiu sobre o poema: “Eu achei interessante que ele falou assim “por que é que nos ensinam tanta coisa?”e aí depois ele

falou assim “e o vento passa lá fora com a sua memória em branco. O que ele viu nem recorda”. A gente aprende tanta coisa, a gente tem tanta matéria, tantos livros, tantas coisas para aprender e, de verdade mesmo, a gente não tem conhecimento de metade do que a gente aprende”. A7 completa o raciocínio: “Eu acho que o texto critica o modo de ensinar e o autor quer ver um novo jeito de aprender. Um jeito mais simples, um jeito que ele consiga se identificar para aprender. Eu acho que é isso que acontece mesmo, jogam tudo na nossa mão e a gente realmente não sabe o que está aprendendo”.

A10 questiona os motivos de ter de aprender tantas coisas e deixa claro que a quantidade de matéria, livros e coisas para aprender acabam atrapalhando sua aprendizagem, uma vez que “não tem conhecimento de metade” do que deveria aprender. A7, por sua vez, questiona a forma de ensinar e é a favor de uma educação mais simples, em que tenha clareza do que está aprendendo. No parágrafo anterior vemos que os alunos desta sala discordam de forma e conteúdo. Assim, como pode a aprendizagem ser significativa para eles? Os conteúdos parecem não ter sentido, enquanto que a forma é desestimulante. Ainda assim, mantemos confiantes uma educação centrada no conteúdo e orientada para a aprovação nos vestibulares e elevação nos rankings de avaliação, como no já falado ENEM.

Rogers aponta outro depoimento como exemplo, desta vez de um estudante universitário de Psicologia, que parece ter a mesma sensação dos alunos que entrevistei:

O pior de tudo, penso, é o fato de que pouquíssimos alunos acham que estão aprendendo alguma coisa, seja o que for. Quase todos sentem que se trata, apenas, de continuar a idiotice do curso universitário, no qual tremenda quantidade de matéria é jogada em cima da gente, e de cada um se espera que regurgite a maior parte disso num exame, após o que se dará a impressão de haver aprendido alguma coisa. Poder-se-á, sem dúvida, ter adquirido algum conhecimento de certos fatos isolados da Psicologia, mas nenhum deles poderá ser integrado de modo coerente (ROGERS, 1978a, p. 177).

Uma vez mais vemos a reclamação de um aluno em relação a forma como o ensinam. De que vale essa preocupação com o conteúdo se, da forma como está sendo trabalhado, ele não fica retido nos estudantes? É evidente

que “os alunos interessados em determinadas matérias aprendem-nas bem, e os alunos que não tem interesse algum simplesmente não as aprendem” (REIMER, 1979, p. 45). Isto porque, como já vimos, o que é estudado pelo aluno deve ser significativo para que então ele aprenda. A escola, cumprindo orientações, monta uma grade horária que hierarquiza disciplinas, para que estas cumpram os conteúdos que devem ser passados no decorrer de três anos letivos. Como sugere A9: “É só você olhar a grade curricular de qualquer colégio, principalmente no ensino médio que você vai obter a resposta”. Nesta organização, encontramos um número de aulas diferenciado para cada disciplina. Na escola em que foi realizada esta pesquisa os alunos do ensino médio têm 5 aulas de matemática por semana, enquanto possuem apenas 1 de Filosofia e 1 de Sociologia, por exemplo. O currículo ignora as disciplinas de Arte e Educação Física, que não são contempladas na grade horária. Simbolicamente, isto representa uma hierarquia disciplinar, ou seja, passamos a ter a impressão de que matemática ou língua portuguesa são disciplinas mais importantes do que história, geografia, filosofia, e que estas, por sua vez, são mais relevantes do que a Arte ou a Educação Física. Mas como ficam aqueles alunos que nitidamente possuem uma vocação para estas disciplinas menos trabalhadas no ensino médio ou que mesmo tenham interesse em se aprofundar nelas? Ora, obviamente a escola não será o local para esse aprofundamento, uma vez que o que será cobrado nas avaliações não diz respeito a estas disciplinas. Assim, abalamos a potencialidade dos estudantes, minimizando seus interesses e frustrando seus sonhos particulares, fazendo com que acreditem que será com algumas referidas matérias que alcançarão o sucesso profissional.

Alguns alunos comentaram esta questão ao longo da entrevista, como A14: “Uma escola ideal deveria ter a divisão exata das matérias, não valorizando umas mais que outras. Ter a mesma quantidade de aulas de matemática e de filosofia, por exemplo. Cada um de nós é diferente (...) então tem que ter essa divisão exata para eu poder me descobrir e ver o que é melhor pra mim”.

A reclamação de A14 é válida. Afinal, como pode o sistema de ensino – que deveria incentivá-lo a aprender – privá-lo de estudar matérias que são

significativas para ele? A17 é outro aluno que também se incomoda com a forma que a grade está estabelecida: “O problema é a preferência óbvia que o sistema de educação dá pra certas matérias (...). Tudo bem, quem gosta de exatas, adora, porém tem coisas que são deixadas de lado como artes, pintura, filosofia e sociologia, que pessoas que tem habilidades nessas coisas se sentem inferiores e aí saem em desvantagem. Deveria igualar, deveria ter um número igual de exatas, humanas e biológicas para todos saírem felizes”.

O argumento de A17 é precioso para repensarmos que escola desejamos construir. Uma escola que cada vez é menos significativa para seus estudantes, desestimulando e criando ansiedade, angústia e outras tensões psíquicas, ou uma escola que permita uma verdadeira participação do aluno, buscando respostas para seus questionamentos particulares, significando a aprendizagem, dedicando o seu tempo a estudos que realmente considerem relevantes e que tenham alguma serventia para sua vida como pessoa ou como profissional. O que ocorre, entretanto, é que muito pouco daquilo que ensinamos permite ao aluno uma experiência real à que está acontecendo na sociedade em que vive.

Toda a nossa cultura (...) procura insistentemente manter os jovens afastados de qualquer contato com os problemas reais. Os jovens não têm de trabalhar, de assumir responsabilidades, de intervir nos problemas cívicos ou políticos, não têm lugar no debate das questões internacionais, são pura e simplesmente preservados de todo o contato direto com os problemas reais da vida individual ou da vida social. Não se conta com eles para uma ajuda em casa, para ganharem a vida, contribuírem para a ciência ou tratarem de questões morais (ROGERS, 1977, p. 271).

Ignoramos a participação do jovem na vida social fazendo-os acreditar que não estão preparados para tal, que não são maduros o suficiente para enfrentarem algumas situações da vida, afirmando que o único papel deles, como estudantes, é o de estudar. Rogers acredita que uma das formas de favorecer a aprendizagem significativa é permitir que o estudante entre em contato com os problemas reais e por isso afirma:

A primeira implicação no domínio da educação poderia ser a de permitir ao aluno, seja em que nível de ensino for, estabelecer um real contato com os problemas importantes da sua existência, de

moro a distinguir os problemas e as questões que pretende resolver (ROGERS, 1977, p. 265).

Mas para que o estudante estabeleça quais problemas de sua existência pretende resolver, é fundamental que, além de ter contato com o problema real, possa ter tempo para refletir sobre ele.

A9 analisou a condição do aluno dentro da realidade em que está inserido: “Eu acho que o que a gente passa hoje em dia, não só na escola, mas em outros lugares, é essa rotina frenética, essa coisa que nos prende, essa coisa que faz a gente cada vez mais olhar sem ver direito”. E completa: “Como que uma pessoa que está simplesmente presa e olhando só pra frente consegue ter momentos de reflexão própria? A vida inteira ela foi ensinada a decorar, a repetir o processo que ela decorou. (...) pra ela aquilo é sinônimo de sucesso, de que tudo vai dar certo para ela”.

A9 tem razão. As crianças e jovens são ensinados a decorar e repetir processos, acreditando que isto é uma fonte de segurança. Acreditar neste processo é perigoso porque nestes tempos frenéticos, utilizando as palavras de A9, o sucesso não é garantido. Mesmo pessoas que estudaram muito e obtiveram uma série de títulos acadêmicos podem sofrer com o insucesso, simplesmente porque sucesso é uma questão subjetiva, apesar de na maioria das vezes estar atrelado a acumulação de bens materiais, ampliação da renda ou reconhecimento profissional e elevação de status, mas que depende, em alguns momentos, do mero acaso, das oportunidades que se apresentam ao longo da vida, ou da rede de contatos.

Se o sucesso – ao qual não ignoro a importância do estudo e do trabalho duro para alcançá-lo – depende também de fatores ocasionais e nesta sociedade os indivíduos buscam a todo o momento a obtenção do sucesso, então àqueles que não o alcançam resta a frustração. Estamos hoje diante de uma geração estudantil que lida muito mal com as frustrações e possuem estruturas emocionais frágeis. Por outro lado, a sociedade por meio das escolas e da família, por exemplo, tornam seus jovens cada vez mais competitivos ao mesmo tempo que os fazem acreditar que cada um deles nasceu para brilhar. O resultado disto é, fatalmente, a frustração e seus muitos

males por uma questão bastante óbvia: É impossível que uma geração inteira obtenha este sucesso almejado entre eles. Me parece, assim, que a escola teria uma utilidade muito maior para o futuro destes jovens se permitisse um preenchimento interior de seus estudantes, fortalecendo suas estruturas emocionais e ensinando-os a lidar com as frustrações naturais da vida humana.

Não quero, com isso, impor a ideia de que os conteúdos disciplinares devem ser extintos da educação, mas que haja espaço para, dentro da escola, fortalecer-se também o lado emocional dos indivíduos, por meio dos debates reais da sociedade e do cotidiano dos jovens. Para tanto, faz-se profundamente necessária a presença de diferentes disciplinas na grade horária dos estudantes que dialoguem com o seu interior, e não apenas as disciplinas clássicas. Se por um lado existem alunos que se encontram na matemática, e dela se utilizam para revelar o seu próprio ser, por outro, existem alunos que somente com a arte poderão fazê-lo. Talvez por isso o apontamento de A11: “A gente tem que aprender mais sobre coisas que fazem a gente refletir, sobre nós mesmos, arte, música”. Ou mesmo o apontamento de A7: “Eu acho que (...) o colégio não dá muito foco para os esportes, que é uma coisa que deveria estar inserida na grade curricular”.

Aqui é importante frisar que para alguns alunos, como A11 e A7, a aprendizagem é significativa nestas disciplinas comentadas por eles, como arte, música e educação física. De nada adianta a escola forçar conhecimentos de outras áreas a estes alunos os mesmos não entenderem estes conhecimentos como significativos para suas vidas. É o que fala A8 ao comentar o filme Sociedade dos Poetas Mortos: “Eu acho que repetir quinhentas vezes uma palavra “agrícola” em latim não vai adiantar em nada na vida daquelas pessoas”. Diante disto, A15 sugere: “Eu acho que a escola deveria preparar mais pra vida mas não no sentido de passar na faculdade. No sentido de te ensinar coisas sobre vida. Eu vou sair daqui, se um dia eu for morar sozinha, eu não sei cozinhar arroz, eu acho que é função da minha mãe, mas a escola poderia ter aulas mais “vida”, culinária... aulas sobre imposto. Eu não tenho a menor ideia do que é imposto de renda, eu nem sei o que eu tenho que pagar para o governo. A escola deveria nos preparar mais para isso”. A preocupação de A15 mostra que ela estaria muito disposta a aprender como

lidar com questões que farão parte do seu cotidiano futuro. A15 entende que é papel da escola formar a pessoa para a vida e não somente para ser aprovada em um vestibular.

A 10 faz a leitura de que “o ensino médio em geral no Brasil, dá um foco maior para (...) formar uma pessoa que possa passar no vestibular. (...) Mesmo que um professor que (...) tentar fazer alguma diferente para ser um pouco mais humano, pode ser cortado por estar fugindo do cronograma ou por não dar tempo de dar uma matéria importante”. Assim, A12 reforça o coro, ao analisar o filme: “Em nenhum momento a preocupação da escola é em formar aqueles jovens capacitados para a vida, para poder tanto no meio familiar como profissional viver e agir da melhor forma. Hoje em dia não adianta ser um bom profissional se você não é sociável, se você não sabe lidar com as pessoas que estão a sua volta. (...) Por mais que o mundo seja competitivo a gente tem que se voltar para a formação do cidadão”.

Notemos que, são muito frequentes os pedidos dos alunos desta turma de 3º ano para que a educação a qual estão inseridos seja mais significativa para eles, de tal forma que ela possa contribuir para a formação deles como pessoas. Eles pedem que mesmo as matérias mais tradicionais sejam trabalhadas de outra forma, que o objetivo final da aprendizagem não seja a aplicação dos conhecimentos no vestibular, mas, sim, que seja a utilização dos mesmos em suas vidas. “As funções sociais desempenhadas pela escolas são, de fato, necessárias. Nosso argumento é o de que as escolas desempenham mal essas funções e precisamos descobrir novas alternativas para o sistema escolar” (REIMER,1979 ,p.52). Talvez, uma simples mudança de foco seria suficiente para proporcionar a estes alunos uma experiência completamente diferente da sala de aula, rompendo com o ambiente desanimador e entediante. Os alunos, curiosos pelo seu mundo, preocupados com as suas vidas, teriam uma outra forma de interagir com aquilo que aprendem na escola, se os motivássemos, não com o temor das notas, mas com a beleza do aprender. Sobre isso, A7 conta: “para ser bem honesta eu só comecei a dar atenção para Sociologia e Filosofia a partir do 2º ano porque no 1º ano eu decorava a matéria tanto quanto as outras matérias para passar de ano e não para realmente me interessar”.

Lendo o poema de Mario Quintana, A6 comentou: “Ele diz que estuda muita coisa que às vezes não é necessário. Ele quer aprender só o necessário para ele poder ser feliz, do jeito que ele quiser”. Alexander Neill, em uma de suas conhecidas frases diz: “Gostaria antes de ver a escola produzir um varredor de ruas feliz do que um erudito neurótico”. Isto nos faz questionar completamente aquela ideia de sucesso já trazida neste texto. Afinal, o sucesso não pode ser um simples entendimento de que a vida humana se realiza na felicidade e que, esta por sua vez, não implica em acumulação financeira e elevação de status? Como vivemos em uma sociedade – e nela crescemos e aprendemos – de indivíduos que se preenchem no consumo, então a prosperidade financeira é uma necessidade não somente para a sobrevivência mas para comprar produtos e serviços que nos farão felizes. Felicidade, nesta sociedade, não se encontra no interior do indivíduo, mas em seu entorno, em todas as maravilhas que por ele podem ser consumidas. Daí a necessidade de se obter aquele sucesso entendido como acumulação financeira.

Felicidade, entretanto, se dá no interior do indivíduo. Logo, se a felicidade interior é preenchida com aquilo que vem de fora, então a todo momento a pessoa precisará consumir para manter elevado o seu nível de felicidade. Caso a pessoa não seja capaz de ter uma vida para o consumo, muito provavelmente ela será tomada pela frustração. Se não quisermos formar indivíduos neuróticos, como aponta Neill, então devemos repensar a forma como a escola e os pais motivam os alunos e os orientam para a vida. Aliás, já vivemos uma época em que as neuroses estão muito mais presentes entre crianças e jovens. Será mesmo necessário que essas crianças e jovens tenham que passar por estes sofrimentos psíquicos para que conquistem o sucesso tão almejado nos tempos atuais?

Ainda sobre o poema, A8 reflete: O que ele realmente se questiona é o que a gente vai levar disso? (...) O que vai fazer sentido? É isso o que ele questiona e é isso o que a gente deveria se questionar também.

Refletindo sobre uma passagem do filme Sociedade dos Poetas Mortos, A15 fala sobre os alunos da escola retratada e as profissões que seguirão:

“quando eles falam das profissões de banqueiro, administrador, médico, advogado... são profissões muito certas, é certeza que vai dar certo. Mas nenhum deles está estudando para ser artista. Eles estão lá para ter uma profissão segura que provavelmente os pais impuseram”. A preocupação dos pais com o futuro dos filhos e com a saúde financeira dos mesmos faz com que muitos daqueles que possuam vocação para uma profissão menos tradicional, como a de artista, músico ou atleta, abram mão do sonho da profissão para escolher, influenciado pelos pais, uma profissão que garanta rentabilidade. Isto gera alívio e conforto aos progenitores, mas pode ser fonte de angústia e infelicidade ao jovem profissional.

Minha preocupação tem como base a certeza de que o futuro da civilização talvez dependa de se encontrarem soluções para os problemas psicológicos. É um truísmo afirmar que o homem fez grandes progressos na solução de muitos dos problemas materiais da sua existência, mas que poderá ver-se derrotado, e talvez aniquilado, por seu insucesso na solução dos problemas psicológicos com que se defronta – atritos interpessoais, inter-raciais e internacionais, delinquência, os distúrbios rotulados de “doenças mentais”, a crescente perda do senso de propósito e a inaptidão para aprender, em nível que nos mantenha à altura do conhecimento geral em expansão (ROGERS, 1978a, p. 170).

É tendo este pensamento de Rogers como base, que acredito ser fundamental que a escola deva se preocupar cada vez mais com a elaboração das questões emocionais dos alunos, contribuindo para que se formem como pessoas e cidadãos atuantes, atuando sobre as intolerâncias dos nossos tempos e os atritos interpessoais existentes.

3.5 Argumentos contrários à Abordagem Humanista Rogeriana

Até este momento procurei apresentar os argumentos utilizados pelos alunos que demonstram que, mesmo sem conhecerem a abordagem humanista de Carl Rogers, convergem com os seus pensamentos para a educação. Vimos assim que, algumas citações de Carl Rogers se aproximam bastante dos apontamentos realizados pelos alunos.

No entanto, gostaria agora de mostrar outras questões levantadas por eles que divergem da abordagem rogeriana. Para isso, mantereí o mesmo

formato de apresentar a fala dos alunos, analisando-as e comparando-as com citações de Rogers e outros autores.

Em determinado momento da entrevista A10 ponderou: “Eu acho que no mundo que a gente vive tem que ser assim. (...) a escola tem que ensinar a gente a passar no vestibular”. É interessante perceber que, apesar de haver muitos argumentos dos alunos que sugerem que o vestibular os prejudica com as muitas pressões que ele causa, ainda assim os alunos entendem sua importância no atual momento da educação brasileira. Uma vez que não conseguem imaginar outra forma que não o vestibular para ingressarem no ensino superior, então o vestibular se justifica como ferramenta de seleção dos que estão supostamente mais preparados para preencherem uma vaga do curso preterido.

A10 também comenta sua percepção de que “até você chegar no 9º ano a escola quer formar você como uma pessoa e quer formar você pra você aguentar o ensino médio. E quando você chega no ensino médio, você já tá uma pessoa, já foi, já acabou, então agora tem que se preparar para você passar no vestibular. (...) Então eu acho que a escola forma a gente pra passar no vestibular”.

Nesta fala de A10, duas questões são interessantes. A primeira delas é a ideia de que a escola, ao longo do ensino fundamental, deve formar o aluno como pessoa, e que no ensino médio, o aluno já será uma pessoa. Esta opinião é conflitante com a de Rogers, uma vez que o psicólogo entende que estamos constantemente num processo de nos tornarmos pessoas. Assim, não haveria como definir, utilizando Rogers, que o ensino fundamental forma a pessoa, e esta pessoa estaria ‘terminada’ ou ‘completa’ no ensino médio.

A segunda questão diz respeito ao termo “aguentar” quando o aluno se refere sobre o ensino fundamental servir para que o aluno consiga aguentar o ensino médio. Talvez a palavra tenha sido mal utilizada pelo aluno, que possa ter tentando dizer que os conhecimentos do ensino fundamental são necessários para o seguinte nível de ensino. Entretanto, com não disponho de recursos para compreender de fato o que o aluno pensou que não a própria entrevista redigida, posso supor que a palavra “aguentar” é resultado de uma

insatisfação que o aluno sente com o ensino que está inserido. Aguentar é uma palavra que remete a algo pesado, penoso ou desconfortável. Consigo imaginar também que a palavra aguentar tenha sido usada como tentativa de explicar que no ensino médio é necessário ser forte para suportar a pressão deste nível de ensino, que vai além da sala de aula, como o vestibular e a cobrança de familiares, amigos e professores para a aprovação na faculdade.

Por falar em pressão, gostaria de ressaltar a opinião de um dos alunos, que parece não sentir impacto da pressão pelo vestibular. Assim fala A1: “Eu acho que esse negócio de pressão é tudo bobagem. O mundo hoje é muito competitivo e quem não aguenta pressão tá fora”. Analisando o início do filme Sociedade dos Poetas Mortos que apresenta uma escola tradicional, A1 continua: “Essa escola, pelo que eu vi, faz os alunos aguentarem pressão. Ela é a melhor escola para viver no mundo hoje. É diferente das escolas que eu estudei que não preparam os alunos bem para o mundo competitivo que é hoje”.

Neste momento percebemos que a educação está diretamente relacionada à forma como cada indivíduo entende o mundo. Uma pessoa que entenda que o mundo atual é movido pela competição, em que somente os mais capacitados terão oportunidades de triunfar profissionalmente, então a tendência é que esta pessoa não se oponha ao atual formato da escola e da aprovação dos alunos no ensino superior, pois entende que o vestibular é somente mais uma competição pela qual as pessoas deverão passar para alcançar suas metas, e aqueles que mais se prepararam para ele terão êxito. Por outro lado, pessoas que não concordam que a vida deva ser encarada como uma constante competição tendem a criticar o formato do vestibular e do modelo de educação preparatória para tal, uma vez que é ele se torna limitadora da liberdade de aprender.

É evidente que em uma grande cidade, como São Paulo, as oportunidades não estão dispostas para todos, e que, naturalmente, os contratantes estão atrás das pessoas que estão mais preparadas para serem empregadas. A escola que prepara para o vestibular, prepara diretamente para a competição – não entrarei na questão dos impactos sociais que uma

educação voltada para a competição pode causar em uma sociedade, mas é inegável que o distanciamento e o individualismo tão presentes atualmente, são resultados também de um ensino competitivo. Os jovens inseridos neste formato de ensino se fortalecem para a vida adulta, que será possivelmente pautada na competição, posto que foi assim que aprenderam a pensar. Neste sentido A2 afirma: “Eu acho o ensino médio uma ponte para o mundo adulto porque (...) a competitividade no mundo adulto é alta”. Logo, é válido que a escola atue desta forma, preparando para o vestibular e para a competição?

A9 responde: “A escola, na minha opinião, forma máquinas para produzir. Isso que é o papel da escola hoje”. E continua: “Infelizmente é o mundo que a gente vive. Eu acho que a questão dessa competição é tudo porque a gente não nasceu para viver, a gente nasceu para produzir. A produção de dinheiro é mais importante do que você aproveitar os momentos da sua vida. (...) isto é um ponto muito triste”.

A9 entende que a vida deve ser utilizada para produção de dinheiro, ao invés de aproveitar os momentos da vida. Ainda que pareça aceitar que a vida é assim, fruto da maneira como foi ensinado a pensar, ele rebate: “isto é um ponto muito triste”. Nossa sociedade parece ignorar o antigo dizer “o trabalho dignifica o homem”, e passou a construir a ideia de que o trabalho servirá somente para gerar dinheiro, como se nele não se encontrasse nenhuma outra importância.

Isto pôde ser observado quando a entrevista tomou o rumo sobre as profissões que os alunos pretendiam seguir e a importância das mesmas. A1 opinou: “Engenharia, medicina... são as mais importantes porque elas têm maior função social no meu ponto de vista. Moda, pintura (...) não tem tanta função social como estas outras. Por isso os pais querem isso dos filhos, porque são mais importantes”. O que poderia ter levado A1 a afirmar que Engenharia e Medicina são profissões mais importantes que as de Moda ou Pintura? Para comparar essas profissões foi necessário que ele tenha elegido mentalmente uma base de comparação, as quais suponho terem sido o retorno financeiro gerado e a tradição do curso. Penso que provavelmente este pensamento de A1 foi influenciado por seus pais.

A fala de A1 gerou indignação em alguns outros alunos da sala que não concordavam com a tentativa de considerar que algumas profissões eram mais importantes que outras. Por muitas vezes A1 seguiu defendendo a importância de uma escola que educasse para a competição e contra argumentou: “Eu gosto muito desse colégio por ele não me tratar como número, mas também acho que por um lado isso é ruim, porque no mundo a gente não vai ser tratado pelo nome, a gente vai ser um número. Se a gente for melhor, a gente vai ser chamado pelo nome, só se a gente for melhor. Esta é a condição, não tem outra. Se não seremos número”. O ideal meritocrático de A1 não é condizente com as ideias de Carl Rogers para a educação, que respeita o ritmo de aprendizagem de cada pessoa e liberta para que elas se desenvolvam pelos rumos que desejam seguir.

Deixo que A17 pondere todas estas questões e de maneira bastante equilibrada argumente: “Eu acho que o problema não é ensinar a competir, pode ensinar a competir, mas não pode deixar de lado outras coisas. O problema da educação é a desumanização das pessoas”. Que construamos então uma educação que se preocupe em humanizar uma sociedade que está desaprendendo a ser humana.

Por fim, retomo a ideia de que a forma como cada um de nós encara o processo educativo – nas diferentes fases do ser – está diretamente ligado à forma como cada um de nós encara esta vida. Não há forma correta ou errada de ensinar, como não há forma correta ou errada de viver. O que há são metodologias coesas às crenças pessoais que, para serem descobertas, necessitam de uma profunda elaboração interna, uma busca constante de tornar-se pessoa e um acúmulo de repertório que permita nos aproximarmos daquilo que acreditamos.

Considerações Finais

Procurei apresentar neste trabalho, uma preocupação pessoal que é compartilhada com outros educadores, principalmente do nível médio. Há tempos observamos o ensino se degradando pela falta de motivação de alunos e professores. A preocupação das escolas particulares em sobreviverem no mercado, em conjunto com a ânsia dos pais dos alunos que possuem capacidade de financiar a educação dos filhos em vê-los adentrarem em uma universidade de ponta – preferencialmente uma universidade pública – cria um cenário cruel para os alunos e professores. A educação passa a se voltar quase que exclusivamente à preocupação em fazer o estudante acumular a maior quantidade possível de conteúdos para serem aplicados nas provas de vestibular. Com pouco tempo para muito conteúdo, os professores são pressionados a correrem com as matérias, deixando pra trás, muitas vezes, momentos preciosos de reflexão, em que a aula poderia ser utilizada para outros movimentos pedagógicos que não a transmissão de conteúdo.

Os alunos, por sua vez, sofrem com a quantidade de matérias que devem estudar, resultado de uma escola que busca ser competitiva e, para tanto, necessita que seus alunos também o sejam. Dado curioso e talvez até irresponsável, está no fato destes alunos não terem tempo suficiente ao longo dos anos de ensino médio de pararem por alguns momentos para pensarem sobre os rumos que pretendem seguir. Naturalmente, isto está presente na mente de cada um deles, muito embora, em grande parte, na forma de uma angústia ou, ao menos, de uma preocupação. Na escola em que foi realizada a presente pesquisa – e imagino que em boa parte das escolas paulistanas que estão inseridas no concorrido mercado da educação – os alunos estão com tantas atividades, que não têm tempo para pensarem sobre suas próprias vidas, fato que é alvo de reclamação deles próprios. Assim, tenho a impressão de que o que é cobrado deles, o que é realmente importante, é que eles sejam aprovados no vestibular de alguma universidade de ponta, mesmo que não saibam exatamente o que querem estudar no ensino superior.

Atualmente, uma das propostas estratégicas da referida escola é a de que cerca de 90% dos alunos sejam aprovados no curso que desejam. Diante disso questiono: o que a escola está fazendo para colaborar para que estes alunos descubram qual o seu desejo acadêmico? Creio que estamos demasiadamente preocupados com conteúdo, e pouco interessados em ajudar os jovens neste difícil processo de amadurecimento emocional, que é bastante exigido nesta fase da vida em que ele deverá tomar uma decisão.

Gostaria de frisar que meus apontamentos não devem ser interpretados como uma tentativa de diminuir a importância do conteúdo das aulas dos professores, ou mesmo, afrouxar as cobranças que fazemos aos nossos alunos. Professores que estão realmente preocupados com seus alunos sabem que a cobrança e o desequilíbrio em determinados momentos são fundamentais para a evolução acadêmica dos mesmos. Por outro lado, minha preocupação se volta para o emocional, para aquilo que não está sendo trabalhado com a devida importância.

A fase do ensino médio é de extrema importância na vida de um indivíduo. Quando falamos de uma escola regular, este aluno se encontra na adolescência, época da vida em que o jovem está terminando de formar os seus valores, ao mesmo tempo em que passa a perceber a imensidão do mundo e as muitas escolhas que deverá tomar ao longo de sua vida. Esta fase pode se apresentar bastante assustadora, pois reflete um período de grandes descobertas que, combinado com um aumento da taxa de hormônios, pode resultar em profundos impactos emocionais. É nesta hora que o jovem precisa de uma atenção especial, apesar de muitas vezes ser resistente a ela. Faz-se assim necessária a figura de um professor que saiba compreender os conflitos internos e as angústias do mundo moderno pelas quais seus alunos estão passando, para conseguir administrar em suas aulas, não somente o tempo para o conteúdo, como para conversas e debates que permitam que os estudantes entrem em um contato maior com eles mesmos, passando a se conhecerem melhor e, favorecendo, naturalmente, o fortalecimento emocional dos adolescentes, tornando-os mais maduros, seguros e responsáveis.

Foi por este motivo que decidi debater as ideias de Carl Rogers nesta pesquisa. Acredito que ele possui algumas respostas importantes para os tempos atuais sobre como devemos educar nossos alunos de ensino médio. Da mesma forma que um psicoterapeuta procura facilitar o processo de tornar-se pessoa para seu cliente, assim também deve atuar o professor em relação aos seus alunos: um facilitador que colabora para que seus alunos experimentem uma aprendizagem significativa – seja ela auto iniciada ou não – enquanto que assiste o desenvolvimento do aluno como pessoa, isto é, observando ele tornar-se aquilo que de fato, graças às investigações internas que o próprio ensino exigirá.

Possuímos hoje uma educação voltada para fora, isto é, uma educação que cobra que os estudantes apresentem aquilo que foi aprendido. São poucas as oportunidades de educação voltada para dentro, ou seja, uma educação realmente significativa, que mecha diretamente com o interior do indivíduo promovendo uma verdadeira transformação de seu ser. Penso ser interessante a escola buscar novas experiências que se baseiem na abordagem humanista de Carl Rogers para a educação.

Comprovei, a partir da entrevista que realizei com os alunos do terceiro ano do ensino médio da escola pesquisada, que existe uma aproximação grande entre as propostas de Rogers para a educação e os pensamentos dos alunos em relação à educação em que estão inseridos. Eles que nunca haviam lido nada do autor, e mesmo nunca haviam ouvido falar deste psicólogo, acabaram apresentando em suas falas uma série de reclamações e inquietações que também são mostradas nos livros de Rogers, inclusive com debates sobre possíveis mudanças.

É natural que a etnopesquisa realizada não pretende criar um padrão de pensamento dos estudantes –e esta nunca foi sua intenção – até porque estamos falando de uma amostra insignificante se comparada à população de estudantes de São Paulo e do Brasil, mas esta era uma realidade presente naquele grupo de alunos com os quais convivi e pude vivenciar suas angústias estudantis. Mas acredito que, da mesma forma que estas pessoas, muitas outras enfrentam as mesmas crises ao longo dos anos de ensino médio.

Finalmente, defendi a necessidade de reavaliarmos os destinos de nossa educação. Utilizando Rogers e outros autores, questioneei a relevância do atual sistema e seus impactos nos indivíduos. Esta pesquisa deixa em aberto muitas novas questões que se apresentam e que me inspiram a seguir trabalhando. Sugiro que um novo trabalho seja feito, procurando demonstrar e relatar como poderia se estruturar um curso inteiro ao longo de um ano letivo, utilizando-se da abordagem humanista de Carl Rogers na prática docente. Talvez esta seja uma experiência importante para comprovar ou refutar a abordagem de Rogers em tempos cada vez mais cronológicos da educação.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta, 2008.

ALVES, Rubem. *Entre a Ciência e a Sapiência: O dilema da educação*. 20ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

ALVES, Rubem. *Variações Sobre o Prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babe-te*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 14ª ed. Campinas: Papirus, 2012a.

ALVES, Rubem. *Sete vezes Rubem Alves*. Campinas: Papirus, 2012b.

ARANHA, Maria Lúcia de A. *Filosofia da Educação*. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Sobre Educação e Juventude: Conversas com Riccardo Mazzeo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BACHELARD, Gaston. *A intuição do Instante*. 2ª ed. Campinas: Verus, 2010.

BUTLER-BOWDON, Tom. *50 Grandes Mestres da Psicologia*. São Paulo: Universo dos Livros, 2012.

EVANS, Richard. *Carl Rogers: O homem e suas idéias*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. 28ª edição. São Leopoldo: Vozes, 2008.

FRANKL, Viktor. *A presença ignorada de Deus*. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 41ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *História das Ideias Pedagógicas*. 8ª ed. São Paulo, Ática, 1999.

GLEISER, Marcelo. *Criação Imperfeita: Cosmo, vida e o código oculto da natureza*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

GLEISER, Marcelo. *A Ilha do Conhecimento: Os limites da ciência e a busca por sentido*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GIKOVATE, Flávio. *A Arte de Educar*. Curitiba: Nova Didática, 2001.

GIKOVATE, Flávio. *Nós, Os Humanos*. 2ª ed. São Paulo: MG Editores, 2009.

GOODWIN, C. James. *História da Psicologia Moderna*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

JUNG, Carl G (Org.). *O Homem e seus Símbolos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUSTO, Henrique. *Carl Rogers: Teoria da Personalidade; Aprendizagem centrada no aluno; Psicologia Humanista*. 4ª ed. Porto Alegre: Livraria S. Antônio, 1978.

KARNAL, Rose. Disciplina. In: KARNAL, Leandro. *Conversas com um jovem professor*. São Paulo: Contexto, 2012.

KRAWCZYK, Nora (org.). *Sociologia do Ensino Médio: Crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, 2014.

LYON JR., Harold C. *Aprender a Sentir – Sentir para Aprender*. Educação Humanista para o Homem completo. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MILHOLLAN, Frank; FORISHA, Bill. *Skinner x Rogers: Maneiras contrastantes de encarar a educação*. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1978.

MIZUKAMI, M. *Ensino: As Abordagens do Processo*. Editora EPU, São Paulo: 1986.

MONTEIRO, A. Reis. *História da Educação: Do antigo “direito de educação” ao novo “direito à educação”*. São Paulo: Cortez, 2006.

MOREIRA, Marco A. *Ensino e Aprendizagem: Enfoques teóricos*. São Paulo: Ed. Moraes, 1985.

MOREIRA, Marco A. *Aprendizagem Significativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

NEILL, Alexander S. *Liberdade no Lar: Problemas da família*. 2ª ed. São Paulo: IBRASA, 1970.

NEILL, Alexander S. *Liberdade sem Excesso*. 6ª ed. São Paulo: IBRASA, 1972.

NEILL, Alexander S. *Minha Luta pela Liberdade no Ensino*. São Paulo: IBRASA, 1975.

NEILL, Alexander S. *Liberdade, Escola, Amor e Juventude*. 3ª ed. São Paulo: IBRASA, 1978a.

NEILL, Alexander S. *Um Mestre na Encruzilhada: Entre o amor e a falsa disciplina*. São Paulo: IBRASA, 1978b.

NEILL, Alexander S. *Liberdade sem Medo: Summerhill*. 30ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1980.

PENTEADO, Wilma M. (org.) *Psicologia e Ensino*. São Paulo: Papelivros, 1980.

PIAGET, Jean. *Para onde vai a Educação?*. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

PUENTE, Miguel de la. *O Ensino Centrado no Estudante: Renovação e crítica das teorias educacionais de Carl R. Rogers*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

RATHS, Louis *et al.* *Ensinar a Pensar: Teoria e Aplicação*. 2ª ed. São Paulo: EPU, 1977.

REIMER, Eberett. *A Escola está morta*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

ROGERS, Carl. *Liberdade de aprender em nossa década*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ROGERS, Carl. *Grupos de Encontro*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

ROGERS, Carl. *Liberdade para Aprender*. 4ª ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1978a.

ROGERS, Carl. *Sobre o Poder Pessoal*. São Paulo: Martins Fontes, 1978b.

ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. 3ª São Paulo: Martins Fontes, 1977.

ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. 6ª ed. 5ª tir. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.

ROGERS, Carl. *Um Jeito de Ser*. São Paulo: E.P.U., 2012.

ROGERS, Carl. *Novas Formas de Amor*. O casamento e suas alternativas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1976.

ROGERS, Carl *et al.* *Em Busca de Vida*: Da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa. São Paulo: Summus, 1983.

ROGERS, Carl; COULSON, William (orgs.). *O Homem e a Ciência do homem*. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.

ROGERS, Carl; KINGET, G. Marian. *Psicoterapia y Relaciones Humanas*: Teoria y practica de la terapia no directive: tomo II. Madrid: Hombres, Hechos e Ideas, 1967.

ROGERS, Carl; ROSENBER, Rachel L. *A Pessoa Como Centro*. São Paulo: E.P.U, 2012.

ROGERS, Carl; STEVENS, Barry. *De Pessoa Para Pessoa*: O problema de ser humano. 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

ROGERS, Natalie. *A Mulher Emergente*: Uma experiência de vida. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Poderes Instáveis em Educação*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SKINNER, B.F. *O Mito da Liberdade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1977.

SKINNER, B.F. *Sobre o Behaviorismo*. 10ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SPOCK, Benjamin. *Criando Filhos em Tempos Difíceis*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

VANDENBOS, Gary R. (org.). *Dicionário de Psicologia*: American Psychological Association: APA. Porto Alegre: Artmed, 2010.

VASCONCELOS, Maria L. *Educação Básica: A formação do professor; relação professor-aluno; planejamento; mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2012.

WHITROW, G.J. *O Tempo na História: Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993.

ZIMRING, Fred. *Carl Rogers*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

Apêndice

Entrevista na íntegra com os alunos do 3º ano do Ensino Médio

P: Boa tarde, para começar a entrevista eu quero saber de vocês, depois de vocês terem lido esse poema do Mario Quintana e verem este trecho do filme Sociedade dos Poetas Mortos, quais são as opiniões de vocês sobre eles. Vamos começar pelo poema. O que vocês podem falar deste poema do Mario Quintana, pensando na escola e na educação?

A1: Eu acho que o poema tem uma visão bem simplista da escola, que não é a visão ideal porque ele fala que, pelo que eu entendi, não tem que estudar. Só quer estudar o mais básico e este não é o caminho.

A2: Ele aborda a questão de uma prova de uma maneira muito ruim porque ele diz que a hora da prova é um muro de fuzilamento. Ele faz esta metáfora porque, como o A1 disse, ele não gosta de saber além, ele gosta de saber o básico.

A3: Eu acho que o autor se sentia preso na escola. Era uma coisa meio triste para ele. Ninguém perguntou para ele se ele queria estar na escola; obrigaram ele a ir. Então ele se sente preso e pra ele a prova é um fuzilamento porque ele está morrendo ali. Ele podia estar lá fora brincando com as flores, vendo o vento, mas ele está na escola porque é obrigado a estar lá.

A4: O texto mostra, o título é “O colegial”. O que a gente está passando agora o texto mostra: o fuzilamento. A gente está pressionado com a Fuvest, Enem, simulados, vestibulares. Ele fala que é muro de fuzilamento porque estamos estudando muito. Estamos sendo atacados de tudo quanto é lado, de tudo quanto é matéria. O texto fala que deveríamos aproveitar, apesar de termos que estudar de tudo.

A5: Eu concordo com tudo que o texto está dizendo porque pra mim o colégio não tinha que ser obrigação. A gente tem que estudar o que a gente gosta e não tantas coisas pra saber de tudo. Não quero ser uma pessoa que sabe tudo

de tudo. Quero ser uma pessoa normal e viver o que eu quero e o que eu gosto.

A6: Eu acho que ele não quer dizer que não gosta de estudar. Ele diz que estuda muita coisa que às vezes não é necessário. Ele quer aprender só o necessário para ele poder ser feliz, do jeito que ele quiser.

A7: Eu acho que o texto critica o modo de ensinar e o autor quer ver um novo jeito de aprender. Um jeito mais simples, um jeito que ele consiga se identificar para aprender. Eu acho que é isso que acontece mesmo, jogam tudo na nossa mão e a gente realmente não sabe o que está aprendendo. A gente só tem conhecimento do que está na lousa e não vai além disso. Eu acho que ele está criticando o modo e não o ensinar.

A8: Eu acho exatamente isso, ele está criticando o modo. O que ele realmente se questiona é o que a gente vai levar disso? O que vai aprofundar na nossa vida? O que vai fazer sentido? É isso o que ele questiona e é isso o que a gente deveria se questionar também.

A9: Ele de certa forma evidencia a prisão falando “o vento passa lá fora e eu no quadro negro imóvel”. E eu concordo com o Cláudio que pelo que parece ele obviamente fez esse texto depois que ele já passou por tudo isso, então ele consegue ter uma visão de fora. E pelo que eu percebi ele coloca uma dúvida na nossa cabeça: será que vale a pena tudo isso? Será que a gente precisa passar por tudo isso ou a gente pode tentar mudar de alguma forma, tentar sofrer menos nesse processo, ter um caminho mais simples do que é hoje? Ele joga uma dúvida na nossa cabeça querendo dizer, por que não aproveitar mais? Porque ele está de fora, ele consegue ver porque já passou por isso.

P: *Aproveitar de que forma?*

A9: Aproveitar mais a vida. Ele tá de fora então ele consegue observar melhor estando de fora. “Eu já passei por isso, mas puxa, tudo que eu fiz, valeu a pena?”

A10: Eu achei interessante que ele falou assim “por que é que nos ensinam tanta coisa” e aí depois ele falou assim “e o vento passa lá fora com a sua

memória em branco. O que ele viu nem recorda”. A gente aprende tanta coisa, a gente tem tanta matéria, tantos livros, tantas coisas para aprender e, de verdade mesmo, a gente não tem conhecimento de metade do que a gente aprende. Então eu achei muito interessante ele colocar dessa maneira e outra parte que eu achei muito significativa é quando ele falou “ó almozinha assustada”, porque o aluno é muito assustado realmente, ele é muito submisso, ele acha que está sempre errado e que o professor está sempre certo, e que ele tem que seguir aquilo, que ele não pode fazer diferente e que se ele quer fazer alguma coisa que não está no protocolo, ele não pode fazer. Essa é minha opinião. Ele não fala que a escola não deveria ensinar nada ou que a escola deveria ensinar o básico. Eu acho que o que ele fala é que o necessário é o básico. Para a vida dele se ele não soubesse tudo que ele aprendeu na escola, se ele soubesse contar só com os dedos da mão, só com as experiências dele seria o suficiente.

A2: Eu acho que contentar-se com pouco é um pensamento muito pequeno.

A1: Para complementar a minha opinião anterior, as pessoas estão falando para só fazer o básico, só o que gosta. Mas como saber o que se gosta? A gente precisa ter uma ampla visão para saber do que gostamos para depois seguir em frente nisso.

A11: Eu acho que a gente aprende tanto sobre tanta coisa que a gente acaba não aprendendo sobre nós mesmos. A gente está no 3º colegial e muita gente não sabe nem o que quer fazer, até porque não sabe o que gosta, não teve tempo para aprender sobre si, sobre o que faz a gente se sentir bem. São tantas coisas fuziladas na nossa cabeça que a gente não consegue pensar nisso. A gente tem que aprender mais sobre coisas que fazem a gente refletir, sobre nós mesmos, arte, música... está faltando muito.

A6: O que ele quer dizer não é que ele quer aprender pouco, aprender o básico. É preciso aprender o básico de tudo para se aprofundar naquilo que você gosta mais.

A9: Concordo muito com a A11. A gente passa tanto tempo não se preocupando com a gente e se preocupando tanto com a rotina, tanto com as

coisas que a gente tem que fazer, que a gente é obrigado a fazer, que a gente esquece da gente, a gente esquece de quem a gente é e de pensar sobre o que nós gostamos, o que nós somos, o que faz a gente ser a gente, e talvez, muito mais profundo, seria uma mensagem que ele queria passar.

P: Gostei bastante do que vocês falaram sobre o poema. Agora vamos falar um pouquinho sobre o filme “Sociedade dos poetas mortos”, do trecho inicial que vimos. Vocês conseguem fazer algum tipo de comparação do filme com a escola e com a educação que vocês tiveram?

A7: Eu acho que assim como você fala nas salas de aula, o colegial é um ciclo. Você está no 2º ano e espera estar no 3º e assim por diante. Do mesmo jeito que você fez a gente ir até uma parede e olhar o legado do ano passado, esse professor (Prof. John Keating – Robin Williams) fez com que os alunos olhassem para as histórias antigas e vissem a imagem que aqueles antigos alunos estavam passando. Só que eu senti que era um jeito diferente, você passou pra gente olhar para o legado e falar “um dia eu quero estar aí” e no filme mostra o rosto das personagens falando “aproveite mais seu dia; aproveite o que eu não aproveitei”.

A9: Teve uma cena que eu achei muito válida que começava com uns pássaros voando e logo depois vinha uma imagem do colégio, interno, lá dentro, com uma confusão e eu pude perceber que os pássaros estavam livres, mas eles estavam organizados, mas não era uma organização imposta, era uma organização natural. E onde deveria ter organização segundo as pessoas do colégio, precisava de alguém ordenando, pedindo o silêncio, pedindo a organização. Aí a gente consegue ver a diferença entre o natural e o forçado. Na natureza os pássaros estavam voando de uma forma totalmente organizada, porém livre, muito mais real. E onde deveria ter uma ordem, não tinha ordem, tinha uma baderna e precisava de alguém regulando a ordem.

A10: Eu consigo ver muito a gente na parte que começa a mostrar os professores colocando pressão: “Se você não fizer lição de casa você vai perder um ponto na sua média final”, no pai falando pro filho para ele não fazer tantas atividades extracurriculares porque ele não iria conseguir se concentrar no mais importante e vê-los carregando tantos livros, repetindo latim, fazendo

um monte de atividades, tendo um monte de lição de casa, o aluno sobrecarregado, eu vejo muito isso na gente. E eles continuavam sempre na mesma linha, todas as aulas do mesmo jeito e aí chega um professor que faz uma coisa totalmente diferente, totalmente nova que os deixa com medo por ser muito diferente do que eles têm. Eles estão tão acostumados com a disciplina que quando eles têm alguma coisa diferente, que olha para eles, eu acho que eles até tem medo de olhar para dentro deles e pensar nesse lado da educação.

A4: Uma coisa que lembrou muito também o colégio é no começo do filme quando o diretor fala que tantos alunos foram para tais faculdades que são as melhores. Todo ano eu vejo algum professor falando “Tal colégio fez tantos pontos na redação do Enem; tantos alunos passaram na USP”. Isto já é uma pressão. Como a Marina falou, o professor do filme fez uma coisa diferente. Quando eu vi, eu lembrei muito da sua aula, quando você levou a gente lá para fora sem se preocupar com o tempo passando.

A11: Uma coisa que eu reparei foi quando os pais estavam deixando os filhos na escola e o menino estava chorando “Não mãe, eu não quero estudar aqui!”. Isso mostra muito como é uma obrigação pra gente. Você não pode largar toda sua família para estudar só matemática, português, geografia, história... A gente tem que aprender sobre as relações, sobre lidar com as pessoas e isto ele não vai aprender naquele mundo fechado. Ele só recebe ordens lá, é obrigado a fazer tudo certinho, tudo programado. Acho que as experiências contam muito também e é só fora que se aprende, lidando com tudo.

A9: Eu acho que o que a gente passa hoje em dia, não só na escola, mas em outros lugares, é essa rotina frenética, essa coisa que nos prende, essa coisa que faz a gente cada vez mais olhar sem ver direito, passar por um lugar e não perceber as coisas. No filme, por exemplo, ele fala “olhem direito, observem o que vocês não conseguem ver”. Eu acho que estamos numa rotina tão frenética que cada hora você tem que fazer alguma coisa, controla no relógio, “tenho dez minutos para fazer aquilo, tenho quinze minutos para fazer aquilo... ferrou, não tenho mais tempo”. E a gente acaba passando reto, despercebendo algumas coisas importantes e eu acho que essa coisa frenética deixa a gente

muito preso, deixa a gente sem perceber as coisas que realmente importam. Cabe a cada um decidir se quer olhar e ver direito ou se você quer aceitar uma visão que já existe.

A1: Eu vou dar minha opinião e eu acho que ela é meio diferente da sala. Eu acho que esse negócio de pressão é tudo bobagem. O mundo hoje é muito competitivo e quem não aguenta pressão tá fora. E essa escola, pelo que eu vi, faz os alunos aguentarem pressão. Ela é a melhor escola para viver no mundo hoje. É diferente das escolas que eu estudei que não preparam os alunos bem para o mundo competitivo que é hoje.

A8: Eu acho que repetir quinhentas vezes uma palavra “agrícola” em latim não vai adiantar em nada na vida daquelas pessoas. Por isso que os ex-alunos que já morreram pedem para eles aproveitarem realmente o dia, porque aquilo é um regime, eles não têm como sair dali, os pais obrigam eles a ficarem ali, eles tem que obedecer ordens o dia inteiro. O que realmente vai adiantar daquilo? Nada.

A6: Eu acho que esse negócio de pressão, às vezes, eles realmente põem pressão mas a escolha é sua se você vai aceitar ou não essa pressão. Eu por exemplo não estou nem um pouco pressionado em passar no vestibular.

A12: Eu acho que a visão que o filme mostra é que a escola na verdade é uma prisão, tanto que o professor fala “eu estudei aqui e eu sobrevivi”. Em nenhum momento a preocupação da escola é em formar aqueles jovens capacitados para a vida, para poder tanto no meio familiar como profissional em como viver e agir da melhor forma. Hoje em dia não adianta ser um bom profissional se você não é sociável, se você não sabe lidar com as pessoas que estão a sua volta. E eu acho que tem colégios e faculdades que tem essa diferença. Por mais que o mundo seja competitivo a gente tem que se voltar para a formação do cidadão.

A7: E concordo em partes com o A1, eu acho que o colégio tem que preparar a gente para um mundo com pressão, mas eu acho que o filme traz uma ideia contrária. Apesar de toda essa pressão, nós estamos inseridos nisso mesmo e não tem como sair, mas o autor quer mostrar para gente aproveitar as

pequenas coisas dessa pressão. Isto vai acontecer e é contínuo mas a gente pode tirar proveito de alguma coisa disso.

A4: O que a A12 falou, que o colégio é um inferno. Os quatro lemas que eles falam, os alunos mudam para totalmente o contrário. A parte mais humana é como o A2 falou com uma professora: Ser médico, sem ser humano não dá. Tem que ter o contato, tem que ser mais humano.

A9: Infelizmente é o mundo que a gente vive. Eu acho que a questão dessa competição é tudo porque a gente não nasceu para viver, a gente nasceu para produzir. A produção de dinheiro é mais importante do que você aproveitar os momentos da sua vida. Infelizmente eu concordo com o Renan, é o mundo que nós estamos, a gente tem que estar preparado porque é um mundo competitivo. Competitivo porque a gente tem que produzir e isto é um ponto muito triste.

P: Sem dúvida a gente vive num mundo de pressão, sem dúvida é um mundo competitivo, mas será que mesmo nesse mundo de competição não é possível conseguir encontrar um tempo para a reflexão e para o humanismo?

A11: Eu ia falar o que o A9 falou. Eu acho que a escola tem que preparar a gente, infelizmente é o que o A1 falou, mas quem faz o mundo somos nós, então por que temos que viver nesse mundo? A escola reflete o mundo, então o problema pode ser maior que a escola, o problema pode ser o mundo que a gente vive.

A6: Eu acho que não existe esse negócio da gente ser obrigado. A gente faz porque a gente quer. Realmente se a gente falasse “não vou pra escola”, seria algo muito radical e muito difícil. Não é necessário viver na rotina, a gente quer essa zona de conforto, é melhor pra gente, mas a gente não é obrigado. Uma vida fora da rotina, uma vida diferente é muito mais difícil.

A13: No filme, tem as crianças novas que vão estudar no colégio. Elas veem aquilo como imposição dos pais, tanto que tem algumas estavam chorando e a mãe fala para ele parar de chorar e para ele fazer as lições. Isso é imposição dos pais que querem controlar a vida das crianças e as crianças não querem decepcionar os pais, como o caso do menino que o pai mandou ele abdicar de

algumas atividades extracurriculares e o menino falou que iria aceitar porque ele não queria decepcionar o pai e enquanto ele estivesse na escola a vida era o pai que controlava e a partir do momento que ele se formasse ele poderia ter o momento de escolha própria.

A2: Eu acho o ensino médio uma ponte para o mundo adulto porque exerce uma pressão sobre o aluno tanto individual como social pelo meio que ele está e isso leva ao aluno uma percepção do que ele quer para a vida futura dele e isso é muito bom porque a competitividade no mundo adulto é alta, pode se comparar até a uma selva.

A14: O que o A13 falou sobre a imposição dos pais não é uma questão de querer controlar os filhos e sim uma precaução para o futuro porque eles têm a visão que se o filho se dedicar, se for um bom estudante, ele vai entrar numa boa faculdade, vai se tornar um bom profissional e assim o futuro dele é como se já estivesse traçado. É uma precaução.

A15: Eu concordo com o A13 porque os alunos que estavam naquela escola não queriam estar lá mas eles estavam lá por algum motivo e fica claro na hora em que o menino larga do anuário do livro que é o pai que está obrigando ele a entrar lá. E quando eles falam das profissões de banqueiro, administrador, médico, advogado... são profissões muito certas, é certeza que vai dar certo. Mas nenhum deles está estudando para ser artista. Eles estão lá para ter uma profissão segura que provavelmente os pais impuseram e ninguém perguntou se eles queriam mudar, fazer alguma coisa diferente, tentar pintar um quadro. "Não, você vai ser advogado e você vai estudar para ser advogado e ponto!"

P: E com esse tipo de formação que eles recebem no filme, vocês acham que eles são capazes de mudar alguma coisa?

Turma: Não...

A15: Eu acho que eles vão seguir uma regrinha, vão entrar na faculdade, vão estudar pra caramba, vão ser advogados, mas serão aqueles advogados que decoraram tudo e só. Eles não vão tentar mudar nada.

P: O filme tem dois momentos que mostram a sala de aula. Um primeiro momento com aquele grupo de professores iniciais, e um segundo momento com o novo professor de literatura inglesa, John Keating.

A6: Ser pai é uma coisa muito difícil, saber o que é bom para ele. É preciso guiar no começo, o problema é ficar guiando muito. Na hora que ele sabe o que quer, não dá pra ficar impondo outras coisas.

A16: Sobre o que a A15 falou sobre as profissões, de querer sejam advogados, engenheiros. Hoje em dia, certas profissões foram banalizadas e subjugadas. Você tem que dividir o que você quer em hobbies e profissões: Você faz História ou Direito? A gente não tem essa liberdade, tem um certo preconceito com outras profissões.

A9: Quando você fez a pergunta sobre os momentos para reflexão neste mundo de produção, se a gente não poderia ter momentos de pensamento próprio, eu pensei como que uma pessoa que está simplesmente presa e olhando só pra frente consegue ter momentos de reflexão própria? A vida inteira ela foi ensinada a decorar, a repetir o processo que ela decorou. Esse processo de decorar, decora a cabeça da pessoa. Faz ela ficar presa justamente a uma coisa só, porque pra ela aquilo é sinônimo de sucesso, de que tudo vai dar certo para ela. Os momentos de reflexão ficam presos. E quando você falou da diferença dos professores, se eu entendi direito, aquele professor já estudou naquele colégio. O professor que estudou nesse colégio é o mesmo professor que está sussurrando no ouvido dos alunos para aproveitar mais. Ou seja, mais uma vez uma pessoa que está de fora da situação, que já passou pelo processo, olhando o que está acontecendo e dizendo “aproveitem mais”.

A7: Falando de novo sobre imposição, eu acho que os pais não fazem isso de um modo ruim. Eles visam só fazer o melhor para os filhos, querem o bem deles. Eu acho que muitos pais já passaram por dificuldades e querem que os filhos tenham um futuro melhor do que eles tiveram. Tudo bem que essa imposição é feita de um jeito ruim, mas querendo ou não é um jeito de demonstrar carinho, demonstrar amor. E voltando ao assunto do Otávio, eu acho que eu concordo com ele, porque sim, no ensino médio a gente tem

competição com outros colégios e até indiretamente entre a gente existe competição, quando a gente faz um simulado e comentamos quanto tiramos, às vezes nem comentamos porque nos sentimos inferiores. Competição na nossa vida está sempre acontecendo mesmo que indiretamente.

A1: Eu concordo com a A7 sobre a imposição dos pais que é um modo de se preocupar com os filhos. Quanto às profissões que a A15 falou, engenharia, medicina... são as mais importantes porque elas tem maior função social do meu ponto de vista. Moda, pintura... posso estar sendo bem ignorante em falar isso mas não tem tanta função social como estas outras. Por isso os pais querem isso dos filhos, porque são mais importantes.

P: Calma pessoal. A afirmação foi polêmica, mas vamos debate-la, ok?

A2: Eu discordo dessa visão do A1, toda matéria, toda disciplina tem uma função. Foi um tanto quanto preconceituosa essa visão. Não se pode partir desses pressupostos. Todas tem função social, acontece que umas são mais aparentes que outras e há o critério de seleção, o critério de importância, é você quem escolhe o que é importante para você. Outra coisa, a imposição dos pais pela escola deve ser obrigatória porque a escola prepara para a vida e eu era um garoto antipático, introvertido, horroroso e eu não gostava disso. Eu vivia no meu mundinho com poucos amigos e aí a escola me impôs a ficar com um bando de estranhos que eu não conhecia e foi muito bom. Esses estranhos não são mais estranhos, são agora pessoas que marcaram a minha vida. A escola tem um caráter humanitário que impõe a convivência e isso deve ser obrigatório. Não é só fazer continha de matemática na lousa ou falar um poeminha de literatura... não, convivência. Convivência é o mais importante que eu acho.

A6: Voltando para o filme, tem uma hora que o professor fala “eu sobrevivi ao inferno”, então ele fala que pra ele o colégio foi o inferno, tanta pressão, tanta imposição. A imposição pode dar certo pra algumas pessoas e pra outras não. Pode ser que você crie pessoas revoltadas. Como o A2 falou, todas as profissões possuem sua importância social. Antes não havia profissões preocupadas com o meio ambiente, mas agora estas profissões preocupadas

com a preservação ambiental estão crescendo. Daqui a alguns anos pode ser como direito ou medicina. Eu, por exemplo, quero fazer oceanografia.

A8: Eu acho que mesmo eles estando naquela escola em que eles são bitolados e não eles conseguem fazer nada, eu acho que eles conseguem pensar de uma maneira diferente, tanto que quando eles tiram sarro dos quatro pilares da escola, eles estão pensando de uma forma diferente, de ver o mundo de uma maneira diferente. Eu acho que toda a profissão tem sua importância social. Não é só porque um engenheiro constrói uma ponte que atravessa um rio, que uma pessoa que vai desenhar sua roupa não tem importância. Tem diferenças óbvias, você pode construir uma ponte e melhorar a sociedade mas um ator pode ter uma função social muito maior de te fazer refletir, de te fazer questionar sobre sua vida, ele vai te fazer pensar.

A17: Eu acho que o problema não é ensinar a competir, pode ensinar a competir mas não pode deixar de lado outras coisas. O problema da educação é a desumanização das pessoas. E também, o modo como nós somos avaliados, por exemplo, um vestibular, isso é a coisa mais injusta do mundo. E também o problema é a preferência óbvia que o sistema de educação dá pra certas matérias, por exemplo exatas. Tudo bem, quem gosta de exatas adora, porém tem coisas que são deixadas de lado como artes, pintura e filosofia e sociologia que pessoas que tem habilidades nessas coisas se sentem inferiores e aí saem em desvantagem. Deveria igualar, deveria ter um número igual de exatas, humanas e biológicas para todos saírem felizes e também o sistema de avaliação melhorar.

A7: Também acho!

A11: Como a A17 falou, eu acho que o vestibular é muito injusto, porque eu acho que todo mundo tem direito de fazer a profissão que quer, que acha que é certo para si. Por exemplo, eu quero fazer medicina mas eu não tenho condições de fazer uma faculdade particular. Eu tenho que me matar, competir com não sei quantas mil pessoas que estão fazendo a quatro ou cinco anos um cursinho para passar e se eu conseguir passar, aí eu posso fazer a faculdade que eu quero, se não, não. Em relação às profissões, eu acho que todas são muito importantes no mundo em que a gente está hoje. Estamos falando de

muita pressão, o mundo é competitivo e estamos ficando loucos. Mas existem muitas profissões que nos ajudam a enxergar e pensar sobre nós mesmos, como os psicólogos que fazem a gente enxergar o que não conseguimos ver sozinhos.

A18: Eu discordo com a visão do filme de que a escola ensina algumas coisas que você acha que não vai usar, mas na realidade abre sua cabeça e te faz pensar de diferentes maneiras. Eu estive pensando sobre isso nesses dias e perguntei para o meu pai “Para que você usa cálculo III na sua vida? Ele falou, para nada, mas um engenheiro pensa muito diferente de um médico. Então o conhecimento faz o ser humano”. Eu acho muito errado falar que o vestibular é injusto. Só tem vestibular, porque não tem vaga para todo mundo. Injusto é você colocar um cara que é pior do que você numa vaga que poderia ser sua e que poderia te fazer melhor que o outro.

A4: O negócio que o A1 falou, toda profissão é importante. A questão da medicina ser vista como mais importante é porque o médico ganha mais. Mas o ator é importante, como a Bia falou. Se a gente não tivesse visto o filme a gente não estaria discutindo isto agora. Foi um ator que fez isso e não um médico ou um advogado.

A2: Gostaria de pegar um gancho no que a A8 falou sobre arte e cultura. Eu estava observando a novela ontem e eu nunca vejo novela, mas eu fiquei bastante abalado com essa novela. Eu vou ser um pouco preconceituoso agora mas depois eu vou desmanchar essa visão. Tem um cara chamado Felix na novela que é um viado chato, e eu pensava isso... viado chato que fica causando polêmica. Mas depois que ele desabafou eu pensei “nossa, tudo aquilo é decorrente de um sentimento pessoal totalmente conturbado que ele tinha, uma visão egoísta que ele tinha, ele não era puramente mal, ele só foi, digamos, abandonado. E esse papel social dos atores é muito importante. Olha o papel que o cara que interpreta o Felix fez... Olha o contorno que ele deu, desde o vilão até o pobre coitado chorando no chão. Eu fiquei um pouco comovido com ele.

A6: Eu acho que vestibular é injusto porque uma prova não mede seus conhecimentos. Eu acho que ninguém é melhor que ninguém e uma prova não

mede se você é melhor do que o outro para entrar na faculdade, que um é mais burro e que o outro sabe mais. Uma prova não mede seus conhecimentos.

A7: O A18 falou que vestibular é justo e tal, eu acho que você tem que estar em um curso que tenha pessoas aptas para exercer aquela profissão, mas acho que injusto não é o vestibular, injusto é a gente não ter faculdades suficientes para suportar a quantidade de pessoas que querem fazer essa profissão e que conseguem, que tem capacidade intelectual pra isso.

P: Ainda considerando o filme e pensando no colégio que vocês cursaram o Ensino Médio, vocês acham que ele está mais voltado para o primeiro grupo de aulas apresentadas no filme ou para o novo professor que chegou na sala?

A2: Tanto com um quanto o outro. Ambos são importantes. A visão humanitária é importante tanto quanto a visão disciplinar. O colégio em nenhum momento me tratou como um número. Todos os professores sabem meu nome, não se se é porque a escola é pequena, ou pelo cuidado, pelo carinho que tem com a gente.

A3: Eu acho que na escola é meio misturado, a gente tem aula de Sociologia com você que é parecido com o novo professor do filme, tem algumas aulas em inglês que é separado. Os professores se preocupam em passar conteúdo, mas também não deixam a leveza de lado.

A10: Eu acho que embora os dois sejam importantes, o ensino médio em geral no Brasil, dá um foco maior para o primeiro grupo de professores do filme e não só aqui, como em outras escolas, o foco principal é o primeiro grupo de professores que é formar uma pessoa que possa passar no vestibular e poucas são as escolas que dão importância pro outro grupo de professores. Mesmo que um professor que é de, por exemplo, matemática, tentar fazer alguma diferente para ser um pouco mais humano, ela pode ser cortada por estar fugindo do cronograma ou por não dar tempo de dar uma matéria importante. Então eu acho que a educação que a gente recebe, o foco das escolas que a gente tem é sim igual ao primeiro grupo de professores do filme.

A9: Eu acho que a gente não precisa ser nenhuma pessoa especialista em análise para saber que o primeiro bloco de professores é priorizado. É só você

olhar a grade curricular de qualquer colégio, principalmente no ensino médio que você vai obter a resposta. É simples, é direta, você não precisa analisar muito a fundo, é só olhar a grade curricular que você já percebe a discrepância na prioridade dos professores.

P: E o que você pensa disso?

A19: O que eu penso? Bom, para mim, olha eu acho totalmente errado, porque nos meus valores, sobre o que eu conheço sobre mim, os dois blocos de professores tem a mesma importância, tem o mesmo significado.

A8: Eu acho que este colégio tem como papel colocar a gente na grade horária padrão, ele tem que ensinar certas coisas mesmo que a gente não queira... ele vai ter que ensinar, mas mesmo assim ele dá uma visão mais humana pra gente. Ao colocar aula de Sociologia e Filosofia, eles nos fazem mostrar que não é só isso, que tem um outro lado do mundo que você tem que enxergar, que você tem que refletir e realmente pensar. Eu acho que ele dá esse humanismo pra gente.

A4: Como você disse na aula outro dia, a gente tem que ter estas aulas de exatas, porque são as que mais caem no vestibular, isso é fato. Mas também, antes de você se tornar um intelectual, uma pessoa influente na sociedade você tem que se tornar um cidadão. Você tem que ser humano, você tem que se dar bem com as pessoas.

A6: Pensando no filme, o discurso dos primeiros professores é um discurso que agradava os pais. No começo o diretor fala que 75% passou no vestibular, passou em universidade boa, então acho que esse primeiro grupo de professores representa um discurso para os pais.

A7: Como a A8 falou, o colégio tem Sociologia e Filosofia e isso abre várias portas, mas para ser bem honesta eu só comecei a dar atenção para Sociologia e Filosofia a partir do 2º ano porque no 1º ano eu decorava a matéria tanto quanto as outras matérias para passar de ano e não para realmente me interessar e me aprofundar na matéria. Eu acho que além de Filosofia e Sociologia, o colégio não dá muito foco para os esportes, que é uma coisa que deveria estar inserida na grade curricular, que está indiretamente,

mas não está porque ninguém faz. Está lá para gente mas a gente não tem disponibilidade de horário pela rotina corrida para fazer esportes e se interessar por isso.

A11: Em relação ao que o A1 falou de que o colégio tem que preparar para a pressão lá fora... Eu, quando saí deste colégio, eu saí e voltei, fui para outro que era exatamente isso que o A1 falou, mas não havia um preparo para cair neste mundo louco. Lá você é só mais um. Para você ter algum destaque, para você se sentir alguém, você tem que se destacar, você tem que fazer alguma coisa muito diferente de todo mundo, ser o melhor do colégio para alguém te olhar e a diretora te olhar, te dar bom dia e saber seu nome. Eu voltei para o colégio porque não estava querendo ser preparada ainda para esta pressão, para este mundo; eu queria aproveitar mais um pouquinho para ser alguém em algum lugar. Eu acho que este colégio não prepara para esta pressão toda e eu gosto disso, por isso que eu voltei. Eu acho que todo mundo tem que passar por este carinho e atenção do colégio, porque a gente não vai ter depois, então tem que aproveitar enquanto pode ter isso.

A1: Eu gosto muito desse colégio por ele não me tratar como número, mas também acho que por um lado isso é ruim, porque no mundo a gente não vai ser tratado pelo nome, a gente vai ser um número. Se a gente for melhor, a gente vai ser chamado pelo nome, só se a gente for melhor. Esta é a condição, não tem outra. Se não seremos número.

A10: Em relação ao colégio, não é a escola que decide a grade, os horários... onde eu vejo a tentativa do colégio de fazer algo diferente é com o PAC, que faz a gente receber uma nota que é fácil, mas com coisas que você pode escolher, coisas culturais, coisas diferentes. É nesse ponto que o colégio se importa e tenta fazer alguma coisa diferente do que é imposto para ele.

P: *Entramos numa área que é um ponto chave para mim... A escola ajudou para sua formação como pessoa? Como?*

A10: Eu acho que não tem como a escola não ter ajudado a gente, porque a gente passou a vida inteira na escola. Então, o que a gente vive na escola é a pessoa que a gente vai ser. Tanto com as relações, tanto com os trabalhos em

grupo, tanto com as provas, tanto com todas as coisas que a gente é exposto, a gente tem que aprender a ser uma pessoa porque a gente vai viver 16 ou 17 anos da nossa vida aqui. Então se a gente não aprender a ser uma pessoa na escola não tem como. E eu acho que algumas aulas de reflexão e algumas aulas de exatas também ajudam a gente se formar como pessoa.

A17: O que forma a gente é o dia a dia e as relações que agente tem, os conflitos, conflitos internos, como a gente sai disso, como a gente busca saídas, eu acho que tudo isso forma caráter. Não necessariamente formação acadêmica e intelectual, o convívio com as pessoas é a base de tudo, saber como lidar com as pessoas, com as diferentes pessoas, com grupos. Tudo isso é importante para formar uma pessoa com caráter

P: E a escola ajuda para isso?

A7: Com certeza, porque o dia-a-dia de todo mundo é aqui na escola.

P: Mas você fala da escola como espaço físico, ambiente ou como aula?

A7: Acho que ambos. Ao mesmo tempo em que estamos na sala e alguém faz uma piada e você não gosta, você tem que saber lidar com isso, ou você atinge a pessoa também ou você segura. Isso é formação de caráter. No intervalo quando você está conversando com as pessoas sobre algum assunto e de repente chega outra pessoa e começa a falar de algum outro assunto você pode criticar ou respeitar, aceitando que aquilo pode ser uma forma de adquirir cultura para você também.

A8: Eu acho que a escola ajuda a mostrar valores, ela tem como mostrar exemplos de alunos e professores. Às vezes vejo uma pessoa e penso “nossa, não quero ser como essa outra pessoa”. Ela me ajudou como formação de valores e caráter, me ajudou muito como ser humano por mostrar como pode ser outra pessoa e eu não querer isso.

A9: Vou falar um pouco de um caso pessoal. Eu mudei de colégio duas vezes e ambas as vezes eu consegui perceber como as pessoas são diferentes e isso é o que mais enriquece a gente, isso que forma nosso caráter. Até no mesmo colégio, mudando de sala, é impressionante a diferença que você de

pensamento de opiniões para uma mesma coisa, eu acho que o caráter a gente forma absorvendo essas pequenas coisas que a gente percebe e o colégio foi primordial para eu poder criar a minha opinião e o meu caráter.

P: Mas onde reside a contribuição do colégio para a formação da pessoa?

A10: Eu acho que a escola ajuda a gente a se formar como pessoa, porque a gente vive na escola. Mas eu acho que se a gente vivesse em outro lugar, a gente seria criado da mesma forma. Então eu acho que o que cria a gente não é a escola, é o meio, são as pessoas. Eu acho que os professores criam a gente, os professores orientam. Uma pessoa que foi criada numa escola vai ter uma cabeça diferente de uma pessoa que foi criada, por exemplo, na favela, mas eu acho que a criação do ser humano não é feita pela escola, ela é feita pelas pessoas que estão na escola e eu só acho que a escola forma a gente como ser humano porque a gente está na escola, porque se a gente não estivesse outra coisa faria o mesmo papel.

A6: Eu acho que talvez a escola influencie sim, mas depende da personalidade. Se alguém for para uma escola muito aberta, para um cara que gosta de liberdade, talvez dê certo. Mas se for para uma escola fechada, onde não se pode fazer nada, o cara ficaria revoltado. Isso influencia muito. Uma pessoa da favela que tenha uma personalidade calma talvez não se revolte, uma pessoa de personalidade mais agitada poderia se revoltar.

P: Outra questão, vocês sentem que a escola contribuiu para a vida de vocês, por que?

A7: Sim, se a escola está me ajudando a formar o meu futuro, então ela está me direcionando, talvez não pelo caminho certo, mas para uma primeira tentativa para o rumo da minha vida. Sim, ela ajuda a formar a minha vida.

A2: Com certeza. Conforme eu já havia dito, eu era um cara introvertido, não gostava de sair com os amigos, não saía, não fazia nada e foi muito bom a escola para mim. Eu comecei a viver com essas pessoas e agora sou mais extrovertido. Hoje eu posso falar que antigamente eu não falaria em público, de forma alguma, eu ficaria quietinho. Hoje eu já consigo falar, sem aquele calafrio

que bate quando a gente vai falar. Isso me faz muito melhor, é uma situação de liberdade.

P: Na opinião de vocês, para que serve a escola e o ensino médio?

A10: Eu acho que até você chegar no 9º ano a escola quer formar você como uma pessoa e quer formar você pra você aguentar o ensino médio. E quando você chega no ensino médio, você já tá uma pessoa, já foi, já acabou, então agora tem que se preparar para você passar no vestibular. Não importa se tenha uma pessoa que fez... Quando você tá numa escola, você está no 2º colegial e o 3º colegial tá se formando e alguém faz algum comentário, ninguém comenta assim: “ah, o fulano fez tal ação social, ele foi fazer não sei o que, foi ajudar criança”, ele fala “nossa, ele passou na USP, nossa ele passou numa faculdade muito boa”. Ninguém fala de coisas que as outras pessoas fizeram. Falam de aspectos que a escola conquistou, “a escola passou uma pessoa na USP”. Então eu acho que a escola forma a gente pra passar no vestibular, o ensino médio.

P: E o que você acha disso?

A10: Eu acho que no mundo que a gente vive tem que ser assim. Pelo mundo que a gente vive a escola tem que ensinar a gente a passar no vestibular, como o A1 disse. Eu vou encontrar pessoas competitivas, eu não vou encontrar pessoas que vão passar a mão na minha cabeça, eu não vou encontrar pessoas que vão me dar auxílio. Então, tem que ser um exemplo pra ser mesmo doloroso no futuro. Mas se eu pudesse mudar alguma coisa seria ter mais aspectos sociais. Colocar mais um ano de colegial que assim todo mundo reclama que a gente sai da escola muito cedo pra decidir a nossa profissão. Então talvez colocar um ano a mais e deixar três anos um pouco mais leve, competitivo, mas com olhares diferentes e não formar a gente pra passar na USP, formar a gente pra ser alguém na vida como pessoa, não como trabalhador.

A9: A escola, na minha opinião, forma máquinas para produzir. Isso que é o papel da escola hoje. Eu estou falando da grande maioria dos colégios, mas é claro que existem as exceções, mas se você parar para ver, os colégios mais

caros são aquelas que conseguem com maior eficiência produzir máquinas para produzir, para gerar riqueza. É isso que eu acho da escola.

A8: Eu acho que a escola é a base da nossa vida, tanto que a gente cresce na escola e a gente aprende muita coisa aqui, não só conta de matemática ou ler e escrever. A escola mostra valores. A escola agrega valor à nossa vida e eu acho que eles ensinam a gente a conviver em grupo, porque estudar em casa você não tem referências, você não tem que conviver com outras pessoas, mas estudar em uma sala, você tem que aprender a respeitar os outros, a opinião alheia, eu acho que é isso que a escola tem que fazer.

P: O que pra vocês significa ser pessoa? Quando vocês falam em “formação como pessoa”, o que é ser pessoa? O que nos faz pessoas?

A9: Nossa, pergunta difícil. É igual a pergunta da aula, “o que é tempo?”

A6: Eu acho que ser pessoa é ser nós mesmos. Não ser diferente, não ser alguém que a gente não é, não ser algo que alguém quer que a gente seja. Isso é ser pessoa.

A7: Eu acho que ser pessoa é respeitar o próximo, é ter atitudes que façam você viver em sociedade bem, é aceitar qualquer pessoa independente de raça, cor, é saber viver em sociedade e ter caráter acima de tudo, ter valores sentimentais.

A14: Eu acho que todos nós somos pessoas, não importa se você tem um bom caráter ou se você tem um mau caráter. Todos nós somos pessoas. A gente teve uma formação, a gente não veio do nada. Mesmo se a gente não frequentou a escola, a gente aprendeu com alguma coisa. Mesmo que seja sozinho, em casa, trancado no quarto, a gente pensou. O que o pessoal tá discutindo é seu o meu caráter é compatível com o seu. Se os meus valores são compatíveis com os seus, mas isto não te torna uma pessoa, isso só te torna uma pessoa que eu me identifico.

A18: Na minha opinião, volta o conhecimento novamente. O que torna uma pessoa é o conhecimento, é o que nos difere dos outros animais no geral. É o que nos faz pensar e que vem fazendo a diferença.

A16: Eu concordo com o que a A14 falou, mas eu acho que o que nos torna pessoas é a busca pela felicidade, que é o que a gente discutiu o ano inteiro.

A12: A minha opinião encaixa entre o ponto de vista da A16, que é um extremo de qualquer pessoa, ela está sendo uma pessoa a partir do momento que independentemente de onde ela viva, no ambiente que ela conviva, ela tem uma forma de reflexão e de que a pessoa é aquela que tem conhecimento e que busca e exerce certos valores. Mesmo estando em casa sozinho você tem alguns valores consigo de que você tenha visto de alguma forma, seja na televisão, na rua, nos seus parentes, que são bons e da forma da pessoa que estuda e que tem o conhecimento e maior capacidade de discernimento pra julgar o que é certo e o que é errado. Definir pessoa é uma junção dos dois.

A10: Eu acho que se eu tivesse que definir em uma frase o que é ser uma pessoa, eu diria que é encontrar a sua identidade.

A9: Ser pessoa é você ter consciência da diferença e você talvez não aceitar, mas você respeitar. Essa é a diferença.

A7: Pra mim eu estou falando de ser pessoa por um lado muito mais espiritual do que intelectual. Porque eu acho que para você ser uma pessoa, você não precisa ter conhecimento, desde que você tenha respeito pelas outras pessoas, você não precisa ter conhecimento avançado. Eu acho que a gente convive com várias pessoas que não tem tanto conhecimento como a gente, mas são pessoas do mesmo jeito. Se elas tiverem respeito ao próximo, eu acho que isso é suficiente par você conseguir viver em sociedade e estar inserido nessa sociedade.

P: Como para vocês seria a escola perfeita, a escola ideal? O que teria que ter? Ou ela já é ideal?

A12: Eu acho que a escola ideal é difícil porque o meu ideal vai ser diferente do seu, vai ser diferente de qualquer pessoa. Eu só acho que uma coisa que da escola que desagrada todo mundo é porque nós somos limitados pela nossa idade, e nem sempre a nossa idade é o que limita o nosso conhecimento, o nosso desenvolvimento em relação a área artística, exatas... Eu acho que uma escola que separasse os alunos conforme o desenvolvimento deles em certas

matérias, a gente poderia usufruir mais, aproveitar melhor o tempo, inclusive no ensino médio.

A16: Assim como a A12 falou que é difícil achar uma escola ideal, mas eu acho que para dar uma bela melhorada, atribuir outros valores também além do acadêmico, valorizar os esportes, ações sociais...

A15: Eu acho que a escola deveria preparar mais pra vida mas não no sentido de passar na faculdade. No sentido de te ensinar coisas sobre vida. Eu vou sair daqui, se um dia eu for morar sozinha, eu não sei cozinhar arroz, eu acho que é função da minha mãe, mas a escola poderia ter aulas mais “vida, culinária... aulas sobre imposto. Eu não tenho a menor ideia do que é imposto de renda, eu nem sei o que eu tenho que pagar para o governo. A escola deveria nos preparar mais para isso.

A14: Uma escola ideal deveria ter a divisão exata das matérias, não valorizando umas mais que outras. Ter a mesma quantidade de aulas de matemática e de filosofia, por exemplo. Cada um de nós é diferente.. Eu posso valorizar mais a parte das exatas, e você mais a parte das humanas, as isso eu vou descobrir, você não pode impor isso sobre mim, então tem que ter essa divisão exata para eu poder me descobrir e ver o que é melhor pra mim, mas pra isso eu tenho que conhecer tudo.

A8: Eu acho que a escola ideal, ela tem que passar algum conforto para você, alguma sensação de segurança. Como todo mundo já disse, eu acho que deveria ter a divisão igual de matérias.

A7: Eu não sei como seria uma escola ideal, mas eu sei algumas coisas que para mim me ajudariam muito a ter passado por estes três anos de uma forma mais gostosa. Primeiro, o sistema de notas, o sistema de avaliação poderia ser diferente, poderiam valorizar tudo o que vocês fez todos os anos da sua vida, tudo que você construiu e não só uma prova que essa prova vai julgar se você está apto para entrar no lugar de outra pessoa, se você é melhor que ela. Eu acho que tudo que a gente vive, inclusive nos 3 anos de colegial, deveria ser valorizado na hora de dar nota, e anota não ser o mais importante. Não ser a nota de uma prova. Deve ser o que o professor sabe que você sabe. Outra

coisa que seria legal, seria ter caminhos alternativos. Eu ouvi uma moça falando que nos Estados Unidos tem alguns caminhos alternativos se você não quer fazer uma escola. Você faz até o 8º ano com certeza, depois você pode escolher se vai cursar o ensino médio ou se vai fazer alguma outra coisa, e isso dá valor para as pessoas que não são como todo mundo, porque ninguém é igual a ninguém. Isso dá uma abertura para as pessoas serem o que elas são e não terem que se encaixar num padrão.

A6: Eu acho que tem coisa mesmo que tem que aprender na vida e não na escola, mas acho que a escola podia ter mais opções. Eu queria fazer algumas atividades voluntárias em ONGs e eu não sabia como, acho que a escola poderia ter uma área para te ajudar a te introduzir nisso.

A19: Eu acho que a escola te aponta o caminho mas não te ensina a chegar até ele. Aponta como você deve viver, como ser pessoa, ser uma pessoa humilde, pensar mais nos outros, em ações sociais...

A11: Também não sei como seria a escola ideal mas eu acho que tinha que ter na escola, sem querer puxar o saco, mais professores como você. A gente tem que estudar pra ser alguém nesse mundo que é hoje, ter uma função boa pra se dar bem na vida, porque não tem como fugir disso hoje em dia e pra escola ser uma coisa mais gostosa, deveria ter mais professores como você que fazem a gente se interessar por essas matérias que a gente tem que aprender, por exemplo, química. Os meninos gostam de academia, então a professora poderia falar sobre as proteínas, como elas agem no organismo, ou o porque comer proteína faz com que eles fiquem mais fortes, dessa forma a gente se interessaria mais por isso, faria a gente se interessar pela matéria porque é uma coisa legal. A gente iria aprender não porque tem que passar no vestibular, mas porque é uma coisa legal, é interessante.

P: *Vocês acham que a relação professor-aluno é importante? Que tipo de relação tem que ser essa?*

A2: A relação professor aluno tem que ser uma relação amistosa, como você tem com a gente, mas que não permita muita liberdade, se não pode desvirtuar pra outro lado, por exemplo, brincadeiras indevidas. Mas também não pode ser

aquela relação seca de passar muito conteúdo na lousa, sem dizer uma palavra e tratar os alunos como se fossem números. Deve ser um equilíbrio de expor os conteúdos e ser amigo.

P: A relação professor-aluno é importante?

A1: Acho que a relação professor-aluno é muito importante para o aprendizado pros dois lados, porque não é só uma pessoa que aprende, não é só uma pessoa que passa conhecimento. Ela é importante pros dois lados. Ela não pode ser hierárquica, ela tem que ser horizontal, porque se não fica ruim.

A6: Eu acho que a relação professor-aluno tem que ser de respeito e acho que tem muito professor que não ouve o aluno, deveria ouvir mais.

A9: A relação é importantíssima. O A1 já falou que não pode haver hierarquia. Mas também é importante o professor ser do jeito que ele é. Isso nos ensina muito. Os professores se relacionam com a gente de formas diferentes e com isso eu estou aprendendo a respeitar como a pessoa é e isso é importante porque você conhece a diferença e consegue se relacionar direito com essa diferença, sem faltar respeito. Essa diferença é importante, mas tem que ser de uma forma horizontal.

A7: Assim como os dois falaram eu acho que tem que ser balanceada mesmo e tem que ter respeito. Eu acho que quando você tem uma proximidade com o professor, tem amizade, eu acho que flui melhor a relação, você se interessa mais. Eu acho que não pode ser tão próxima também, porque apesar de ser seu amigo, continua sendo seu professor. Mas eu acho que se a relação for de amizade, você acaba respirando mais conhecimento e a pessoa que tá te dando aula até tem mais prazer de dar aula.

P: Então influencia diretamente na educação?

A7: Eu acho que sim, porque eu não me sinto à vontade, não me sinto concentrada e nem interessada numa matéria onde eu não goste do professor. E eu tenho certeza de que ele vendo que os alunos não estão interessados, ele também se sente desconfortável para passar esse conhecimento.

P: Para encerrar eu vou deixar livre para se vocês quiserem falar mais alguma coisa que vocês não falaram, ou quiserem fazer algum comentário sobre a pesquisa.

A4: A importância da relação. A gente sempre pensa “o aluno tem que conversar mais com o professor”. Eu acho o contrário, o professor tem que falar mais com o aluno. O professor tem que ir atrás dos alunos para tentar agradá-los. Se nenhum dos dois for atrás, a aula nunca vai melhorar.

A8: Eu acho que como todo mundo já disse, o professor tem que ter respeito com o aluno e acho que fazer brincadeiras inadequadas ou ficar tirando sarro do aluno na frente de todos não é uma coisa legal. Se o professor logo de cara já começa dessa maneira inadequada com o aluno, não vai dar certo depois no final, não adianta ele tentar mudar, não vai dar certo. Eu acho que da mesma maneira como ele te trata na sala, ele devia falar com os pais também. Porque você pode ser uma coisa na sala, e uma coisa totalmente diferente em casa.

A10: Você falou se a gente tinha algum comentário sobre a pesquisa e eu acho muito interessante você perguntar isso pra gente porque poucas são as vezes que a gente tem que dar alguma opinião e eu acho interessante porque pra dar a nossa opinião a gente tem que ter pensando sobre isso e eu acho que todo mundo aqui pensa muito sobre isso. Então eu acho muito interessante você concretizar isso. Só isso.

P: Pessoal, muito obrigado por tudo, agora cabe a mim fazer a análise de tudo o que vocês me falaram. Por incrível que pareça vocês falaram muita coisa que eu imaginava, muitas outras que eu nem sequer imaginava e coincidentemente muitas coisas que uma outra pessoa já falou, o nome dessa pessoa é Carl Rogers. Carl Rogers foi um psicólogo e um educador e é ele quem eu estou pesquisando no mestrado.